

FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS

de filmes

*Gérard de Nerval | Fedor Dostoievski | Ernest Hemingway |
F. Scott Fitzgerald | Jorge Luis Borges | Ingmar Bergman |
Paul Auster*

Direcção Luísa Costa Gomes | Edição Tinta Permanente

Fora de Série

Pode colaborar com a *Ficções*, enviando os seus contos para: contos-leitores@ficcoes.net

O envio de contos supõe a autorização para a sua publicação, se seleccionados pela direcção da revista, na edição em papel ou na sua versão *online* no *site* www.ficcoes.net

A primeira página dos originais enviados deverá incluir um nome e e-mail para contactos.

Os pedidos de números atrasados da revista devem ser enviados, acompanhados do respectivo cheque de pagamento, para:

Tinta Permanente
Av. Infante D. Henrique, 71
9500-150 Ponta Delgada

Números atrasados (cada):

Do nº 1 ao nº 6	6 Euros
Ano 2003	8 Euros
Ano 2004	10 Euros
Ficções de Humor	3,99 Euros

FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS
Fora de Série Julho 2005

Ficções

ficcoes@ficcoes.net

www.ficcoes.net

Direcção

Luísa Costa Gomes

Revisão tipográfica

Inês Fonseca Santos

Impressão

Manuel A. Pacheco, Lda– Lisboa

Distribuição

Sodilivros

Tiragem

1 600 exemplares

Depósito Legal

182179/02

Edição

Tinta Permanente

tintapermanente@mail.pt

Administração

Empresa de Palavras

Av. Igreja, 9 – 3º Esq.

1700-230 Lisboa

Tel. 296 628 135

© Ficções 2005

Índice

- 5 Gérard de Nerval *Pandora*
- 17 Dostoievski *Submissa*
- 79 Ernest Hemingway *Os assassinos*
- 95 F. Scott Fitzgerald *Babilónia revisitada*
- 129 Jorge Luis Borges *Tema do traidor e do herói*
- 137 Ingmar Bergman *A paixão*
- 189 Paul Auster *A história de Natal de Auggie Wren*

Gérard de Nerval

Pandora

Tradução de João Nuno Martins

Gérard de Nerval (1808-1855) Pseudônimo de Gérard Labrunie. Filho de um médico que fazia então a Campanha da Rússia no exército de Napoleão, Gérard ficou órfão de mãe aos dois anos e foi vagamente educado entre 1822 e 1827 no Collège Royal de Charlemagne, onde conheceu Théophile Gautier, que seria o seu amigo de sempre. Inicia-se na poesia em 1826 e traduz, no ano seguinte, a primeira parte do *Fausto* de Goethe, que muito agradou ao poeta alemão. Em 1829 inicia uma colaboração duradoura com a imprensa, especialmente com o *Mercur de France*, onde publicará poemas, artigos e cenas de peças de teatro. Em 1834, uma herança recebida por morte do avô materno permite-lhe viajar pelo Sul de França e pela Itália, mas, dois anos depois, os problemas financeiros com a revista *Le Monde Théâtral*, que fundara em 1835 para louvar o seu ídolo, a cantora e atriz Jenny Colon, deixam-lhe dívidas pesadas. A partir de 1838, intensificam-se as suas viagens, à Alemanha (com Alexandre Dumas), à Bélgica, a Viena (onde, em 1839-1840, conhece Marie Pleyel, verosímil modelo de *Pandora* e afinal mais uma das instâncias do “feminino” que Nerval perseguiu em imaginação), à Holanda e, em 1843, ao Oriente (Alexandria, Cairo, Beirute, Constantinopla, Malta e Nápoles). Em 1841, sofre a primeira de várias crises nervosas que hão-de valer-lhe outros tantos internamentos e que se agravam a partir de 1852. Enforca-se a 26 de Janeiro de 1855, deixando, entre outras obras, *Les Amours de Vienne* (1841), *Voyage en Orient* (1851), *Illuminés* (1852), *Les Filles du Feu* e *Pandora* (1854), e *Anvélia ou le Rêve et la Vie*, um extraordinário estudo de caso e ficção romântica das suas próprias alucinações (1855).

AMORES DE VIENA¹

PANDORA

Duas almas, ai de mim!, me disputavam o peito, e cada uma delas quer separar-se da outra: uma, ardente de amor, apega-se ao mundo por meio dos órgãos do corpo; um movimento sobrenatural impele a outra para longe das trevas, rumo às altas moradas dos nossos antepassados.

Fausto²

Todos vós a conhecestes, ó meus amigos, à bela Pandora do teatro de Viena! Decerto ela vos deixou, tal como a mim, cruéis e doces lembranças! Era talvez a ela – era a ela, na verdade – que se podia aplicar o indecifrável enigma gravado na pedra de Bolonha: *ÆLIA LÆLIA. – Nec vir, nec mulier, nec androgyna*, etc. «Nem homem, nem mulher, nem andrógina, nem menina, nem jovem, nem velha, nem *casta*, nem *louca*, nem pudica, mas tudo isso numa só...» *A Pandora*, enfim, e está tudo dito – pois não quero dizer tudo.

Ó Viena, a bem guardada, rocha de amor dos paladinos, não possuis a taça abençoada do Santo Graal místico, mas o *Stock-im-Eisen*³ dos bravos companheiros! A tua montanha de íman atrai invencivelmente a ponta das espadas, e o Magiar cobiçoso, o Boémio intrépido, o Lombardo generoso morriam para te defender aos pés divinais de *Maria-Hilf*!

Não pude eu mesmo cravar o prego simbólico no tronco carregado de ferro (*Stock-im-Eisen*) assente à entrada do Graben, à porta de um joalheiro; mas verti as minhas lágrimas mais doces e as mais puras efusões do meu coração pelas praças e pelas ruas, sobre os baluartes, nas alamedas do Augarten e sob as árvores do Prater. Enterneci com os meus cantares de amor as tímidas corças e os faisões domesticados. Passei os meus devaneios pelos declives relvados de Schoenbrunn. Adorava as pálidas estátuas destes jardins coroados pelo *Pavilhão* de Maria Teresa, e as quimeras do velho palácio arrebataram-me o coração enquanto admirava os seus olhos divinos e esperava beber do seu seio de mármore resplandecente.

Perdoa ter surpreendido um olhar dos teus belos olhos, augusta arquiduquesa, cuja imagem eu tanto amava, pintada no letreiro de uma loja. Lembravas-me a outra..., sonho dos meus amores de criança, por quem tantas vezes transpus o espaço que separava o meu tecto natal da cidade dos Stuarts! Ia a pé, cruzando campos e bosques, sonhando com a Diana de Valois, que protege os Médicis; e quando, acima das casas do Pecq e do pavilhão de Henrique IV, avistava as torres de tijolo, encordoadas de ardósia, atravessava o Sena, que languesce e se desdobra em redor das suas ilhas, e penetrava nas ruínas solenes do velho castelo de Saint-Germain. O aspecto tenebroso dos altos pórticos, onde paira o morcego, onde foge o lagarto, onde pula o cabrito que pasta os verdes acantos, enchia-me de júbilo e de amor. Adiante, tendo atingido o planalto da montanha, mesmo através do vento e da borrasca, que felicidade, uma vez mais, distinguir, para além das casas,

a costa azulada de Mareil, com a sua igreja onde repousam as cinzas do velho senhor de Monteynard!

A recordação das minhas belas primas, essas intrépidas caçadoras que eu outrora passeava pelos bosques, belas, ambas, como as filhas de Leda, ainda me deslumbra e inebria.

Porém, era só a ela que eu amava *então*!...

Estava muito frio em Viena, no dia de São Silvestre, e eu muito me deleitava no toucador da Pandora. Uma carta que ela fingia escrever não avançava, e as deliciosas garatujas da sua caligrafia entrelaçavam-se bizarramente com não sei que harpejos misteriosos que extraía um instante das cordas da sua harpa, cuja voluta se sumia no abraço de uma sereia dourada.

De súbito, atirou-se-me ao pescoço e beijou-me, dizendo com um riso louco:

— Olha, é um padrezinho! Muito mais divertido que o meu barão!

Fui compor-me ao espelho, pois o meu cabelo castanho estava todo em desalinho, e corei de humilhação ao sentir que apenas era amado por causa de um certo aspecto eclesiástico que o meu ar tímido e a casaca preta me conferiam.

— Pandora — disse-lhe eu — não brinquemos com o amor nem com a religião, que, na verdade, são a mesma coisa.

— Mas eu adoro padres — disse ela. — Não me tire a ilusão.

— Pandora — disse eu com amargura — não volto a vestir esta casaca, e, quando vier vê-la, hei-de trazer a

minha casaca azul com botões dourados, que me dá um ar de cavaleiro.

– Só o recebo de casaca preta – disse ela.

E chamou a sua dama de companhia.

– Röschen!... Se este senhor que aqui está aparecer de casaca azul, ponha-o na rua, à porta do hotel. Já estou mais que farta – acrescentou, furiosa – dos adidos de embaixada todos de azul com os seus botões de coroa, e dos oficiais de Sua Majestade Imperial, e dos magiares, com as suas casacas de veludo e os bonés de penacho! Este pequeno vai-me servir de padre. Adeus, padre! Está combinado, amanhã vem buscar-me de carruagem, e vamos juntos ao Prater... mas de casaca preta.

Cada palavra sua me penetrava no coração como um espinho. Um encontro, um encontro a sério para o dia seguinte, primeiro dia do ano, ainda por cima de casaca preta! E nem era tanto a casaca que me desesperava: eram os bolsos vazios! Que vergonha! Vazios, ai de mim!, no próprio dia de São Silvestre!...

Movido por uma esperança insensata, corri à estação postal para ver se o meu tio não me teria enviado uma carta registada.

Ó ventura!, pedem-me dois florins e entregam-me uma missiva com selo francês. Um raio de sol caía a prumo sobre esta carta insidiosa; as linhas sucediam-se implacavelmente, sem o menor vestígio de vale dos correios ou letra comercial. Nada continha, com toda a evidência, senão máximas de moral e conselhos de economia.

Devolvi-a, simulando prudentemente ter-me enganado no colete ao sair de casa, e, com uma surpresa fingida, apalpei uns bolsos que não produziam qualquer

som metálico; em seguida, precipitei-me para as ruas populosas em redor de Santo Estêvão.

Felizmente, tinha em Viena um amigo. Era um rapaz muito amável, um tanto louco, como todos os alemães, doutor em filosofia, e que cultivava com graça um vago dom para o papel de tenor ligeiro.

Sabia bem onde encontrá-lo, que era em casa da amante, Rosa de seu nome, figurante no teatro de Leopoldstadt; ele ia visitá-la todos os dias das duas às cinco da tarde. Atravessei rapidamente a Rothenthor⁴, subi as ruas, e, logo ao fundo da escada, distingi a voz do meu companheiro, que cantava em tom langoroso:

*Einen Kuß von rosiger Lippe,
Und ich fürchte nicht Sturm und nicht Klippe!*⁵

O infeliz acompanhava-se à guitarra, o que em Viena ainda não é ridículo, e dava-se ares de menestrel. Falei-lhe à parte e confiei-lhe a minha situação.

— Então não sabes — perguntou — que hoje é dia de São Silvestre?...

— Oh! É verdade! — exclamei, avistando por cima da lareira de Rosa uma magnífica decoração de vasos cheios de flores. — Nesse caso, só me resta trespassar o coração, ou ir dar uma volta para os lados da ilha Lobau, onde corre o afluente mais forte do Danúbio?

— Ainda não — disse ele, tomando-me o braço.

Sáímos. Ele disse:

— Salvei isto das mãos da Dalila... Toma, aqui tens dois escudos austríacos; poupa-os bem, e vê se os guardas intactos até amanhã, que é o grande dia.

Transpus as ladeiras cobertas de neve e voltei a Leopoldstadt, onde morava, em casa de umas lavadeiras. Fui dar com uma carta a recordar-me que tinha de participar numa brilhante representação a que iria assistir parte da corte e das embaixadas. Ia-se mimar umas charadas. Peguei no meu papel com irritação, pois ainda nem olhara para ele. A Kathi veio ver-me, sorridente e ataviada, *bionda grassota*, como sempre, e disse-me coisas agradáveis no seu linguajar mesclado de morávio e veneziano. Trazia no corpete não sei bem que flor, e eu quis que ma desse, por amizade. Ela, num tom que ainda não lhe conhecia, disse:

– Nunca por menos de *zehn Gulden-Conventionsmünze!* («de dez florins em moeda da Convenção»).

Fiz de conta que não percebia. Ela foi-se embora furiosa, dizendo que ia à procura do seu velho barão, que havia de lhe dar mais generosa prenda de Ano Novo.

Eis-me livre. Desço as ruas a estudar o meu papel, com ele na mão. Encontrei Wahby, a Boémia, que me dirigiu um olhar lânguido e carregado de censuras. Senti a necessidade de ir jantar à Porta Vermelha e enchi o estômago de um *tokay* tinto a três *kreutzers* o copo, com que reguei umas costeletas grelhadas, umas *Wurschell* e, para acabar, uns caracóis.

As lojas, iluminadas, transbordavam de freguesas, e, nas montras, mil bugigangas, bambochas e bonecas de Nuremberga faziam caretas, acompanhadas por um concerto infantil de pandeiretas e cornetins de lata.

– O diabo do conselheiro íntimo de açúcar-cândi! –
– exclamei em memória de Hoffman⁶.

E desci rapidamente os degraus gastos da taberna dos *Caçadores*. Lá dentro, cantava-se *A Revista Nocturna*,

do poeta Zedlitz. A grande sombra do imperador pairava sobre a alegre assembleia, e eu mesmo cantarolava:

Ó *Richard!*...

Uma moça encantadora trouxe-me um copo de *Bayerisch Bier*, e não me atrevi a beijá-la pois pensei no encontro do dia seguinte.

Não conseguia estar quieto. Fugi à alegria tumultuosa da taberna e fui tomar o meu café ao Graben. Ao cruzar a praça de Santo Estêvão, fui reconhecido por uma velha engraxadora, que me gritou, como era hábito seu:

— «*Sacré n... de D...*»⁷ — únicas palavras em francês que retivera da invasão imperial.

Isto fez-me lembrar da representação dessa noite; porque, de outro modo, teria ido incrustar-me nalguma estala do teatro da Porta-de-Caríntia, onde muito costumava admirar a menina Lutzer. Pedi graxa, pois a neve tinha-me estragado bastante os sapatos.

Uma boa chávena de café pôs-me de novo em estado de me apresentar no palácio. As ruas estavam cheias de lombardos, boémios e húngaros, a rigor nos seus trajos nacionais. Os diamantes, os rubis e as opalas faiscavam-lhes no peito, e a maioria dirigia-se para o *Burg*, para ir prestar vassalagem à família imperial.

Não ousei misturar-me com essa turba ofuscante; mas a amada recordação da outra... protegeu-me dos encantos da artificiosa Pandora.

Fizeram-me o reparo, na embaixada francesa, de que estava muito atrasado. A Pandora, despeitada,

divertia-se a mandar um velho barão e um jovem príncipe grotescamente vestido de estudante carnavalesco fazerem exercício. Este jovem *raposo*⁸ subtraía à função uma vela das de seis, da qual fizera um punhal. Ameaçava com ela os tiranos, declamando versos de tragédia e invocando a sombra de Schiller.

Para matar o tempo, tinham-se lembrado de improvisar umas charadas. — A palavra da primeira era *marechal*. O meu primeiro⁹ é *mar*. — Vatel, encarnado por um jovem adido, proferia um solilóquio antes de mergulhar no coração a ponta da sua espada de gala. Em seguida, um amável diplomata ia visitar a dama dos seus pensamentos; tinha uma quadra na mão e deixava ver a franja de um *schall* no bolso da casaca.

— Basta! Suspende! (deste pano)¹⁰ — dizia a astuta Pandora, puxando para si o xaile de autêntica caxemira Biétry, que se arvorava em *tecido* de Golconda. Dançou em seguida a dança do *schall* com adorável negligência. Começou então a terceira cena e apareceu um ilustre *marechal* com o seu chapéu histórico.

Passou-se então a outra charada, cuja palavra era *mandarim*. — Começava com um *mandato*, que me fizeram assinar e ao qual apus o nome glorioso de Macaire (Robert), barão das Faldas e esposo em segundas núpcias da sensibílissima Éloa. Fui muito aplaudido nesta momice. O segundo termo da charada era *Reno*. Cantaram-se os versos de Alfred de Musset. A junção dos dois termos conduziu naturalmente ao aparecimento de um verdadeiro *mandarim* trajado de caxemira, que, de pernas cruzadas, fumava indolentemente o seu *buka*. — A sedutora Pandora teve ainda de nos fazer uma das suas. Apareceu vestida com a maior ligeireza, num

corpete branco bordado de granadas e num vestido solto de tecido escocês. O cabelo, entrançado em forma de lira, erguia-se-lhe na cabeça morena como dois chifres majestosos. Cantou como um anjo a romança de Déjazet: *Eu sou Tching-Ka!*...

Soaram enfim as três pancadas para a comédia intitulada *Madame Sorbet*. Apresentei-me fazendo de actor de província, como o *Destino* no *Roman comique*. A minha fria *Estrela*¹¹ percebeu que eu não sabia uma palavra do meu papel e entreteve-se a atrapalhar-me. O sorriso gelado das espectadoras acolheu esta minha estreia e encheu-me de pavor. Em vão o visconde se derreava a bichanar-me as belas frases rendadas de Monsieur Théodore Leclercq – fiz gorar a representação.

De raiva, deitei ao chão o biombo, que figurava um teatro de província. – Que escândalo! – Fugi do salão a toda a pressa, esbarrando, ao longo das escadas, em enxames de funcionários, com os seus fios de prata, e em lacaios agaloados vestidos à húngara, e, pondo *patas de veado*¹².

¹ O conto *Pandora* parece constituir o complemento de uma série de cartas intitulada *Amours de Vienne*, que Nerval publicou em 1841 como diário da sua estada em Viena. Na altura, o autor assumia ter omitido certas informações, eventualmente comprometedoras, que seriam enfim reveladas neste texto. O antetítulo *Amours de Viena* aparece na primeira edição de *Pandora* (*Le Mousquetaire*, 31 de Outubro de 1854). Jean Guillaume, que fixa finalmente o texto do conto em 1968, após um percurso editorial semeado de vicissitudes, opta por reter apenas o elemento *Pandora*. Seguimos aqui a edição que serviu de base à tradução, cujas notas, introdução e apêndices, de Michel Brix, nos permitiram resolver a maior parte dos problemas de contextualização e servem de base às nossas próprias notas [n. do t.].

² A passagem corresponde aos versos 1112 a 1115 do *Fausto* de Goethe e a tradução é do próprio Nerval. Mantivemos, por isso, o imperfeito do indicativo do original («se partageaient») na forma «disputavam». Conservámos, do mesmo modo, as demais irregularidades no uso dos tempos verbais que pontuam o texto, bem como o artigo definido antes do nome «Pandora» e, no final do conto, as imprecisões nas referências mitológicas [n. do t.].

³ «Cepo-no-ferro» é o tronco de uma árvore no qual, segundo a tradição, os serralheiros iam espetar um prego como marca da sua passagem. *Maria-Hilf*, no final do parágrafo, é a igreja de N^a Senhora do Amparo [n. do t.].

⁴ A «Porta Vermelha» de que o narrador fala adiante [n. do t.].

⁵ «Um beijo de róseos lábios / E não temo procela ou Recife!» [n. do t.].

⁶ A exclamação corresponde a uma frase retirada de *Abenteuer der Silvesternacht*, conto de Ernst Hoffman que Nerval traduziu parcialmente em 1831 [n. do t.].

⁷ «Sacré nom de Dieu», *i.e.*, à letra, «sagrado nome de Deus», expressão blasfema que o narrador abrevia. Mantivemos o francês do original, pois é nessa língua que a engraxadora, falante de alemão, habitualmente profere estas palavras [n. do t.].

⁸ «Renard», tradução de Nerval do alemão *Fuchs*, que significa igualmente «caloiro»; Brix nota que, segundo Littré, «uma vela das de seis» («une chandelle des six») era uma vela que se vendia à meia dúzia por uma libra [n. do t.].

⁹ Nas charadas, as palavras que compõem foneticamente o vocábulo escondido são designadas, em francês, como «mon premier» («o meu primeiro [termo]»), «mon deuxième» («o meu segundo [termo]»), etc., e, finalmente, refere-se a totalidade desse vocábulo como «mon tout» («o meu todo») [n. do t.].

¹⁰ No original francês, o trocadilho estabelece-se entre a ordem explícita de Pandora («Suspend!») e a sua possível leitura fonética («sur ce *pan*» – «[Basta] deste *pano* [do xaile]»); o termo alemão *schal* (xaile) surge na sua grafia antiga, que mantivemos; quanto à referência a Vatel, famoso cozinheiro de Condé, compreende-se pelo termo francês «marée», aqui traduzido por «mar»: «marée» significa também «peixe fresco» e terá sido por recear a falta deste ingrediente num jantar que preparava que Vatel se suicidou. Na charada seguinte, a palavra escondida («mandarin») é descrita a partir da justaposição de «mandat» («mandato») e «Rhin» («Reno»), donde a referência ao poema «Le Rhin allemand», de Musset [n. do t.].

¹¹ Os jovens *Destino* e *Estrela* são personagens de *Le Roman comique*, de Paul Scarron, que entram para um grupo de actores ambulantes para escapar à perseguição de que são alvo [n. do t.].

¹² A expressão original, «s'attacher des pattes de cerf», não é idiomática, mas do próprio Nerval, que, de resto, a destaca em itálico [n. do t.].

Fedor Dostoievski

Submissa

Tradução de António Pescada

Fedor Dostoievski (1821-1881) Nasceu em Moscovo, segundo filho de um médico. Foi educado em casa e num colégio privado. Depois da morte da mãe, foi para São Petersburgo onde se formou como engenheiro militar. Depois da morte do pai, ao que se diz assassinado numa discussão com servos, Dostoievski renunciou à carreira militar e dedicou-se à escrita, tendo publicado em 1846 *Pobre Gente* e *O Duplo*, duas novelas. Começou a sua actividade política no Círculo Petrachevski, um grupo de pensadores socialistas utópicos radicais. Preso e condenado à morte, viu a pena capital comutada à última hora, numa encenação aterrantemente, em trabalhos forçados na Sibéria, onde passou quatro anos. Em 1854 foi recrutado como soldado. Durante os anos de Sibéria, Dostoievski tornou-se conservador, monárquico e devoto da Igreja Ortodoxa Russa, e voltou para São Petersburgo animado de uma missão religiosa. Escreveu *Casa dos Mortos*, *Humilhados e Ofendidos* e, em 1857, casou com Maria Isaev, que morreu poucos anos depois. Em 1866 publicou *Crime e Castigo*, e casou com Anna Snitkina, a sua estenógrafa, então com vinte e dois anos, de quem teve quatro filhos. Para fugir aos credores, viajou pela Europa, sempre obcecado pelo jogo, regressando à Rússia com o sucesso de *Os Possessos*. Em 1876 funda o seu próprio jornal mensal, *Diário de um Escritor*. É deste ano que data *Submissa*, primeiro texto de Dostoievski traduzido directamente do Russo e publicado pela Contexto em 1997. Robert Bresson dirigiu em 1969 *Une femme douce*, com Dominique Sanda e Guy Frangin como protagonistas, a partir da novela de Dostoievski. Em 1971, basear-se-á noutra novela do mesmo escritor, *Noites Brancas* para realizar *Les Quatre Nuits d'un Rêveur*.

Nota do autor

Peço desculpa aos meus leitores por lhes dar desta vez, em lugar de um *Diário* sob a sua forma habitual, apenas uma novela. Mas estive efectivamente ocupado com esta novela a maior parte do mês. Em todo o caso, peço a indulgência dos leitores.

Quanto à própria narrativa, chamei-lhe «fantástica», embora a considere realista no mais alto grau. Mas há aqui efectivamente algo de fantástico, precisamente na própria forma da narrativa, que considero necessário explicar previamente.

O caso é que não se trata nem de uma narrativa nem de memórias. Imaginem um marido que tem à sua frente, estendida sobre uma mesa, a sua mulher suicida, que algumas horas antes se atirou pela janela. Está perturbado e ainda não conseguiu ordenar as ideias. Percorre os quartos e procura compreender o que aconteceu, procura «ordenar as suas ideias». Além do mais é um hipocondríaco inveterado, daqueles que falam

sozinhos. Aí está ele a falar sozinho, a contar o caso, a *explicá-lo* a si próprio. Apesar da aparente sequência do discurso, contradiz-se várias vezes, tanto na lógica como nos sentimentos. Justifica-se, acusa-a a ela, lança-se em explicações que nada têm a ver com o caso: exprime assim rudeza de espírito e de coração, e profundidade de sentimentos. Pouco a pouco *explica* efectivamente o caso a si próprio e «ordena as ideias». A série de recordações que ele evoca acaba por levá-lo irresistivelmente à verdade; a verdade eleva-lhe irresistivelmente o espírito e o coração. Para o fim, até o tom da narrativa se altera comparativamente ao seu início desordenado. A verdade revela-se ao infeliz de maneira bastante clara e determinada, ao menos para ele mesmo.

Tal é o tema. É claro, o processo da narrativa prolonga-se por várias horas, com arranques e interrupções, e de uma forma incoerente: ora fala consigo mesmo, ora se dirige como que a um ouvinte invisível, a um qualquer juiz. Mas é assim que sempre acontece na realidade. Se um estenógrafo pudesse ouvi-lo e escrever o que ele dizia, o resultado seria mais arrastado, mais informe do que eu o apresento, mas ao que me parece a ordem psicológica seria talvez a mesma. É precisamente essa suposição de um estenógrafo que tivesse escrito tudo (após o que eu teria elaborado o que ele escreveu) aquilo a que nesta narrativa eu chamo fantástico. Mas semelhante processo já foi em parte usado por mais de uma vez na ficção: Victor Hugo, por exemplo, na sua obra-prima *O Último Dia de Um Condenado à Morte* usou de um processo quase idêntico, e embora não tenha chamado um estenógrafo, admitiu uma coisa ainda mais inverosímil, ao supor que um

condenado à morte pode (e tem tempo para) escrever memórias não apenas durante o seu último dia, mas até na última hora e literalmente no último minuto. Mas se ele não se tivesse permitido essa fantasia, a própria obra não existiria – obra que é a mais realista e mais verdadeira de todas as que escreveu.

CAPÍTULO I

I

QUEM ERA EU E QUEM ERA ELA

...Enquanto ela aqui estiver, ainda está tudo bem: aproximo-me e vejo-a a cada minuto; mas amanhã levam-na – e como vou eu ficar sozinho? Agora está na sala, em cima da mesa, juntaram duas mesas de jogo, e a urna virá amanhã, branca, revestida de seda branca, mas não é disso que se trata... Não paro de andar para cá e para lá e quero compreender tudo isto. Há já seis horas que procuro compreender e ainda não consegui ordenar as ideias. É que não paro de andar, andar, andar para cá e para lá... Eis como as coisas se passaram. Vou simplesmente contar por ordem. (Ordem!) Senhores, eu não sou literato, longe disso, o que se vê bem, mas deixá-lo, conto as coisas como as compreendo. E todo o meu horror está em que compreendo tudo!

Se querem pois saber, quer dizer, para começar desde o princípio, ela viera então simplesmente a minha casa empenhar umas coisas, para pagar um anúncio em *A Voz*, dizendo que tal e tal, governanta, aceitaria deslocar-

-se, e dar lições em casa, etc., etc. Isso foi logo no princípio, e eu, é claro, não a distinguia das outras: vinha, como as outras, e assim. Mas depois passei a achá-la diferente. Era franzina, muito loira, de estatura mediana; comigo era sempre desajeitada, como envergonhada (penso que era assim com todos os estranhos, e eu, naturalmente, para ela tanto fazia, era como os outros, quero dizer não como penhorista, mas como homem). Assim que recebia o dinheiro, virava costas e ia-se embora. E sempre calada. As outras discutem, fazem perguntas, regateiam, para que lhes dêem mais; esta não, era o que lhe dava... Acho que perdi o fio... Sim; aquilo que mais me tinha impressionado eram as suas coisas: uns brincos de prata dourada, um medalhãozito de nada – coisa de pataco. Ela mesma sabia que o valor era reduzido, mas eu via pela sua cara que para ela eram objectos preciosos – e com efeito era tudo o que lhe restava do pai e da mãe, como depois fiquei a saber. Apenas uma vez ousei sorrir das coisas dela. Porque, compreendem, eu nunca tomo essas liberdades, com o público conservo o tom do *gentleman*: poucas palavras, cortesmente e severamente. «Severidade, severidade e severidade.» Mas de repente ela permitiu-se trazer os restos (isto literalmente) de um velho casaco forrado de coelho, e eu não me contive e disse-lhe uma qualquer piada. Senhores, como ela se melindrou! Tinha uns grandes olhos azuis, meditativos, mas como se incendiaram! Não disse nem uma palavra, agarrou nos restos e saiu. Foi então que pela primeira vez reparei nela *especialmente* e pensei dela qualquer coisa desse género, quero dizer qualquer coisa de tipo especial. Sim: lembro-me também da impressão, quer dizer, se

se quisesse, da impressão principal, a síntese de tudo: concretamente, que ela era terrivelmente jovem, tão jovem que teria uns catorze anos. E no entanto tinha já então dezasseis anos menos três meses. Mas não era isto que eu queria dizer, não é isso de modo nenhum a síntese. No dia seguinte voltou. Fiquei a saber depois que ela já tinha ido ao Dobronravov e ao Moser com aquele casaco, mas esses só aceitam ouro, e recusaram. Eu aceitei dela uma vez um camafeu (uma miséria) e depois, quando pensei no caso, fiquei admirado: eu também não aceito nada além de ouro e prata, e dela aceitei um camafeu. Este foi o meu segundo pensamento sobre ela, lembro-me disso.

Dessa vez, quer dizer quando ela veio do Moser, trouxe uma boquilha de âmbar para charutos – uma coisinha bastante jeitosa, para amadores, mas que para nós também não vale nada, porque para nós é só o ouro. Como ela vinha assim depois da sua *revolta* da véspera, acolhi-a com severidade. Severidade, para mim, é segura. Mas, ao entregar-lhe os dois rublos, não me contive e disse com alguma irritação: «Sabe, se eu faço isto é só por ser para si. O Moser não lhe aceitará uma coisa como esta.» Sublinhei especialmente as palavras *para si*, e dando-lhes precisamente um *certo sentido*. Estava danado. Ela voltou a ruborizar-se ao ouvir esse *para si*, mas ficou calada, não largou o dinheiro, aceitou-o – o que é a pobreza! Mas como se ruborizou! Compreendi que a magoara. E depois de ela sair, perguntei de repente a mim mesmo: este triunfo sobre ela valerá realmente dois rublos? Hé-hé-hé! Lembro-me de que fiz precisamente essa pergunta duas vezes: «Valerá? Valerá?» E, rindo, respondi-lhe em mim mesmo

afirmativamente. E muito me diverti dessa vez. Mas não era um sentimento mau: eu tinha um propósito, uma intenção; queria experimentá-la, porque de repente começaram a fermentar em mim algumas ideias a respeito dela. Esse foi o meu terceiro pensamento *especial* sobre ela.

...E desde então, tudo começou. É claro que procurei de imediato informar-me indirectamente de todos os pormenores da sua situação e esperei a sua vinda com particular impaciência. Porque pressentia que ela viria em breve. Quando ela veio, iniciei uma conversa amável com uma cortesia invulgar. Porque eu sou bem educado e tenho boas maneiras. Hum. Foi então que me apercebi de que ela era boa e dócil. As pessoas boas e dóceis não resistem muito tempo e embora não se abram muito, não são capazes de fugir à conversa: respondem com parcimónia, mas respondem, e quanto mais se avança mais dizem, só precisamos de não nos cansar, se precisamos. É claro que nessa altura ela não me explicou nada. Só mais tarde fiquei a saber sobre *A Voz* e tudo o mais. Nessa altura ela estava já nos seus últimos recursos para publicar esse anúncio, e começara, naturalmente, com arrogância: «Governanta, aceitaria deslocar-se, dirigir condições pelos correio», e depois: «Aceita todas as condições, ensinar, dama de companhia, olhar pela casa, tratar de doente, também sei costura», etc. etc., o costume! É claro, tudo isto era acrescentado ao anúncio em retoques sucessivos, e já para o fim, já perto do desespero, até «sem salário, pela alimentação». Não, ela não encontrou colocação! Decidi então experimentá-la uma última vez: pego de repente na *Voz* e mostro-lhe um anúncio: «Jovem, órfã, procura colocação como

governanta de crianças pequenas, de preferência junto de viúvo de certa idade. Pode ajudar no governo da casa.»

— Está a ver, esta publicou o anúncio hoje de manhã, e certamente à tarde já arranjou lugar. É assim que se deve anunciar.

De novo se ruborizou, de novo os seus olhos se incendiaram, voltou costas e saiu. Isso agradou-me muito. De resto, eu então estava já seguro de tudo e não tinha receio: ninguém receberia as boquilhas. E a ela, até as boquilhas já lhe faltavam. E assim foi, dois dias depois chegou toda pálida, muito perturbada — compreendi que alguma coisa tinha acontecido em sua casa, e de facto tinha. Já vou explicar o que aconteceu, mas agora quero apenas lembrar como então a surpreendi e cresci aos seus olhos. A intenção surgiu-me assim de repente. Porque ela trouxe aquela imagem (resignara-se a trazê-la)... Ah, escutem! escutem! É agora que tudo começa, até aqui tenho estado enredado... O caso é que agora quero recordar todos os pormenores, todos os traços. Quero reunir as minhas ideias e não consigo, mas esses pequenos traços, esses pequenos traços...

Uma imagem da Virgem. A Virgem com o Menino, um ícone doméstico, familiar, antigo, com chapa de prata dourada, valeria, digamos, valeria uns seis rublos. Vejo que a imagem lhe é muito querida, vai empenhar todo o ícone, sem retirar a chapa. Digo-lhe: era melhor tirar a chapa, e levar a imagem consigo; de qualquer modo, a imagem é assim um tanto...

— Mas é proibido?

– Não, não é que seja proibido, mas, talvez você mesma...

– Bem, pois tire-a.

– Sabe, não vou tirá-la, mas ponho-a ali no nicho – disse eu depois de reflectir – com os outros ícones, por baixo da lamparina (eu tinha sempre uma lamparina acesa, desde que abria a caixa), e aqui tem, simplesmente, dez rublos.

– Não preciso de dez, dê-me cinco, eu levanto-o sem falta.

– E não quer dez? A imagem vale – acrescentei, notando que os olhos dela de novo cintilavam. Ficou calada. Entreguei-lhe cinco rublos.

– Não despreze ninguém, eu próprio já me vi em tais dificuldades e até piores, e se agora me vê nesta actividade... é depois de tudo aquilo por que passei...

– Vingá-se da sociedade? É isso? – interrompeu ela de repente com um sorriso bastante mordaz, que tinha aliás muito de inocente (quero dizer de geral, porque então ela decididamente não me distinguia dos outros, de modo que o disse quase sem intenção de ofender). «Aha! – pensei eu – olha como tu és, o teu carácter revela-se, uma nova tendência.»

– Compreende – observei eu imediatamente, meio a brincar, meio em confidência – eu sou uma parte dessa parte do todo que quer fazer o mal, e que sempre faz o bem...

Ela lançou-me um olhar rápido e cheio de curiosidade, em que havia de resto muito de infantil:

– Espere... Que pensamento é esse? De quem é? Já ouvi isso em qualquer parte...

– Não quebre a cabeça, é nestes termos que Mefistófeles se apresenta a Fausto. Leu o *Fausto*?

– Não... não com muita atenção.

– Quer dizer que não o leu. É preciso lê-lo. De resto, vejo outra vez nos seus lábios um vinco trocista. Por favor, não me atribua tão mau gosto que queira, para embelezar o meu papel de penhorista, apresentar-me como Mefistófeles. Um penhorista é apenas um penhorista. Isso é sabido.

– O senhor é um pouco estranho... Eu não quis de modo nenhum dizer nada disso...

Ela queria dizer: «Não esperava que o senhor fosse um homem instruído», não disse, mas eu sabia que ela o pensava. Eu agradara-lhe espantosamente.

– Sabe – observei eu – em todas as actividades se pode fazer o bem. Não falo de mim, naturalmente, digamos que eu não faço mais nada se não o mal, mas...

– Evidentemente, em qualquer lugar se pode fazer o bem – disse ela, com um olhar rápido e intenso. – Exactamente em qualquer lugar – acrescentou de repente. Oh, lembro-me, lembro-me de todos esses instantes! E quero ainda acrescentar que quando essa juventude, essa simpática juventude quer dizer alguma coisa assim inteligente e intensa, imediatamente deixa ver no rosto com demasiada sinceridade e ingenuidade que «Atenção, aquilo que agora te digo é inteligente e intenso» – e não por vaidade, como nós, mas de maneira tal que logo se vê que ela dá um valor extremo a tudo aquilo, e acredita, e respeita, e pensa que também nós, como ela, respeitamos. Oh, sinceridade! E é assim que eles vencem. E como nela isso era adorável!

Lembro-me, não me esqueci de nada! Quando ela saiu, decidi imediatamente. Nesse mesmo dia fiz as últimas investigações e soube todos os restantes segredos

da sua vida presente; os segredos anteriores já os conhecia todos através de Lukéria, que então servia em casa delas e a quem eu já tinha subornado alguns dias antes. Esses segredos eram tão horríveis, que não compreendo como podia ela ainda rir, como há pouco, e interessar-se pelas palavras de Mefistófeles, vivendo sob um tal horror. Mas a juventude! Foi isto precisamente que então pensei dela com orgulho e com alegria, porque isto é a generosidade: pois mesmo à beira do abismo, as grandes palavras de Goethe resplandecem. A juventude é sempre generosa, mesmo que seja pouco e mesmo que seja num sentido errado.

Quer dizer, eu falo dela, só dela. E principalmente, nessa altura já olhava para ela como *minha*, e não duvidava do meu poder. Sabem, esse é um pensamento do mais voluptuoso, quando já não duvidamos.

Mas que tenho eu? Se continuo assim, quando conseguirei ordenar as coisas? Depressa, depressa – não é nada essa a questão, meu Deus!

II

PROPOSTA DE CASAMENTO

Os «segredos» que eu soube a seu respeito, explico-os em duas palavras: o pai e a mãe tinham morrido, havia já muito tempo, três anos, e ela ficara com umas tias más. Digamos que é pouco chamar-lhes más. Uma das tias era viúva, com uma família numerosa, seis filhos, qual deles o mais pequeno, a outra era solteirona, velha, detestável. Ambas detestáveis. O pai tinha sido

funcionário, mas simples escrivão, apenas nobilitado — em suma: tudo jogava a meu favor. Eu surgia como vindo de um mundo superior: apesar de tudo, capitão do estado-maior reformado de um regimento brilhante, nobre de nascimento, independente e assim por diante, e quanto à caixa de prestamista, as tias não podiam deixar de considerá-la com respeito. Em casa das tias, ela era como uma escrava havia três anos, mas apesar de tudo conseguira fazer não sei que exame — conseguira fazê-lo, conseguira arrancar ao seu impiedoso trabalho diário o tempo para fazê-lo — e isso significava da parte dela alguma coisa de aspiração àquilo que é elevado e nobre! Pois para que queria eu casar-me? E de resto, que interessa falar de mim, depois se verá... Não é disso que se trata! Ela educava os filhos da tia, cosia a roupa, e para o fim não só cosia a roupa, mas também, apesar do seu peito frágil, lavava o chão. Até lhe batiam, sem cerimónias e deitavam-lhe à cara o pão que comia. Acabaram por fazer projectos de vendê-la. Pfu! Passo por alto a lama dos pormenores. Mais tarde ela contou-me tudo minuciosamente. Tudo isto foi observado durante um ano inteiro por um lojista gordo da vizinhança. Não era um lojista qualquer, pois possuía duas mercearias. Já tinha enterrado duas esposas, e procurava uma terceira, por isso olhava para ela: «Tranquila, dizia para si mesmo, cresceu na pobreza, e eu caso-me é pelos órfãos.» Efectivamente, ele tinha filhos pequenos. Propôs casamento, começou a entender-se com as tias, e além do mais já tinha cinquenta anos; ela estava apavorada. E foi então que começou a vir frequentemente à minha casa para publicar os anúncios na *Voz*. Por fim, pediu às tias que

lhe dessem algum tempo para pensar. Deram-lhe esse pequeno prazo, mas apenas um, o segundo já não lho deram, começaram a atormentá-la: «Já não temos nada que comer, não precisamos de mais uma boca.» Eu já sabia de tudo isso, e nesse dia, depois do que se passou de manhã, tomei uma decisão. Nessa mesma tarde estava lá o comerciante, tendo trazido da loja uma libra de bombons no valor de meio rublo; ela estava a conversar com ele, e eu chamei Lukéria da cozinha e mandei-a ir informá-la de que eu estava junto ao portal de entrada e desejava dizer-lhe qualquer coisa com a maior urgência. Estava contente comigo mesmo. E de um modo geral todo esse dia estive espantosamente satisfeito.

Ali mesmo no portal, na presença de Lukéria, declarei-lhe, a ela que já estava assombrada por eu a ter chamado, que era para mim uma felicidade e uma honra... Em segundo lugar, que ela não se devia surpreender pelo meu procedimento e pelo encontro no portal: «sou, disse eu, um homem directo e estudei todas as circunstâncias do caso».E não mentia ao dizer que era directo. Bom, não importa. Falei não apenas decentemente, isto é, mostrando-me um homem com educação, mas também de modo original, e isso é o mais importante. Devo dizer o pró e o contra, e digo-o. Depois recordei isso com deleite, embora seja uma idiotice: declarei então claramente, sem qualquer embaraço, que, em primeiro lugar, não era especialmente talentoso, nem especialmente inteligente, talvez mesmo nem especialmente bondoso, que era bastante insignificante e egoísta (lembro-me desta expressão, inventei-a então pelo caminho e fiquei contente com

ela) e que era muito, muito possível, que houvesse em mim ainda muitas coisas desagradáveis sob outros aspectos. Tudo isto foi dito com especial orgulho – é sabido como se dizem estas coisas. Tive decerto o bom gosto suficiente para, ao declarar nobremente os meus defeitos, não me pôr a manifestar as qualidades: «mas, em contrapartida, tenho isto, e mais isto, e mais aquilo». Via que ela estava por enquanto terrivelmente assustada, mas não atenuava nada, pelo contrário, vendo que ela tinha medo, reforçava deliberadamente: disse-lhe claramente que não passaria fome, mas que não haveria vestidos, nem teatros, nem bailes, salvo talvez mais tarde, quando eu atingisse o meu objectivo. Este tom severo agradava-me verdadeiramente.

Acrescentei, também como que de passagem, que se eu tinha escolhido aquela ocupação, isto é, se tinha uma casa de penhores, era apenas com um objectivo, havia, por assim dizer, uma circunstância... Mas eu tinha o direito de falar assim: tinha realmente esse objectivo e essa circunstância. Esperem, senhores, toda a minha vida fui o primeiro a odiar aquela casa de penhores, mas, no fundo, embora seja ridículo falar comigo mesmo usando frases enigmáticas, é verdade que me «vingava da sociedade», realmente, realmente, realmente! De modo que o gracejo dela dessa manhã, ao perguntar-me se eu me «vingava», era injusto.

Quer dizer, compreendam-me, se eu lhe dissesse abertamente: «Sim, vingo-me da sociedade», e ela desatasse a rir, como ainda nessa manhã, o efeito seria realmente ridículo. Mas com uma alusão indirecta, lançando uma frase enigmática, revelou-se que é possível cativar uma imaginação. Além disso eu nessa altura já

não receava nada: porque sabia que o comerciante gordo em todo o caso lhe repugnava mais do que eu, e que ali de pé junto ao portal eu era um libertador. Isso compreendia-o bem. Oh, o homem compreende particularmente bem as vilezas! Mas seria uma vileza? Como julgar um homem neste caso? Pois não a amava eu já então?

Esperem: escusado é dizer que não lhe disse nem uma palavra sobre beneficência; pelo contrário, oh sim, pelo contrário: «Sou *eu* o beneficiado, dei a entender, e não *você*». De tal modo que até disse essas palavras, não me contive, o que foi talvez uma idiotice, porque lhe notei no rosto uma nuvem fugidia. Mas no conjunto, saí decididamente vencedor. Esperem, ao recordar toda essa imundície, lembro-me de uma última indecência: estava ali de pé, e na minha cabeça agitava-se: tu és alto, bem feito, bem educado e – e, por fim, falando sem fanfarronice, não és nada feio. Era isso o que se representava no meu espírito. Naturalmente, ela, ali mesmo ao portal, disse-me *sim*. Mas... mas devo acrescentar: ali mesmo, junto ao portal, pensou durante muito tempo, antes de dizer *sim*. Ficou tão pensativa, tão pensativa, que eu já estava quase a perguntar: «E então?» – e até não me contive e perguntei com ares de homem elegante: «E então, por favor, menina?»

– Espere um pouco, estou a pensar.

E tinha um rosto tão sério, tão sério... que teria podido desde logo adivinhar! Mas em vez disso fiquei ofendido: «Será possível, ela está a escolher entre mim e o comerciante?» Oh, então eu ainda não compreendia!

Nada, eu então ainda não compreendia nada! Até ao dia de hoje não compreendi!

Lembro-me de que Lukéria veio a correr atrás de mim, quando eu já me vinha embora, parou à entrada e disse precipitadamente: «Deus lhe pagará, senhor, se casar com a nossa gentil menina, mas o senhor não lho diga, porque ela é orgulhosa.»

Ora, orgulhosa! Eu, dizia para mim mesmo, gosto das orgulhosas. As orgulhosas são especialmente boas quando... bem, quando já não temos qualquer dúvida quanto ao nosso domínio sobre elas, hem? Oh, homem vil e desastrado! Oh, como eu estava contente! Sabem, é que ela, quando estava ali de pé junto ao portal, mergulhada nos seus pensamentos, para me dizer sim, e eu me espantava, sabem, ela até podia estar a pensar: «Se a infelicidade está tanto num lado como no outro, não valeria mais escolher claramente o pior, ou seja o comerciante gordo, e que me mate mais depressa com as suas bebedeiras!» Hem? Que lhes parece, podia ela ter este pensamento?

Mas ainda agora não compreendo, ainda agora não compreendo nada! Mesmo agora acabo de dizer que ela podia ter esse pensamento: de duas desgraças escolher o pior, ou seja o comerciante? E quem era então para ela pior – eu ou o comerciante? O comerciante, ou o usurário que citava Goethe? E isto ainda é uma pergunta! Que pergunta? Também aqui não compreendes nada: a resposta está ali em cima da mesa, e tu dizes que é uma pergunta! E depois, nas tintas para mim! A questão não está de modo nenhum em mim... E de resto, que é que isso me importa agora, se a questão está ou não está em mim? A isso não sei de modo

nenhum o que responder. Mais vale deitar-me e dormir. Dói-me a cabeça...

III

O MAIS GENEROSO DOS HOMENS, MAS EU PRÓPRIO NÃO ACREDITO

Não consegui dormir. Nem pensar; sinto como que uma palpitação na cabeça. Queria esclarecer tudo isto, toda esta lama. Oh, a lama! Oh, a lama de que eu então a tirei! Pois ela devia compreender isso, apreciar o meu procedimento! Havia também alguns pensamentos que me agradavam, por exemplo que eu tinha quarenta e um anos, e ela apenas dezasseis. Isso fascinava-me, essa sensação de desigualdade, é cheia de doçura, cheia de doçura.

Eu queria, por exemplo, fazer um casamento *à l'anglaise*, quer dizer absolutamente a dois, talvez com duas testemunhas, uma das quais seria Lukéria, e logo a seguir tomar o comboio, por exemplo, nem que fosse para Moscovo (a propósito, eu tinha lá assuntos a tratar), para um hotel, por duas semanas. Ela opôs-se, não consentiu, e fui obrigado a ir apresentar cumprimentos às tias, como parentes de quem eu a recebia. Cedi, e as tias tiveram o que era devido. Dei mesmo de presente a essas criaturas cem rublos a cada uma e prometi ainda mais, sem lhe dizer nada a ela, naturalmente, para não a chocar com a vileza da situação. As tias ficaram imediatamente todas melosas. Houve discussão também sobre o dote: ela não tinha nada, quase literalmente,

mas também não queria nada. Consegui no entanto persuadi-la de que absolutamente nada não era possível, e fui eu que constituí o dote, pois quem é que lho podia fazer? Bem, sobre mim não interessa. Consegui no entanto comunicar-lhe então algumas das minhas ideias, para que ela ao menos soubesse. Fui até um pouco apressado, talvez. O mais importante é que desde o princípio, por mais que isso lhe custasse, ela correu para mim com amor, acolhia-me quando eu chegava com entusiasmo, à tarde, contava-me no seu balbuciar (o encantador balbuciar da inocência!) toda a sua infância, sobre a casa familiar, o pai e a mãe. Mas eu lançava imediatamente sobre todo esse enlevo um balde de água fria. Era mesmo essa a minha ideia. Ao enlevo, eu respondia com o silêncio, um silêncio benevolente, é certo... mas de qualquer modo ela depressa viu que entre nós havia uma diferença, e que eu era um enigma. E eu insistia principalmente no enigma! Pois foi talvez para criar o enigma que fiz toda essa idiotice! Em primeiro lugar, a severidade – foi debaixo da severidade que a trouxe para casa. Em suma, nesse tempo, sentindo-me contente, construí todo um sistema. Oh, o sistema formou-se a si próprio sem qualquer esforço. E não podia ser de outro modo, tive que construir esse sistema por uma circunstância extraordinária – que é que me deu, para me caluniar a mim próprio! O sistema era baseado na verdade. Não, ouçam, para julgar um homem, é preciso julgá-lo com conhecimento de causa... Ouçam!

Como hei-de começar, porque isto é muito difícil. Quando começamos a justificar-nos, é isso que é difícil. Estão a ver: a juventude despreza, por exemplo, o dinheiro – eu insisti imediatamente no dinheiro;

apertava no dinheiro. E insisti tanto, que ela começou a ficar cada vez mais calada. Abria muito os olhos, escutava, olhava e calava-se. Estão a ver: a juventude é generosa, quer dizer a boa juventude, é generosa e impetuosa, mas pouco tolerante, basta que qualquer coisa não lhe agrade – e é o desprezo. Ora eu queria largueza de ideias, queria inculcar a largueza de ideias até ao fundo do coração, inculcá-la nas visões do coração, far-me-ei entender? Tomo um exemplo vulgar: como explicava eu, por exemplo, a minha casa de penhores a um carácter como o dela? E claro, não me pus a falar abertamente, de outro modo pareceria que estava a pedir desculpa pela casa de penhores, e eu actuava por assim dizer pelo orgulho, falava quase pelo silêncio. E eu sou um mestre a falar em silêncio, toda a minha vida falei em silêncio e vivi tragédias inteiras sozinho comigo mesmo em silêncio. Oh, também fui infeliz! Fui rejeitado por todos, rejeitado e esquecido, e ninguém, isso ninguém o sabe! E de repente aquela rapariguinha de dezasseis anos ouviu depois da boca de gente vil alguns pormenores a meu respeito, e pensava que sabia tudo, quando a verdade se encontrava oculta apenas no peito deste homem que aqui vêem. Eu estava sempre calado, e principalmente, principalmente, estava calado com ela, até mesmo ao dia de ontem – por que me calava eu? Pois por orgulho. Queria que ela soubesse as coisas por si mesma, sem mim, não pelos relatos de canalhas, mas que *ela própria descobrisse* este homem e o compreendesse! Ao recebê-la em minha casa, eu queria respeito total. Queria que ela estivesse à minha frente numa prece pelos meus sofrimentos – e eu merecia isso. Oh, eu sempre fui orgulhoso, sempre quis ou tudo ou

nada! E precisamente porque não sou de meias medidas no que se refere à felicidade, mas queria tudo, precisamente por isso, era obrigado então a proceder desse modo: «descobre tu mesma e aprecia!» Porque, hão-de concordar, se eu próprio comesse a explicar e a sugerir, a tergiversar e a mendigar respeito – isso seria assim como se pedisse esmola... E de resto... e de resto, porque estou eu a falar disto!

Tolice, tolice, tolice e tolice! Expliquei-lhe então aberta e impiedosamente (e insisto nisso, impiedosamente), em duas palavras, que a generosidade da juventude é encantadora, mas não vale um chavo. Porque é que não vale? Porque ela a obtém a baixo custo, adquiriu-a sem ter vivido, tudo isso é, por assim dizer, «as primeiras impressões do ser», mas que vos vejam um pouco pelas acções! A generosidade a baixo preço é sempre fácil, até dar a vida – também isso é barato, porque é apenas o ferver do sangue e o excesso de forças, desejo apaixonado de beleza! Tomemos em vez disso um acto de generosidade difícil, silencioso, inaudível, sem brilho, com muitos sacrifícios e nem uma gota de glória – em que você, homem radioso, aparece aos olhos de todos como um canalha, quando é mais honrado que todas as pessoas do mundo – vá lá, experimente essa proeza, qual quê, recusa-se! E eu, foi isso que fiz toda a minha vida, suportar essa proeza. A princípio ela discutia – e como discutia –, mas depois começou a calar-se, a ficar mesmo completamente calada, só abria muito os olhos, enquanto escutava, uns olhos grandes, tão grandes, atentos. E... e, além disso, vi de repente um sorriso, incrédulo, silencioso, mau. E vejam, foi com esse mesmo sorriso que a introduzira na

minha casa. Também é verdade que ela não tinha mais para onde ir...

IV PLANOS E MAIS PLANOS

Qual de nós foi então o primeiro a começar?

Ninguém. Isso começou tudo por si desde o primeiro passo. Eu disse que a introduzi na minha casa sob um regime de severidade, mas atenuiei-o logo desde o primeiro momento. Ainda enquanto noiva, foi-lhe explicado que iria ter como tarefa receber os objectos penhorados e entregar o dinheiro, e na altura ela nada objectou (notem bem). Mais do que isso, começou mesmo a trabalhar com afinco. E claro, o apartamento, os móveis, tudo ficou como dantes. O apartamento são duas divisões, uma grande sala, em parte ocupada pela caixa, e a outra também grande, é a nossa sala, sala comum, incluindo quarto de dormir. O meu mobiliário é escasso; até as tias tinham melhor. O nicho com a lamparina está na sala, onde fica a caixa; no meu quarto tenho o armário com alguns livros, o depósito dos penhores, as chaves estão comigo; bem, há ainda a cama, mesas, cadeiras. Quando ainda éramos noivos, eu disse-lhe que para os nossos gastos, ou seja a alimentação para mim, para ela e para Lukéria, a quem eu tomara ao nosso serviço, se fixava um rublo por dia, não mais: «Preciso, disse, de trinta mil em três anos, e não há outra maneira de juntar dinheiro.» Ela não se opôs, mas eu próprio aumentei em trinta copeques o orçamento

para as despesas da casa. E também para o teatro. Eu dissera à minha noiva que não haveria teatro, e no entanto decidi que haveria teatro uma vez por mês, e decentemente, nas poltronas. Íamos juntos, fomos três vezes, vimos *A Corrida à Felicidade* e *Os Pássaros Cantores*, parece-me (oh, quero lá saber, quero lá saber!). Íamos em silêncio e voltávamos em silêncio. Porquê, porque é que desde o princípio optámos pelo silêncio? Pois desde o princípio não houve disputas, mas apenas o silêncio. Lembro-me de que ela tinha então uma certa maneira de me olhar à socapa; e eu, quando me apercebia disso, reforçava o silêncio. Na verdade, fui eu que intensifiquei o silêncio, e não ela. Do seu lado, houve por uma ou duas vezes arrebatamentos, abraçava-se a mim; mas como esses arrebatamentos eram doentios, histéricos, e eu queria uma felicidade sólida, com respeito da parte dela, acolhia-a com frieza. E tinha razão: depois desses arrebatamentos, havia sempre uma discussão no dia seguinte.

Quer dizer, discussões não havia, uma vez mais, mas havia o silêncio e – e da parte dela um ar cada vez mais impertinente. «Revolta e independência» – era o que havia nisso, só que ela não sabia agir dessa forma. Sim, aquele rosto submisso tornava-se cada vez mais insolente. Acreditem, eu tornava-me repugnante para ela, isso analisei-o bem. Mas que ela tinha arrebatamentos que a faziam sair de si, disso não havia dúvida. Como era possível, por exemplo, saída de tanta lama e tanta miséria, depois de lavar o chão, começar de súbito a trocar da nossa pobreza! Compreendam: não havia pobreza, havia economia, e naquilo que era preciso até havia luxo, nas roupas por exemplo, na limpeza. Eu

sempre pensei, mesmo antes, que a limpeza do homem seduzia a mulher. De resto, não era da pobreza, mas da minha pretensa avareza que ela se enfastiava: «Ele tem, pensava, um objectivo, quer mostrar um carácter firme». Ela mesma renunciou bruscamente ao teatro. E cada vez mais aquele jeito trocista... e eu cada vez mais silencioso, cada vez mais silencioso.

Pois quê, eu ia justificar-me? O principal aqui era a caixa de penhores. Permitam: eu sabia que uma mulher, ainda para mais com dezasseis anos, não pode deixar de se submeter inteiramente ao homem. As mulheres carecem de originalidade, isto é um axioma, mesmo agora para mim é um axioma! E que importa o que ali está estendido na sala: a verdade é a verdade, e quanto a isso nem o próprio Stuart Mill pode fazer nada! E uma mulher que ama, oh uma mulher que ama, até os vícios, até os crimes do ser amado ela adora. Nem ele próprio é capaz de farejar as justificações que ela lhe encontrará. Isso é generoso, mas não é original. O que perdeu a mulher, foi a falta de originalidade. E porquê, repito, porque é que me apontam para a mesa? Aquilo é original, o que está ali em cima da mesa? O-oh!

Escutem: eu tinha então a certeza do amor dela. Pois mesmo então lançava-se-me ao pescoço. Portanto amava-me, ou antes queria amar-me. Sim, era isso mesmo: queria amar-me, procurava amar-me. Mas o mais importante é que não havia quaisquer malfetorias para as quais ela tivesse que procurar justificação. Vocês dizem: usurário, e é o que todos dizem. E então, usurário, e depois? Portanto, deve ter havido uma razão para que o mais generoso dos homens se tornasse usurário. Estão a ver, senhores, há ideias... quer dizer,

estão a ver, há ideias que se tentamos apresentá-las, exprimi-las em palavras, o resultado é terrivelmente estúpido. O resultado é vergonhoso para nós mesmos. E porquê? Por nada. Porque somos todos uma porcaria e não suportamos a verdade, ou então não sei. Eu disse há pouco «o mais generoso dos homens». Isto é ridículo, e no entanto era assim mesmo. Porque isto é verdade, quer dizer, é a mais pura, a mais verdadeira das verdades! Sim, eu *tinha o direito* de querer então assegurar a minha subsistência e abrir aquela caixa: «Vocês rejeitaram-me, vocês, quer dizer as pessoas, expulsaram-me com um silêncio desdenhoso. Ao meu arrebatamento apaixonado, responderam-me com uma ofensa para toda a minha vida. Depois disso, eu tinha por consequência o direito de me proteger de vocês com um muro, de reunir esses trinta mil rublos e ir viver o resto da vida algures na Crimeia, na costa Sul, entre montes e vinhedos, na minha propriedade, comprada com esses trinta mil, e principalmente longe de todos vós, mas sem raiva contra vós, com um ideal na alma, com uma mulher amada junto ao coração, com uma família, se Deus me conceder, e – como benfeitor dos camponeses das redondezas.» Está bem, claro, que eu diga agora estas coisas a mim mesmo, pois que haveria de mais idiota do que dizer-lhe então a ela tudo isto? Daí o silêncio orgulhoso, por isso passámos o tempo calados. Pois o que poderia ela compreender? Dezasseis anos, a primeira juventude, que poderia ela compreender das minhas justificações, dos meus sofrimentos? Tudo ali é estreiteza, desconhecimento da vida, convicções juvenis baratas, cegueira dos «bons corações», e principalmente há a caixa de empréstimos, e basta (pois era eu um miserável

como prestamista, não via ela como eu procedia, cobrava eu em excesso?!) Oh, como a verdade é horrível neste mundo! Esta encantadora, esta submissa, este céu, era uma tirana, uma insuportável tirana da minha alma e uma torcionária! Seria caluniar-me a mim mesmo, se não dissesse isto! Pensam que eu não a amava? Quem pode dizer que eu não a amava? Vejam: está aí a ironia, foi aí que surgiu a ironia do destino e da natureza! Nós somos malditos, a vida dos homens é maldita em geral! (E a minha em particular!) Pois agora compreendo, que aí cometi um qualquer erro! Qualquer coisa não correu como devia. Tudo era claro, o meu plano era claro como água: «É rude, orgulhoso e não precisa de consolações morais de ninguém, sofre em silêncio.» E era mesmo assim, eu não mentia, não mentia! «Ela mesma verá mais tarde que havia aqui grandeza de alma que ela não percebia – e quando um dia ela o descobrir, apreciá-lo-á dez vezes mais e cairá a meus pés, juntando as mãos, suplicante.» Tal era o plano. Mas houve aqui qualquer coisa de que me esqueci, ou que perdi de vista. Qualquer coisa que eu não soube fazer. Mas basta, basta. E a quem pedir perdão agora? O que acabou, acabou. Coragem, homem, e sê orgulhoso! Não és tu o culpado!...

Pois quê, direi a verdade, não tenho medo de encarar a verdade de frente: a culpada é *ela*, a culpada é *ela*!...

V

A SUBMISSA REBELA-SE

As brigas começaram porque ela de repente se pôs a entregar dinheiro a seu talante, a avaliar os objectos

acima do seu valor e até uma ou duas vezes se permitiu discutir comigo sobre esse tema. Eu não cedi. Mas então apareceu aquela capitoa.

Chegou uma velha capitoa com um medalhão — presente do falecido marido, bem, já se sabe, uma recordação. Dei-lhe trinta rublos. Ela começou a lamentar-se, a pedir que lhe conservássemos o objecto — é claro que o conservámos. Em suma, de repente, cinco dias depois, veio trocá-lo por uma pulseira, que não valia nem oito rublos; recusei, naturalmente. Ela deve ter então percebido alguma coisa nos olhos da minha mulher, e o facto é que voltou na minha ausência e esta trocou o medalhão.

Ao saber disso nesse mesmo dia, eu falei-lhe com suavidade, mas com firmeza e com razão. Ela estava sentada na cama, olhava para o chão, batendo com a ponta do pé direito no tapete (um gesto dela); havia nos seus lábios um sorriso mau. Então, sem de modo nenhum levantar a voz, declarei calmamente que o dinheiro era *meu*, e que, eu tinha o direito de olhar a vida com os *meus* olhos, e que, quando a convidei para viver na minha casa, não lhe tinha escondido nada.

De repente ela saltou, subitamente toda trémula e — imaginem — pôs-se a bater o pé contra mim; era uma fera, era uma fúria, era uma fera em fúria. Fiquei hirto de surpresa; nunca esperaria semelhante desatino. Mas não me desconcertei, nem sequer fiz um movimento, e com a mesma voz tranquila de antes voltei a declarar abertamente que a partir de então lhe retirava a participação nos meus negócios. Ela riu-se na minha cara e saiu de casa.

Ora ela não tinha o direito de sair de casa. Para parte nenhuma sem mim, tal era o acordo ainda durante o noivado. Ao anoitecer, voltou; eu, nem uma palavra.

No dia seguinte voltou a sair logo de manhã. Eu fechei a caixa e dirigi-me a casa das tias. Desde o casamento tinha rompido com elas – nem elas vinham a minha casa nem eu ia a casa das tias. Agora verificava que ela não fora a casa delas. Escutaram-me com curiosidade e riram-se na minha cara: «Têm o que quis» – disseram. Mas eu já esperava o riso delas. Então subornei a tia mais nova, a solteirona, por cem rublos e dei-lhe vinte cinco adiantados. Dois dias depois ela veio ter comigo: «Há um oficial metido no caso, disse-me, um tal Efimovitch, um tenente, seu antigo camarada de regimento.» Fiquei muito surpreendido. Esse Efimovitch era aquele que mais mal me fizera no regimento, e um mês antes, o desavergonhado, aparecera uma ou duas vezes na minha loja a pretexto de empréstimos, e lembro-me de que então se pôs a gracejar com a minha mulher. Eu aproximei-me e disse-lhe que não tivesse o atrevimento de vir a minha casa, lembrando as nossas relações; mas nem me ocorreu a ideia de qualquer coisa semelhante, apenas pensei que ele era um descarado. E agora de repente a tia informava-me de que havia já um encontro marcado entre eles, e que todo o caso era tramado por uma antiga conhecida das duas tias, Iulia Samsonovna, viúva, e coronela ainda por cima – «é a casa dela, diz-me, que a sua esposa agora vai».

Abrevio a história. Essa história custou-me no total perto de trezentos rublos, mas em dois dias tudo se arranjou de modo a que eu estivesse no quarto ao lado, atrás de uma porta encostada, e escutasse o primeiro *rendez-vous* a sós da minha mulher com Efimovitch. Entretanto, na véspera, teve lugar entre mim e ela uma cena breve mas altamente significativa.

Ela regressou antes do anoitecer, sentou-se na cama, olhou-me zombeteiramente, batendo o pé no tapete. Ao olhá-la ocorreu-me de súbito a ideia de que todo aquele último mês, ou antes as duas últimas semanas, ela estivera como que fora do seu carácter, pode até dizer-se com o carácter contrário: revelou-se um ser arrebatado, agressivo, não diria descarado, mas desregrado, e que procurava por si mesma a desordem. Que tendia para a desordem. No entanto, a sua docilidade constituía um obstáculo. Quando uma mulher assim se entrega a excessos, mesmo que ultrapasse as medidas, vê-se em todo o caso que ela só se violenta a si mesma, se espicaça a si mesma e que ela própria não consegue vencer a sua castidade e o seu pudor. É por isso que mulheres como essas ultrapassam por vezes todas as medidas, a tal ponto que chegamos a não acreditar naquilo que observamos. Enquanto uma alma habituada à depravação, pelo contrário, atenua sempre as coisas. Faz pior, mas sob a aparência da ordem e da decência, com uma pretensão de superioridade sobre nós.

— É verdade que o expulsaram do exército por ter medo de um duelo? — perguntou-me ela de repente, à queima-roupa, e os seus olhos cintilaram.

— É verdade; por decisão dos oficiais, pediram-me que abandonasse o regimento, embora eu, de resto, tivesse já apresentado a minha demissão.

— Expulsaram-no como cobarde?

— Sim, condenaram-me como cobarde. Mas eu recusei o duelo não por cobardia, mas porque não quis submeter-me à tirania da sua sentença e provocar um duelo, quando eu próprio não me sentia ofendido. Sabe

— aqui não me contive — que insurgir-me contra essa tirania e assumir todas as consequências, era dar provas de muito mais coragem do que aceitar qualquer duelo.

Não pude conter-me, lancei esta frase como que a justificar a minha conduta; e era justamente isso que ela queria, essa nova humilhação da minha parte. Riu-se, com maldade.

— É verdade que depois disso andou como vagabundo três anos pelas ruas de Petersburgo, pedindo esmola e dormindo debaixo dos bilhares?

— Passei mesmo algumas noites na Praça Sennaia e na Casa Viazemski. Sim, é verdade; houve na minha vida, depois do regimento, muita ignomínia e degradação, mas não degradação moral, porque já então eu próprio era o primeiro a odiar a minha conduta. Foi apenas uma queda da minha vontade e da minha razão, provocada apenas pela minha situação desesperada. Mas isso é coisa do passado...

— Oh, agora você é uma personalidade, um financeiro!

Era uma alusão à caixa de empréstimos. Mas eu já tinha conseguido dominar-me. Via que ela ansiava por explicações humilhantes para mim, e não lhas dei. Um cliente, oportuno, tocou à porta e eu fui atendê-lo à sala. Depois, passada uma hora, quando já estava vestida para sair, parou à minha frente e disse:

— No entanto, não me disse nada sobre isso antes do casamento?

Não lhe respondi, e ela saiu.

Portanto, no dia seguinte, eu estava naquela sala atrás da porta e ouvia como se decidia o meu destino, mas trazia um revólver no bolso. Ela estava toda

ataviada, sentada a uma mesa, e Efimovitch requebrava-se diante dela. E que é que julgam: aconteceu aquilo (digo-o para minha honra), aconteceu ponto por ponto aquilo que eu tinha pressentido e pressuposto, mesmo sem ter consciência de que o pressentia e pressupunha. Não sei se me faço entender.

Eis o que se passou. Escutei durante uma hora, e durante uma hora assisti a um duelo de uma mulher, a mais nobre e a mais elevada, com um sujeito mundano, estúpido e depravado, com uma alma rastejante. Mas como, perguntava-me eu, pasmado, como é que esta ingénua, esta submissa, esta silenciosa sabe tudo isto? O mais espirituoso dos autores de comédias mundanas não seria capaz de escrever aquela cena de zombarias, das mais ingénuas gargalhadas e de santo desprezo da virtude para com o vício. E que brilho nas suas expressões e nas mínimas palavras; que agudeza nas suas rápidas réplicas, quanta verdade nas suas reprovações! E ao mesmo tempo, que ingenuidade quase virginal. Ela ria-lhe na cara das suas declarações de amor, dos seus gestos, das suas propostas. Preparado para um assalto grosseiro e não supondo resistência, ele viu-se subitamente derrubado. A princípio eu podia pensar que se tratava apenas de coquetismo da parte dela – «coquetismo de um ser perverso, mas espiritual, para se dar maior valor». Mas não, a verdade resplandecia como o sol, e não havia dúvida possível. Apenas por ódio para comigo, um ódio forçado e impulsivo, ela decidira, na sua inexperiência, tramar aquele encontro, mas perante os factos, logo se lhe abriram os olhos. Era apenas um ser que tacteava para me ofender fosse como fosse, mas, decidindo-se a semelhante baixeza, não

suportou o desvario. E como poderia ela, inocente e pura, deixar-se seduzir por Efimovitch ou por qualquer desses canalhas mundanos? Pelo contrário, ele só lhe provocava o riso. Toda a verdade se lhe erguia da alma, e a indignação fazia-lhe brotar do coração o sarcasmo. Repito, no final aquele palhaço estava completamente desconcertado, e franzia o cenho, sentado no seu lugar, mal respondendo, de tal modo que comecei a temer que ele tentasse ofendê-la por um vil desejo de vingança. E volto a repetir: por minha honra, escutei aquela cena quase sem surpresa. Era como se encontrasse qualquer coisa já conhecida. Era como se tivesse ido ali apenas para encontrar aquilo. Fui para lá sem acreditar em nada, em nenhuma acusação, embora levasse o revólver no bolso — é essa a verdade! E poderia eu imaginá-la diferente? Pois por que a amava eu, por que a estimava, por que me casara com ela? Oh, é claro, eu estava então mais que certo do seu ódio por mim, mas estava também convencido de como ela era inocente. Interrompi bruscamente a cena, abrindo a porta. Efimovitch saltou, eu agarrei-a pela mão e convidei-a a sair comigo. Efimovitch recompôs-se e soltou de repente uma sonora gargalhada:

— Oh, não tenho nada a objectar contra os sacrossantos direitos conjugais, leve-a, leve-a! E fique sabendo — gritou ele nas minhas costas — embora um homem digno não possa lutar consigo, mas por respeito pela sua dama, estou ao seu dispor... Se você, é claro, assumir o risco...

— Está a ouvi-lo? — disse-lhe eu para ela, detendo-a por um segundo no limiar.

Depois, todo o caminho até a casa, nem uma palavra. Levava-a pela mão, e ela não resistia. Pelo

contrário, estava terrivelmente estupefacta, mas só até a casa. Ao chegar a casa, sentou-se numa cadeira e ficou de olhos cravados em mim. Estava extraordinariamente pálida; embora os seus lábios assumissem de imediato um esgar de troça, olhava já com um desafio solene e severo e estava, parece, seriamente convencida nos primeiros minutos de que eu ia matá-la com o revólver. Mas eu tirei em silêncio o revólver do bolso e coloquei-o em cima da mesa. Ela olhou para mim e para o revólver. (Notem: ela conhecia aquele revólver. Eu tinha-o em casa, carregado, desde que abrira a caixa. Ao abrir a caixa, decidi não manter nem cães de guarda nem um lacaio robusto, como tem, por exemplo, o Moser. Em minha casa é a cozinheira que abre a porta. Mas quem se dedica à nossa profissão não pode privar-se, para qualquer eventualidade, um meio de auto-defesa, e o meu era um revólver carregado. Nos primeiros dias depois que entrou na minha casa, ela interessou-se muito por esse revólver, fez perguntas, e eu até lhe expliquei o mecanismo e o funcionamento, e além disso convenci-a uma vez a disparar contra um alvo. Notem bem tudo isto.) Sem prestar atenção ao seu olhar assustado, eu, meio despido, deitei-me em cima da cama. Estava muito cansado; eram já quase onze horas. Ela continuou sentada no mesmo lugar, sem se mexer, ainda durante cerca de uma hora. Depois apagou a vela e deitou-se, também vestida, no divã, junto à parede. Foi a primeira vez que não se deitou comigo – notem também isto...

VI RECORDAÇÃO TERRÍVEL

Agora esta recordação terrível...

Acordei de manhã, penso, às oito horas, e era quase completamente dia no quarto. Acordei imediatamente com plena consciência e de repente abri os olhos. Ela estava de pé junto à mesa com o revólver nas mãos. Não via que eu estava acordado e que a olhava. E de repente vejo-a avançar para mim com o revólver nas mãos. Fechei depressa os olhos e fingi dormir profundamente.

Chegou junto à cama e ficou de pé a meu lado. Eu ouvia tudo; embora se tivesse feito um silêncio de morte, eu ouvia esse silêncio. Então tive um movimento convulsivo – e abri de repente os olhos contra vontade. Ela olhava-me directamente nos olhos, e o revólver estava já junto à minha têmpora. Os nossos olhares encontraram-se. Mas olhámo-nos apenas por um breve instante. Eu forcei-me a fechar de novo os olhos, e nesse mesmo instante decidi com todas as forças da minha alma não voltar a mover-me nem abrir os olhos, fosse o que fosse que me esperava.

Na realidade, acontece que mesmo um homem profundamente adormecido abra de repente os olhos, e até soerga a cabeça por um segundo e percorra o quarto com o olhar, e, um instante depois, volte a pousar a cabeça na almofada, inconsciente, e readormeça sem se lembrar de nada. Quando eu, encontrando o olhar dela e sentindo o revólver na têmpora, de repente fechei de novo os olhos sem me mexer, como se dormisse

profundamente, ela podia certamente supor que na realidade eu dormia e que não vira nada, tanto mais que era completamente improvável que, tendo visto aquilo que vi, fechasse novamente os olhos em *tal* momento.

Sim, improvável. Mas ela podia em todo o caso adivinhar a verdade — também isso me ocorreu de súbito, tudo nesse mesmo instante. Oh, que turbilhão de pensamentos e de sensações me passou pelo espírito num instante, e viva a electricidade do pensamento humano! Nesse caso (senti eu), se ela adivinhou a verdade e sabe que eu não estou a dormir, já a esmaguei pela tranquilidade com que aceito a morte, e é possível que agora a mão lhe trema. A sua anterior resolução pode quebrar-se contra uma nova impressão extraordinária. Diz-se que quem estiver de pé sobre uma elevação se sente como que atraído para baixo, para o abismo. Eu penso que muitos suicídios e homicídios foram cometidos apenas porque o revólver já estava na mão. Também aqui havia um abismo, um declive de quarenta e cinco graus, pelo qual era impossível não deslizar, e qualquer coisa impele invencivelmente a apertar o gatilho. Mas a consciência de que eu vira tudo, sabia tudo e esperava dela a morte em silêncio — podia retê-la no declive.

O silêncio prolongava-se, e de repente senti na têmpora, junto aos cabelos, o frio contacto do ferro. Perguntam vocês: tinha eu a firme esperança de me salvar? Respondo, como diante de Deus: não tinha qualquer esperança, salvo talvez uma possibilidade em cem. Porquê aceitar então a morte? E eu pergunto: o que era para mim a vida depois de ter um revólver

apontado contra mim por um ser que eu adorava? Além disso, sabia com toda a força do meu ser que entre nós, naquele mesmo instante, se travava uma luta, um terrível duelo de morte, o duelo desse mesmo cobarde de ontem, expulso por cobardia pelos seus camaradas. Eu sabia isso, e ela também o sabia, se tivesse adivinhado que eu não dormia.

Talvez não tenha sido nada assim, talvez eu então não tenha pensado isto, mas deve ter sido isto o que se passou, mesmo sem pensamentos, porque não fiz mais que pensar nisso depois, em todas as horas da minha vida.

Mas vocês fazem outra pergunta: por que não a salvei eu de um crime? Oh, fiz a mim mesmo mil vezes essa pergunta depois – sempre que, com um arrepio na espinha, me lembrava desse instante. Mas a minha alma estava então mergulhada no mais sombrio desespero: ia morrer, eu próprio ia morrer, quem poderia eu salvar? E como sabem vocês se eu ainda queria então salvar alguém? Como saber o que eu podia sentir então?

A minha consciência, no entanto, fervilhava; passavam os segundos, o silêncio era mortal; ela continuava de pé a meu lado – e de repente estremei de esperança! Abri rapidamente os olhos. Ela já não estava no quarto. Levantei-me da cama: eu tinha vencido – e ela estava para sempre vencida!

Saí para tomar o chá. Em nossa casa o samovar era sempre colocado na primeira sala, e o chá era sempre servido por ela. Sentei-me à mesa em silêncio e recebi o copo de chá que me estendia. Ao fim de uns cinco minutos olhei para ela. Estava horrivelmente pálida, ainda mais pálida que no dia anterior, e olhava para

mim. E de repente – de repente, vendo que eu olhava para ela, teve um pálido sorriso nos lábios pálidos, com uma tímida interrogação nos olhos. «Portanto, ela ainda duvida e interroga-se: ele sabe ou não sabe, viu ou não viu?» Desviei os olhos com indiferença. Depois do chá fechei a caixa, fui ao mercado e comprei uma cama de ferro e um biombo. Ao chegar a casa mandei instalar a cama na sala grande e o biombo para a ocultar. Era uma cama para ela, mas eu não lhe disse nem uma palavra. E mesmo sem palavras ela compreendeu, através daquela cama, que eu «tinha visto tudo e tudo sabia» e que já não havia mais dúvidas. Nessa noite deixei o revólver, como sempre, em cima da mesa. Ela deitou-se em silêncio naquela sua nova cama: o casamento estava desfeito, «vencida mas não perdoada». Durante a noite ela delirou, e de manhã tinha febre. Esteve de cama seis semanas.

Capítulo II

I

O SONHO DO ORGULHO

Lukéria acaba de me dizer que não ficará comigo e que, logo que enterrarem a senhora, se vai embora. Rezei de joelhos cinco minutos, e queria rezar uma hora, mas estou sempre a pensar, a pensar, e sempre pensamentos dolorosos, e a cabeça dói-me – de que serve rezar –, tudo é pecado! Também é estranho que não me apeteça dormir: num grande desgosto, demasiado grande, depois das primeiras e mais violentas explosões, tem-se

sempre vontade de dormir. Os condenados à morte, diz-se, dormem com um sono extraordinariamente pesado na última noite. E assim é que deve ser, é da natureza, de outro modo as forças não resistiam... Deitei-me no divã, mas não dormi...

...Nas seis semanas da doença cuidámos dela dia e noite – eu, Lukéria e uma enfermeira do hospital, que contratei. Não olhei a despesas, e até queria gastar dinheiro com ela. Mandei chamar o doutor Schroeder e paguei-lhe dez rublos por visita. Quando recuperou a consciência, comecei a aparecer menos diante dos seus olhos. Mas de resto, para quê estes pormenores? Quando ela se levantou da cama, sentou-se sossegadamente e sem dizer palavra no meu quarto, a uma mesa especial que então comprei para ela... Sim, é verdade, ficávamos totalmente calados; quer dizer, depois até começámos a falar, mas só de coisas banais. Eu, é claro, falava pouco de propósito, mas notava muito bem que também ela estava contente por não dizer uma palavra mais que o necessário. Isso parecia-me perfeitamente natural da parte dela. «Está demasiado abalada e demasiado vencida – pensava eu – e, claro, é preciso dar-lhe tempo para esquecer e habituar-se.» Por isso ficávamos calados, mas eu a cada minuto preparava-me para o futuro. Pensava que ela também, e para mim era uma coisa terrivelmente interessante tentar adivinhar: em que pensa ela precisamente neste momento?

Direi mais uma coisa. Oh, é claro, ninguém sabe aquilo por que passei, gemendo ao lado dela durante a sua doença. Mas eu gemia só para mim, e abafava os gemidos no meu peito até diante de Lukéria. Não podia imaginar, nem mesmo supor, que ela morresse sem ter

sabido tudo. E quando ficou fora de perigo e começou a recuperar a saúde, lembro-me, depressa recuperei a tranquilidade. Além disso, decidi *adiar o nosso futuro* o mais tempo possível, e deixar por enquanto tudo como estava. Sim, passou-se então comigo qualquer coisa de estranho e singular, não lhe posso chamar de outro modo: eu tinha triunfado, e a simples consciência disso pareceu-me então perfeitamente suficiente. E assim se passou todo o Inverno. Oh, eu estava contente, como nunca estivera, e isso durante todo o Inverno.

Vejam: houve na minha vida uma terrível circunstância externa, que até hoje, quer dizer, até à catástrofe com a minha mulher, me oprimia todos os dias e a todas as horas, concretamente a perda da reputação e aquela saída do exército. Em duas palavras: houve uma injustiça tirânica contra mim. É verdade que os meus camaradas não gostavam de mim, pelo meu carácter difícil, e, talvez, pelo meu carácter ridículo, embora muitas vezes aconteça, não é verdade, que aquilo que para nós é elevado, sagrado e digno do nosso culto, ao mesmo tempo, por qualquer razão, faz rir a multidão dos nossos camaradas. Oh, de mim nunca ninguém gostou, nem mesmo na escola. Sempre e em toda a parte não gostaram de mim. Nem a Lukéria consegue gostar de mim. Por isso aquele caso no regimento, embora fosse consequência da aversão para comigo, teve sem dúvida um carácter fortuito. E acrescento que não há nada mais lastimável e intolerável do que ser vítima de um incidente que podia muito bem ter ou não acontecido, de um infeliz conjunto de circunstâncias que poderiam ter passado ao lado como uma nuvem. Isso, para um ser inteligente, é humilhante. O incidente foi o seguinte:

Durante o intervalo, no teatro, fui ao bufete. O hussardo A..., entrando de repente, começou a contar a dois outros hussardos, em voz alta e diante de todos os oficiais e do público ali presente, que no corredor o capitão do nosso regimento Bezumtsev acabava de armar um escândalo «e, parece, está bêbedo». A conversa ficou por ali, e de resto tinha havido um engano, porque o capitão Bezumtsev não estava bêbedo, e o escândalo não fora na verdade nenhum escândalo. Os hussardos começaram a falar de outra coisa, e tudo acabou ali; mas no dia seguinte a anedota correu no nosso regimento, e imediatamente se começou a dizer que do nosso regimento eu era o único que estava no bufete, e que quando o hussardo A... falou insolentemente do capitão Bezumtsev, não me dirigi a A... e não o admoestei para que se calasse. Mas por que havia de fazê-lo? Se ele tinha alguma coisa contra Bezumtsev, a questão era pessoal entre eles, e que tinha eu que me meter? No entanto os oficiais achavam que o caso não era pessoal, mas dizia respeito também ao regimento, e como eu era o único dos oficiais do nosso regimento que estava presente, mostrara assim a todos os oficiais e ao público presentes no bufete que no nosso regimento havia oficiais pouco meticolosos sobre a sua própria honra e a do regimento. Eu não podia concordar com semelhante raciocínio. Disseram-me que ainda podia reparar tudo, se mesmo agora, embora tarde, quisesse pedir formalmente explicações a A... Eu não quis fazê-lo, e como estava exasperado, recusei-me com altivez. Após o que apresentei imediatamente a minha demissão – aqui está toda a história. Saí altivo, mas moralmente abatido. A minha vontade e a minha razão fraquejaram.

Precisamente por essa altura, aconteceu que o marido da minha irmã delapidou em Moscovo o nosso modesto património, incluindo a parte que nele me cabia, uma parte minúscula, mas eu achei-me na rua sem um centavo. Podia ter passado a servir como civil, mas não quis: depois de ter usado um brilhante uniforme, não podia ir para um qualquer lugar nos caminhos de ferro. Resultado – vergonha por vergonha, desonra por desonra, queda por queda, quanto pior melhor – eis a minha escolha. Seguiram-se três anos de sombrias recordações, incluindo a Casa Viazemski. Há ano e meio morreu em Moscovo uma senhora rica que era minha madrinha, e inesperadamente, entre outros herdeiros, deixou-me também a mim em testamento três mil rublos. Pensei, e foi então que decidi o meu destino. Decidi-me pela casa de penhores, sem pedir desculpa a ninguém: dinheiro, depois um canto meu e uma nova vida longe das antigas recordações – tal era o plano. Entretanto, esse triste passado e a reputação da minha honra para sempre manchada atormentavam-me a cada hora, a cada minuto. Mas então casei-me. Por acaso ou não – ignoro. Mas, ao introduzi-la na minha casa, pensei que introduzia uma pessoa amiga, do que eu mais precisava era de um amigo. Mas via claramente que esse amigo era preciso prepará-lo, fazê-lo e até vencê-lo. E poderia eu explicar alguma coisa assim de imediato àquela mulher de dezasseis anos e com os seus preconceitos? Por exemplo, como podia eu, sem a ajuda fortuita da terrível catástrofe ocorrida com o revólver, convencê-la de que não era um cobarde e que no regimento me acusaram injustamente de cobardia? Mas a catástrofe ocorreu oportunamente. Ao enfrentar o

revólver, vinguei-me de todo o meu sombrio passado. E embora ninguém tenha sabido disso, *ela* soube-o, e isso para mim era tudo, porque ela própria era tudo para mim, toda a esperança do meu futuro nos meus sonhos! Ela era a única pessoa que eu preparava para mim, e não precisava de mais ninguém – e ela ficara a saber de tudo; ficara a saber, pelo menos, que se apressara injustamente a juntar-se aos meus inimigos. Este pensamento encantava-me. Aos olhos dela eu não podia ser já um canalha, quando muito um homem estranho, mas até esse pensamento já não me desagradava assim tanto agora, depois de tudo o que tinha acontecido: ser estranho não é um defeito, pelo contrário, por vezes até seduz o carácter feminino. Numa palavra, adiei deliberadamente o desfecho: aquilo que acontecera era por enquanto mais que suficiente para a minha tranquilidade e comportava suficientes quadros e alimento para os meus sonhos. E o mal é esse, é que eu sou um sonhador: tinha material que chegasse, e quanto a ela, pensava que *podia esperar*.

Assim se passou todo o Inverno, como que à espera de qualquer coisa. Eu gostava de olhar para ela furtivamente, quando estava sentada, por vezes, à sua mesinha. Ela ocupava-se de algum trabalho, costurava, e à noite lia por vezes livros, que ia buscar ao meu armário. A escolha dos livros também devia testemunhar a meu favor. Ela quase nunca saía para parte alguma. Antes da noite, depois do jantar, eu saía todos os dias com ela, e dávamos um passeio, mas não completamente em silêncio como antes. Esforçava-me exactamente por mostrar que não íamos em silêncio e que conversávamos em boa harmonia, mas, como já

disse, éramos, cada qual por seu lado, bastante reservados. Eu fazia de propósito, e quanto a ela, pensava eu, era preciso «dar-lhe tempo». É certamente estranho que nem uma única vez, até quase ao fim do Inverno, me tenha ocorrido que enquanto eu gostava de observá-la furtivamente, lhe não surpreendi um único olhar dirigido a mim! Pensava que era timidez da sua parte. Além disso ela tinha o ar de uma tão tímida submissão, de uma tão grande fraqueza depois da doença. Não, mais valia esperar, e — «e de repente ela própria virá ter contigo...»

Esta ideia encantava-me irresistivelmente. Acrescentarei ainda que por vezes me inflamava como que de propósito e levava verdadeiramente o meu espírito e a razão ao ponto de me mostrar ofendido com ela. E isto prolongou-se por algum tempo. Mas o ódio nunca chegava a amadurecer e a implantar-se no meu espírito. E eu próprio sentia que isso não era mais que uma espécie de jogo. E mesmo então, embora eu tenha desfeito o casamento, comprando uma cama e um biombo, nunca, mas nunca podia ver nela uma criminosa. E não porque julgasse levemente o seu crime, mas porque tinha a ideia de lhe perdoar completamente, desde o primeiro dia, ainda antes mesmo de ter comprado a cama. Em suma, era uma coisa estranha da minha parte, porque sou moralmente severo. Pelo contrário, a meus olhos ela estava de tal modo vencida, tão rebaixada, tão esmagada, que eu por vezes sentia uma dolorosa pena dela, embora, apesar de tudo, me agradasse verdadeiramente por vezes a ideia da sua humilhação. A ideia dessa nossa desigualdade agradava-me...

Nesse Inverno aconteceu-me fazer deliberadamente algumas boas acções. Perdoei duas dívidas, emprestei a uma pobre mulher sem qualquer penhora. E não disse nada à minha mulher sobre isso, nem o fiz de modo nenhum para que ela soubesse; mas a própria mulher em questão veio agradecer, e quase se pôs de joelhos. E assim a coisa divulgou-se; pareceu-me que ela soube do caso da mulher com verdadeira satisfação.

Mas aproximava-se a Primavera, estávamos já em meados de Abril, retiravam-se os caixilhos duplos das janelas, e o sol iluminava com os seus raios cintilantes as nossas salas silenciosas. Mas à minha frente havia um véu que me cegava o espírito. Véu fatal, terrível! Como foi que de repente se fez luz e eu vi claramente e tudo compreendi. Foi tudo um acaso, ou chegou o dia marcado, ou um raio de sol acendeu no meu espírito embrutecido o pensamento e a intuição? Não, não houve aqui pensamento nem intuição, foi como se um filamento começasse de súbito a funcionar, um filamento entorpecido que estremeceu e se reanimou e iluminou toda a minha alma embrutecida e o meu orgulho demoníaco. Nesse momento saltei literalmente do lugar. E isso aconteceu brusca e repentinamente. Aconteceu ao fim da tarde, às cinco horas da tarde...

II DE SÚBITO CAIU O VÉU

Antes disso, duas palavras. Havia um mês que eu notara nela um ar singularmente meditativo, não apenas silencioso, mas meditativo. Também isso o notei de repente. Estava sentada com o seu trabalho, de cabeça inclinada para a costura, e não via que eu olhava para ela. E de súbito fiquei impressionado por a ver tão franzina, magra, a cara pálida, os lábios brancos — e tudo isso em conjunto com o seu ar pensativo me impressionou extraordinariamente. Eu já antes ouvira uma ligeira tosse seca, principalmente à noite. Levantei-me imediatamente e, sem nada lhe dizer, fui chamar Schroeder.

Schroeder veio no dia seguinte. Ela ficou muito surpreendida e olhava ora para Schroeder, ora para mim.

— Mas eu estou bem — disse sorrindo, indecisa.

Schroeder não a examinou com muita atenção (estes médicos são por vezes arrogantemente desatentos), apenas me disse, na outra sala, que aquilo eram sequelas da doença e que na Primavera não seria mau que ela fosse para qualquer lado, para o mar, ou, se isso fosse impossível, mudar-se simplesmente para a casa de campo. Em resumo, não disse nada, a não ser que era fraqueza ou qualquer coisa assim. Quando Schroeder saiu, ela repetiu de súbito, olhando-me terrivelmente séria:

— Eu estou bem, perfeitamente bem.

Mas, ao dizer estas palavras, imediatamente corou, visivelmente de vergonha. Era evidentemente de

vergonha. Oh, agora compreendo: tinha vergonha de que eu fosse ainda o *seu marido*, que me ocupasse dela como se fosse um verdadeiro marido. Mas então eu não compreendi e atribuí o rubor à humildade (o véu!).

E eis que um mês mais tarde, às cinco da tarde, em Abril, num luminoso dia de sol eu estava sentado à caixa e fazia as contas. De súbito ouço-a, no nosso quarto, sentada à sua mesinha, com o seu trabalho, muito baixinho... a cantar. Esta novidade provocou em mim uma impressão perturbadora, que ainda hoje não compreendo.

Até então eu quase nunca a ouvira cantar, talvez logo nos primeiros dias, quando a trouxe para casa e quando ainda podíamos brincar, atirando ao alvo com o revólver. Quando a sua voz era ainda bastante forte, sonora, embora dissonante, mas extremamente agradável e sã. Mas agora a canção era tão fraca – oh, não é que fosse melancólica (era uma qualquer romança), mas como se houvesse na voz qualquer coisa de rachado, quebrado, como se a voz não pudesse expandir-se, como se a própria canção estivesse doente. Cantava a meia voz, e de súbito, ao elevar-se, a voz quebrou-se – uma vozinha tão pobre que se quebrou lastimavelmente; ela tossiu e de novo, suavemente, suavemente, recomeçou pouco a pouco a cantar...

A minha emoção provocará risos, mas nunca ninguém compreenderá porque é que eu me emocionei! Não, ainda não tinha pena dela, era qualquer coisa completamente diferente. A princípio, pelo menos durante os primeiros minutos, surgiu-me de repente a perplexidade e uma terrível surpresa, terrível e estranha,

dolorosa e quase vingativa: «Ela canta, mesmo na minha presença! *Esqueceu-se então de que eu estou aqui?*»

Todo emocionado, fiquei petrificado no lugar, depois levantei-me de repente, peguei no chapéu e saí, como que sem compreender. Nem sequer sabia por que saía nem para onde. Lukéria deu-me o sobretudo.

— Ela está a cantar? — disse eu involuntariamente a Lukéria. Esta não compreendeu e olhou para mim, continuando sem compreender; de resto, eu estava realmente incompreensível.

— É a primeira vez que ela canta?

— Não, por vezes canta quando o senhor não está cá — respondeu Lukéria.

Lembro-me de tudo. Desci a escada, saí para a rua e caminhei ao acaso. Fui até à esquina e fiquei a olhar não sei para onde. Ali as pessoas passavam, empurravam-me e eu não sentia. Chamei um cocheiro e mandei-o seguir para a Ponte da Polícia, não sei porquê. Mas depois, logo a seguir, despedi-o e dei-lhe uma moeda de vinte copeques:

— Isto é pelo incómodo — disse-lhe com um sorriso insensato, mas senti de repente no coração não sei que arrebatamento.

Voltei para casa, acelerando o passo. A nota em falso, pobre, bruscamente quebrada ressoou de novo na minha alma. Faltava-me o fôlego. O véu caía, caía diante dos meus olhos! Se ela começara a cantar na minha presença, é porque me esquecera por instantes — eis o que era evidente e terrível. Era o que o meu coração sentia. Mas uma exaltação resplandecia na minha alma e dominava o medo.

Oh ironia do destino! Pois não havia e não podia haver nada mais na minha alma, durante todo o Inverno,

além dessa mesma exaltação, mas eu próprio, onde estive eu durante todo o Inverno? Estava eu, onde estava a minha alma? Corri pela escada acima a toda a pressa, não sei se entrei timidamente. Lembro-me apenas de que todo o chão parecia agitar-se, e eu como que flutuava num rio. Entrei no quarto, ela continuava sentada no mesmo lugar, cosia de cabeça inclinada, mas já não cantava. Olhou para mim rapidamente e sem curiosidade, não era sequer um olhar, mas apenas um gesto, vulgar e indiferente, de quando entra uma qualquer pessoa.

Fui direito a ela e sentei-me numa cadeira a seu lado, muito junto, como um louco. Ela lançou-me um olhar rápido, como que assustada: peguei-lhe na mão e não me lembro daquilo que lhe disse, ou antes, que lhe queria dizer, porque eu nem sequer conseguia falar correctamente. A minha voz quebrava-se e apagava-se. Pois eu não sabia o que dizer, apenas arquejava.

– Vamos falar... sabes... diz qualquer coisa! – comecei a balbuciar palavras insensatas, oh, que importava a sensatez?

Ela estremeceu de novo e recuou muito assustada, olhando para a minha cara, mas de súbito – os seus olhos exprimiram um *severo espanto*. Sim, espanto *e severo*. Olhava para mim com os olhos muito abertos. Essa severidade, esse espanto severo esmagaram-me de imediato, literalmente: «É ainda queres amor? Amor?» – perguntava-me de súbito esse espanto, embora ela estivesse calada. Mas eu li tudo nos seus olhos, tudo. Fiquei totalmente perturbado, e assim caí aos pés dela. Sim, rojei-me aos seus pés. Ela levantou-se precipitadamente, mas eu segurei-a pelas duas mãos com uma força extraordinária.

Eu compreendia inteiramente o meu desespero, oh, compreendia! Mas, acreditem, a exaltação fervia no meu coração tão irresistivelmente, que eu pensava que ia morrer. Beijava os seus pés num arrebatamento de felicidade. Sim, felicidade, desmedida e infinita, e isto com a compreensão do meu desespero sem saída! Chorava, queria dizer qualquer coisa, mas não conseguia falar. O medo e o espanto em breve foram nela substituídos por um qualquer pensamento preocupado, por uma interrogação extraordinária, e olhou-me de um modo estranho, selvagem mesmo, procurava compreender depressa qualquer coisa e sorriu. Estava terrivelmente envergonhada por eu lhe beijar os pés, e retirou-os, mas logo eu beijei o lugar no chão onde estiveram os seus pés. Ela viu e começou de repente a rir de vergonha (sabem, quando se ri de vergonha). Começava uma crise de histerismo, eu bem o via, as mãos dela tremiam — eu não pensava nisso e continuava a balbuciar que a amava, que não me levantaria, «deixa-me beijar o teu vestido... rezar assim por ti para toda a vida...». Não sei, não me lembro — e de repente ela começou a soluçar e toda a tremer; teve uma horrível crise de histerismo. Eu tinha-a assustado.

Levei-a para a cama. Quando a crise passou, ela, sentando-se na cama, com um ar terrivelmente deprimido, agarrou-me nas mãos e pediu-me que me acalmasse. «Basta, não se torture, acalme-se!» — e de novo começou a chorar. Toda essa noite não me afastei dela. Dizia-lhe incessantemente que a levaria a Bolonha, tomar banhos de mar, agora mesmo, imediatamente, dentro de duas semanas, que ela tinha uma vizinha trémula, eu ouvira há pouco, que fechava a caixa, que a

vendia a Dobronravov, que tudo começaria de novo, e principalmente em Bolonha, em Bolonha! Ela escutava e continuava com medo! Tinha cada vez mais medo. Mas o principal para mim não era isso, era que eu queria cada vez mais e irresistivelmente cair de novo a seus pés, e voltar a beijar-lhos, beijar o chão que os seus pés pisavam, e adorá-la e — «não te pedirei mais nada, mais nada — repetia eu constantemente —, não me respondas nada, não me prestes sequer atenção e deixa-me apenas olhar-te do meu canto, faz de mim uma coisa tua, o teu cãozinho...». Ela chorava.

— *E eu que pensava que você me deixaria sem mais* — disse ela de súbito involuntariamente, tão involuntariamente que talvez nem tenha reparado como o dizia, oh, essa foi a sua palavra mais importante, a mais fatal e a mais compreensível para mim nessa noite, e ao ouvi-la foi como se um punhal se me cravasse no coração! Essa palavra explicou-me tudo, tudo, mas enquanto ela estava a meu lado, diante dos meus olhos, eu conservava uma irresistível esperança e era terrivelmente feliz. Oh, eu importunei-a terrivelmente nessa noite, e apercebia-me disso, mas pensava constantemente que iria refazer tudo imediatamente. Enfim, à noite, ficou completamente sem forças, e eu convenci-a a ir dormir. Adormeceu imediatamente, num sono pesado. Eu esperava o delírio, ela delirou, mas um delírio muito ligeiro. Durante a noite levantei-me quase de minuto a minuto, ia suavemente, de chinelos, contemplá-la. Torcia as mãos debruçado para ela, olhando aquele ser doente naquele pobre leito, naquele leito de ferro que eu lhe tinha comprado então por três rublos. Punha-me de joelhos, mas não ousava beijar-lhe os pés

enquanto dormia (sem o seu conhecimento!). Punha-me a rezar a Deus, mas levantava-me de um salto. Lukéria observava-me e saía constantemente da cozinha. Fui ter com ela e disse-lhe que se deitasse e que no dia seguinte começaria «uma vida muito diferente».

E eu acreditava nisso cegamente, loucamente, terrivelmente. Oh, a exaltação, a exaltação inundava-me! Só esperava o dia seguinte. Principalmente, não acreditava em nenhuma desgraça, apesar dos sintomas. O sentido da realidade ainda me não voltara completamente, apesar de o véu ter caído, e durante muito, muito tempo não voltou — oh, até agora, até hoje mesmo! Mas como, como poderia ele voltar então: pois se ela estava ainda viva, se ela estava aqui mesmo à minha frente, e eu diante dela: «Amanhã ela acorda, e eu digo-lhe tudo, e ela compreenderá tudo.» Eis o meu raciocínio de então, simples e claro, e por isso a minha exaltação! Principalmente, havia essa viagem a Bolonha. Por qualquer razão, eu pensava que Bolonha era tudo, que em Bolonha havia qualquer coisa de definitivo. «Em Bolonha, em Bolonha!...» Eu esperava loucamente a manhã.

III

COMPREENDO DEMASIADO BEM

E dizer que isto foi apenas há alguns dias, cinco dias, há apenas cinco dias, na terça-feira passada! Não, não, teria bastado apenas um pouco mais de tempo, se ela tivesse esperado só um pouco mais — eu teria dissipado as trevas! Pois não se tinha ela acalmado? Logo

no dia seguinte escutava-me já com um sorriso, apesar do seu embaraço... Principalmente, durante todo esse tempo, esses cinco dias, o que havia nela era embaraço ou vergonha. Tinham também medo, muito medo. Não digo que não, não vou contradizer, como um insensato: havia medo, mas como não havia ela de ter medo? Se havia tanto tempo que éramos como estranhos um para o outro, estávamos tão afastados um do outro, e de repente tudo aquilo... Mas eu não via o seu medo, algo de novo resplandecia!... É verdade, é sem dúvida verdade, que cometi um erro. E houve mesmo, talvez, muitos erros. Logo que acordámos no dia seguinte, de manhã cedo (era uma quarta-feira) cometi imediatamente um erro: quis fazer imediatamente dela minha amiga. Precipitei-me, demasiado, demasiado, mas a confissão era necessária, indispensável – muito mais que uma confissão! Não lhe oculte sequer que toda a vida me escondera de mim mesmo. Declarei mesmo francamente que durante todo o Inverno sempre estivera convencido do seu amor. Expliquei-lhe que a caixa de penhores era apenas uma quebra da minha vontade e da minha razão, uma ideia pessoal de autoflagelação e de autoglorificação. Expliquei-lhe que daquela vez no bufete sentira efectivamente medo, em consequência do meu carácter hipocondríaco: impressionou-me a situação, impressionou-me o bufete; impressionou-me pensar: como vou eu sair desta, e não será isso estúpido? Tive medo não do duelo, mas de uma cena estúpida... E depois disso não quis reconhecê-lo e atormentei toda a gente, e também a ela a atormentei por isso, e depois casei-me com ela, para fazê-la sofrer por isso. Em geral estive quase sempre a

falar, como num acesso de febre. Quanto a ela, pegou-me na mão e pedia-me que parasse: «Você exagera... está a atormentar-se» — e de novo começavam as lágrimas, e de novo quase os ataques de nervos! Pedia-me continuamente que não dissesse nem recordasse nada daquilo.

Não prestei atenção aos seus pedidos, ou dei-lhes pouca atenção: a Primavera, Bolonha! Ali há sol, ali está o nosso novo sol, era só isso que eu dizia! Fechei a caixa, transferi os negócios para Dobronravov. Propus-lhe a ela que distribuíssemos tudo pelos pobres, salvo os três mil rublos essenciais, recebidos da minha madrinha, com os quais faríamos a viagem a Bolonha, e depois regressamos e iniciamos uma nova vida de trabalho. E assim decidimos, porque ela não disse nada... apenas sorriu. E, parece, sorriu mais por delicadeza, para não me afligir. Porque eu via que lhe causava pesar, não pensem que era tão tolo ou tão egoísta que não visse isso. Via tudo, tudo até ao último pormenor, via e sabia melhor que ninguém; todo o meu desespero era evidente!

Disse-lhe tudo sobre mim e sobre ela. E acerca de Lukéria. Disse-lhe que tinha chorado... Oh, eu mudava também de conversa, procurava também não falar de modo nenhum de certas coisas. E até ela se animou, uma ou duas vezes, porque eu lembro-me, lembro-me! Porque é que dizem que eu olhava e não via nada? E se ao menos *isto* não tivesse acontecido, tudo ressuscitaria. Pois ela contou-me ainda anteontem, quando falávamos de leituras e daquilo que tinha lido no Inverno, contava-me e ria ao recordar aquela cena com o arcebispo de Granada, no *Gil Blas*. E que riso infantil, delicioso,

exactamente como antes, durante o noivado (um ápice! um ápice!); como eu estava contente! Essa história do arcebispo impressionou-me de resto terrivelmente: ela tinha achado pois tranquilidade de espírito e felicidade bastante para se rir de uma obra-prima, quando ficava em casa no Inverno. Portanto começara já a tranquilizar-se completamente, começara a acreditar inteiramente que eu a deixaria *assim*. «Eu pensava que você me deixaria *assim*!» – foi isso que ela deixou escapar na terça-feira! Oh, pensamento de uma menina de dez anos! E acreditava, acreditava que na verdade tudo ficaria *assim*: ela à sua mesa, eu à minha, e assim os dois até aos sessenta anos. E de repente – eu chego, o marido, e um marido precisa de amor! Oh, o mal-entendido, oh, a minha cegueira!

Foi também um erro olhá-la com exaltação; devia ter-me dominado, pois essa exaltação assustou-a. Mas eu dominei-me, não voltei a beijar-lhe os pés. Nem uma única vez me mostrei... bem, enfim, como o marido – oh, nem sequer tinha isso no pensamento, não fazia mais que rezar! Mas não podia ficar absolutamente calado, não podia não dizer nada! Disse-lhe de súbito que a considerava incomparavelmente, incomparavelmente mais culta e evoluída do que eu. Ela ficou muito corada e, enleada, disse que eu exagerava. Então eu, tolo, não me contive e contei-lhe com que enlevo escutara então, atrás da porta, o duelo dela, o duelo da inocência com aquele canalha, e como me deleitava com o seu espírito, com o brilho dos seus ditos, com tanta simplicidade infantil. Então ela pareceu estremecer toda, balbuciou de novo que eu exagerava, mas de súbito todo o seu rosto ficou sombrio, ocultou-o com as mãos

e rompeu em soluços... Então também eu não pude conter-me: de novo caí diante dela, de novo comecei a beijar-lhe os pés e de novo tudo terminou numa crise de nervos, como na terça-feira. Isto foi ontem à noite, e de manhã...

De manhã?! Insensato, mas de manhã foi hoje, ainda há pouco, agora mesmo.

Ouçam e tentem compreender: quando nos encontrámos há pouco ao pé do samovar (depois da crise de nervos de ontem), ela até me surpreendeu pela sua calma, foi isso que aconteceu! E eu que toda a noite tremi de medo pelo que acontecera ontem. Mas de súbito ela aproxima-se de mim, põe-se mesmo à minha frente e, juntando as mãos (ainda há pouco, ainda há pouco!), começou a dizer-me que era uma criminosa, e que o sabia, que o seu crime a atormentara todo o Inverno, que a atormentava ainda agora... que estimava muito a minha generosidade, «...serei a sua esposa fiel, hei-de respeitá-lo...». Então levantei-me de um salto e, como louco, abracei-a! E beijei-a, no rosto, nos lábios, como marido pela primeira vez depois de uma longa separação. E para que saí eu há pouco, apenas por duas horas... a buscar os nossos passaportes... Oh Deus! Cinco minutos apenas, se voltasse cinco minutos antes!... E aquela multidão ali à nossa porta, aqueles olhares para mim... Oh, Senhor!

Lukéria diz (oh, agora não deixarei Lukéria partir por nenhum preço, ela sabe tudo, ela esteve aqui todo o Inverno, há-de contar-me tudo), diz que quando eu saí de casa, e apenas uns vinte minutos antes de regressar, entrou de súbito no nosso quarto para perguntar qualquer coisa à patroa, não me lembro o

quê, e viu que o ícone (aquele mesmo ícone da Virgem com o Menino) tinha sido tirado da parede e estava à frente dela em cima da mesa, e a patroa como que acabava de benzer-se diante dele. – Que faz, senhora? – Nada, Lukéria, vai-te... Espera, Lukéria. – Aproximou-se dela e beijou-a. – Está feliz, senhora – perguntei. – Estou sim, Lukéria. – Há muito, senhora, que o patrão devia ter vindo pedir-lhe desculpa... Graças a Deus, que fizeram as pazes. – Está bem, Lukéria, agora vai – disse ela e sorriu de uma maneira, muito estranha. Tão estranha, que dez minutos depois Lukéria voltou subitamente para olhar para ela: «Estava junto à parede, mesmo ao pé da janela, com uma mão apoiada na parede, e a cabeça encostada à mão, e meditava. E estava tão profundamente mergulhada nos seus pensamentos, que nem se apercebeu de que eu estava ali e olhava para ela do outro quarto. Vejo que ela estava como que a sorrir, ali de pé, meditava e sorria. Estive a olhá-la, depois voltei-me em silêncio, saí, pensando comigo mesma, quando de repente ouço abrir a janela. Voltei imediatamente para lhe dizer que «Está fresco, senhora, veja lá não se constipe», e de repente vejo que ela subiu para a janela, está de pé no parapeito, com a janela aberta, de costas para mim, o ícone nas mãos. Caiu-me o coração aos pés, gritei: «Senhora, senhora!» Ela ouviu, moveu-se para se voltar para mim, mas não se voltou, deu um passo, apertou o ícone contra o peito e atirou-se da janela!»

Só me lembro de que quando entrei o portão, ela ainda estava quente. Mas principalmente, todos eles olhavam para mim. Primeiro gritaram, mas de repente calaram-se, e de repente todos se afastam à minha frente

e... e ela jazia ali com o ícone. Lembro-me, como no meio das trevas, que me aproximei em silêncio e olhei durante muito tempo, e que todos me rodeavam e me diziam qualquer coisa. Lukéria estava ali, mas eu não a via. Diz que falou comigo. Lembro-me apenas daquele pequeno burguês que não parava de me gritar que «o sangue saía-lhe às golfadas da boca, às golfadas, às golfadas!», e mostrava-me o sangue ali mesmo na pedra. Eu, ao que parece, toquei no sangue com um dedo, sujei o dedo, olhava para o dedo (disso lembro-me), e ele continuava: «Às golfadas, às golfadas!»

— Que quer isso dizer, às golfadas? — pus-me eu a gritar, com toda a força, levantei a mão e precipitei-me para ele...

Oh, que horrível, que horrível! Equívoco! Inverosimilhança! Impossibilidade!

IV

APENAS CINCO MINUTOS ATRASADO

Pois não? Pois será isto verosímil? Poder-se-á dizer que isto é possível? Para quê, por que morreu esta mulher?

Oh, acreditem, eu compreendo; mas por que morreu ela, é em todo o caso uma questão. Teve medo do meu amor, interrogou-se seriamente: aceitar ou não aceitar, e não suportou a pergunta, e preferiu morrer. Eu sei, eu sei, não preciso de dar voltas à cabeça: ela fez demasiadas promessas, teve medo de não poder mantê-las — é claro. Há aqui algumas circunstâncias absolutamente terríveis.

Pois, por que razão morreu ela? A questão mantém-se apesar de tudo. A questão martela-me no cérebro. Eu podia tê-la deixado *assim*, se ela quisesse que as coisas se mantivessem *assim*. Mas ela não acreditava nisso, aí está! Não, não, eu minto, não é nada disso. Simplesmente porque comigo era preciso ser honesta; amar, era amar totalmente, e não como teria amado um comerciante. E como ela era demasiado casta, demasiado pura, para aceitar um amor como aquele de que necessita um comerciante, não quis enganar-me. Não quis enganar com meio amor, sob a aparência de amor, ou um quarto de amor. Honestidade total, é o que é! E eu que queria então inculcar-lhe grandeza de coração, lembram-se? Ideia estranha. Terrível curiosidade: ela respeitava-me? Não sei, ela desprezava-me ou não? Não penso que me desprezasse. É terrivelmente estranho: porque é que nem uma única vez me ocorreu, durante todo o Inverno, que ela podia desprezar-me? Eu estava altamente convencido do contrário até àquele momento em que ela me olhou com um *espanto severo*. *Severo*, justamente. Então compreendi subitamente que me desprezava. Compreendi irrevogavelmente, para sempre! Ah, deixá-la, deixá-la desprezar-me, nem que fosse por toda a vida, mas que vivesse, que vivesse! Ainda agora andava, falava. Não posso compreender como pôde ela atirar-se da janela! E como poderia eu supor mesmo cinco minutos antes? Chamei Lukéria. Agora não deixarei Lukéria partir, por nada deste mundo, por nada!

Oh, ainda podíamos entender-nos. Nós apenas nos tínhamos terrivelmente desacostumado um do outro durante o Inverno, mas não era possível reabilitarmo-

-nos? Porquê, por que não poderíamos nós entender-nos e recomeçar uma nova vida? Eu sou generoso, ela também – aí está um ponto de encontro! Bastavam mais algumas palavras, dois dias, não mais, e ela teria compreendido tudo...

O principal, o que mais dói, é que tudo isto foi um acaso – um simples, bárbaro, estúpido, rotineiro acaso. É isso que me aflige! Cinco minutos, atrasei-me apenas cinco minutos! Tivesse eu chegado cinco minutos antes – e esse instante teria passado ao lado, como uma nuvem, e nunca mais lhe teria voltado à ideia. E o fim seria que ela acabaria por tudo compreender. E agora, os quartos estão de novo vazios, estou de novo sozinho. Ali está o pêndulo a bater, não é nada com ele, não sente nada. Não há ninguém – vejam que desgraça!

Ando para cá e para lá, não paro um momento. Eu sei, eu sei, não mo lembrem: acham ridículo que me lamente de um acaso e de cinco minutos? Mas se isso é evidente? Considerem o seguinte. Ela nem sequer deixou um bilhete, a dizer, por exemplo, «não culpem ninguém da minha morte», como todos fazem. Como não imaginou ela que podiam até incomodar Lukéria: «Estavas sozinha com ela, portanto foste tu que a empurraste.» Pelo menos, levavam-na mesmo sem culpa, se não houvesse quatro pessoas que, das janelas do fundo e do pátio, a viram em pé com o ícone e atirar-se por si mesma. Pois também isso foi um acaso, que as pessoas lá estivessem para ver. Não, foi tudo um instante, apenas um momento de inconsciência. Um repente da imaginação! Que tem isso, que ela se tenha benzido diante do ícone? Não significa que fosse diante da morte. O momento prolongou-se, talvez, no máximo

por uns dez minutos, todo o tempo da decisão, precisamente quando ela estava de pé junto à parede, com a cabeça encostada à mão, e sorria. Veio-lhe a ideia à cabeça, fez-se turbilhão, e ela não conseguiu resistir-lhe.

Há aqui um evidente equívoco, digam o que disserem. Ainda era possível viver comigo. E se tivesse sido da anemia? Simplesmente da anemia, do esgotamento da energia vital? Ela tinha ficado extenuada no Inverno, é o que é...

Cheguei demasiado tarde!!!

Como está frágil no caixão, como o seu narizinho ficou afilado! As pestanas são longas como agulhas. E como ela caiu – nada esmagado, nada fracturado! Só aquele «sangue aos borbotões». Antes uma gota, uma colherzinha. Lesão interna. Pensamento estranho: e se fosse possível não sepultá-la? Porque se a levam, então... oh, não, é quase impossível que a levem! Oh, bem sei que têm de levá-la, não sou louco e não estou de modo nenhum a delirar, pelo contrário, nunca tive o espírito tão claro – mas como vai ser, outra vez ninguém em casa, outra vez duas salas, e fico outra vez sozinho com os penhores. Delírio, delírio, eis onde está o delírio! Eu martirizei-a, foi o que foi!

De que me servem agora as vossas leis! Para quê os vossos costumes, os vossos usos, a vossa vida, o vosso Estado, a vossa religião? Que me julgue o vosso juiz, que me levem a tribunal, ao vosso julgamento público, e eu direi que não confesso nada. O juiz gritará: «Cale-se, oficial!» E eu grito-lhe: «Onde tens tu agora a força que me obrigue a obedecer-te? Porque é que uma sombria inércia quebrou aquilo que eu tinha de mais

querido? De que me servem agora as vossas leis? Recuso-me.» Oh, tudo me é indiferente!

Cega, cega! Está morta, não me ouve! Não sabes de que paraíso eu te teria rodeado! Tinha o paraíso na minha alma, tê-lo-ia plantado à tua volta! Está bem, tu não me amarias – deixá-lo, que importava isso? Tudo estaria *assim*, e tudo continuaria assim. Falasses comigo como amigo – *assim* nos 1876 alegraríamos e riríamos juntos, olhando-nos um ao outro nos olhos alegremente. E assim viveríamos. E mesmo que tu amasses outro – pois bem, pois bem! Irias rir com ele, e eu olharia para o outro lado da rua... Oh, fosse o que fosse, mas que ela abrisse os olhos ao menos uma vez! Por um instante, um instante apenas! Olhasse para mim, como ainda há pouco, quando estava à minha frente e jurava que seria uma mulher fiel! Oh, num único olhar ela compreenderia tudo!

Estagnação! Oh, natureza! Os homens estão sozinhos na terra – é essa a desgraça! «Há ainda algum homem vivo na planície?» – grita o valente russo. Grito eu também, que não sou valente, e ninguém responde. Dizem que o sol faz viver o universo. O sol nasce, e olhem para ele, não é um cadáver? Tudo está morto, e por toda a parte há cadáveres. Apenas os homens, e à volta deles, o silêncio – é assim a terra! «Homens, amai-vos uns aos outros» – quem disse isto? De quem é este mandamento? Soa o pêndulo, insensível, hostil. Duas horas da noite. Os sapatinhos dela estão ao pé da cama, como à espera dela... Digam, a sério, quando amanhã a levarem, o que será de mim?

Ernest Hemingway

Os assassinos

Tradução de Alexandre Pinheiro Torres

Ernest Hemingway (1899-1961) Nasceu em Oak Park, subúrbio de Chicago, no Illinois, segundo filho dos seis de seu pai médico. Começou a carreira como jornalista em Kansas City aos dezassete anos. Durante a Guerra de 14-18, foi condutor de ambulância como voluntário na frente italiana. Foi gravemente ferido e condecorado pelo governo italiano. De regresso aos Estados Unidos, foi repórter de jornais canadianos e norte-americanos e enviado à Europa para cobrir a Revolução Grega, entre outros acontecimentos. Nos anos 20, Hemingway tornou-se parte do grupo de americanos residentes em Paris, onde frequentou Ezra Pound e Gertrude Stein, entre outros. *O Sol também nasce*, de 1926, retrata alguma coisa desse grupo. *Fiesta, Homens sem Mulheres, O Adeus às Armas* estabelecem-no internacionalmente como escritor. *Por quem os sinos dobram*, de 1940, descreve muita da sua experiência como repórter durante a Guerra Civil de Espanha. Romancista e contista, amante de mulheres, da caça grossa, dos touros, da pesca submarina, Hemingway casou quatro vezes e suicidou-se em 1961.

The Killers é retirado da segunda colecção que publicou, em 1927, *Men Without Women* e um verdadeiro marco na escrita de Hemingway. A tradução, feita pelos anos quarenta do século passado, é de Alexandre Pinheiro Torres e apareceu numa colectânea de contos de Hemingway com o título *Um gato à chuva* (Livros do Brasil). Os herdeiros, através do agente de Hemingway, proibiram qualquer revisão da tradução, apesar da insistência da *Ficções*. Mestre da elipse e do implícito, minimalista quase *avant la lettre*, Hemingway será um género de Stallone das Letras, espartano nas palavras, criando atmosferas com meia frase, tirando o máximo partido do pouco que fica realmente dito.

The Killers foi duas vezes adaptado ao cinema, a primeira em 1946 por Robert Siodmark, guião de Anthony Veiller, com Burt Lancaster e Ava Gardner e a segunda por Don Siegel, em 1964, guião de Gene L. Coon, com Lee Marvin, Angie Dickinson, John Cassavetes e Ronald Reagan.

A porta do restaurante de Henry abriu-se e entraram dois homens. Sentaram-se ao balcão.

– Que é que tomam? – perguntou-lhes George.

– Não sei – respondeu um dos homens. – Que queres, Al?

– Não sei – disse Al. – Sei lá o que quero comer!

Lá fora anoitecia. A luz da rua entrava pela janela. Os dois homens leram a ementa. Nick Adams observava-os da outra extremidade do balcão. Estava a falar com George quando eles entraram.

– Quero lombo de porco assado com molho de maçã e puré – disse o primeiro homem.

– Ainda não está pronto.

– Então p’ra que raio é que põem isso na ementa?

– Faz parte do jantar – explicou George. – Às seis horas já pode comer esse prato.

George olhou para o relógio que estava na parede, atrás do balcão.

– São cinco horas.

– O relógio marca cinco e vinte – disse o segundo homem.

– Está vinte minutos adiantado.

– Quero que o relógio vá para o inferno – desabafou o primeiro. – Que é que vocês têm para comer?

– Posso servir-lhe qualquer tipo de sanduíches – informou George. – Podem comer ovos com presunto, ovos com toucinho, iscas com toucinho ou um bife.

– Dê-me croquetes de frango com ervilhas frescas, molho de creme e puré!

– Mas isso faz parte do jantar.

– Que raio! Então tudo o que se pede faz parte do jantar? Estou a ver que o serviço aqui é assim.

– Podemos servir ovos com presunto, ovos com toucinho, iscas com...

– Quero ovos com toucinho – disse o homem chamado Al. Usava chapéu de coco e um sobretudo preto de trespasse. O seu rosto era miúdo e pálido, de lábios apertados. Trazia um cachecol de seda e luvas.

– Para mim ovos com presunto – disse o outro homem. Era quase da mesma altura que Al. Os seus rostos eram diferentes, mas estavam vestidos como se fossem gémeos. Usavam ambos sobretudo de trespasse, demasiado justos para eles. Sentaram-se inclinando-se para diante, com os cotovelos em cima do balcão.

– Há qualquer coisa que se beba? – perguntou Al.

– Cerveja branca, cerveja sem álcool, *ginger-ale* – respondeu George.

– O que eu perguntei é se havia qualquer coisa que se *bebesse*...

– Só há o que eu disse.

– Que linda terra, sim senhor! – comentou o outro.
– Como é que lhe chamam, como é?...

– Summit.

– Já ouviste alguma vez falar disto? – inquiriu Al.

– Nunca – respondeu o companheiro.

– Que é que se faz aqui, à noite? – perguntou Al.

– Janta-se – mofou o amigo. – Reúne-se aqui tudo a mastigar a jantara.

– Lá isso é – aquiesceu George.

– Com que então você acha que deve ser assim? – perguntou Al a George.

– Evidentemente.

– Você é um tipo vivaço, não é verdade?

– Evidentemente.

– Pois bem: não é, não senhor – atalhou o outro baixinho. – Não é verdade, Al?

– O tipo é calado – disse Al. Virou-se para Nick. – Como se chama?

– Adams.

– Outro tipo vivaço – troçou Al. – Não achas que é um tipo vivaço, Max?

– Ah! Esta cidade está cheia de tipos vivaços – concordou Max.

George pôs em cima do balcão duas travessas: uma com ovos e presunto, outra com ovos e toucinho. Pôs ainda dois pratinhos com batatas e fechou o postigo de comunicação com a cozinha.

– Qual é o seu? – perguntou a Al.

– Já se não lembra?

– Ovos com presunto.

– É vivaço, o rapaz! – disse Max.

Inclinou-se para diante e pegou nos ovos com presunto. Ambos comiam de luvas calçadas. George via-os comer.

– Para onde está *você* a olhar ? – perguntou Max, encarando com George.

– Para lado nenhum.

– Com seiscentos diabos! Você estava a olhar para mim.

– É possível que o rapazote estivesse a olhar para se divertir, Max – sugeriu Al.

George pôs-se a rir.

– *Você* não tem nada que se pôr a rir – disse Max dirigindo-se a George. – *Você* não tem nada que se rir, percebeu?

– Está bem – respondeu George.

– Com que então ele acha que está bem? – disse Max, voltando-se para Al. – Acha que está bem! É bom tipo.

– O tipo a tirar coisas do caco é uma fera – comentou Al. E continuou a comer.

– Como se chama aquele vivaço que está além no balcão? – perguntou Al a Max.

– Ó vivaço! – chamou Max dirigindo-se a Nick.

– Vá de volta para o outro lado do balcão juntar-se ao seu amiguinho.

– Mas que ideia é essa? – perguntou Nick.

– Não é ideia nenhuma.

– Acho que o melhor é ir de volta, vivaço – aconselhou Al. Nick deu a volta e foi para detrás do balcão.

– Que ideia é essa? – perguntou George.

– Não tens nada com isso – respondeu Al. – Quem é que está na cozinha?

– O preto.

– Que queres dizer com isso do preto?

– O preto cozinheiro.

– Diz-lhe que venha cá.

– Mas que raio de ideia é essa?

– Diz-lhe que venha cá.

– Mas onde é que os senhores julgam que estão?

– Sabemos perfeitamente onde estamos – disse o homem que se chamava Max. – Temos cara de parvos?

– O que pareces é parvo a falar – disse Al a Max. – Para que diabo estás a discutir com o catraio? Ouve uma coisa – continuou, dirigindo-se agora a George. – Diz ao preto que venha cá.

– Que é que lhe querem fazer?

– Nada. Puxa pelos miolos, vivaço. Que é que a gente havia de fazer a um preto?

George abriu o postigo que comunicava com a cozinha.

– Sam – chamou. – Chega aqui um instante.

A porta da cozinha abriu-se e apareceu o negro.

– Que é que há? – perguntou. Os dois homens que estavam ao balcão olharam para ele.

– Está bem, preto! Fica aí onde estás – ordenou Al.

Sam, o negro, de pé, com o avental posto, olhava para os dois homens sentados ao balcão.

– Sim, senhor – disse.

Al desceu do tamborete.

– Vou para a cozinha com o negro e com o vivaço – declarou. – Marcha lá para a cozinha, ó negro. Tu vais com ele, vivaço.

O homenzinho foi atrás de Nick e de Sam, o cozinheiro, para a cozinha. A porta fechou-se atrás deles. O homem chamado Max sentou-se ao balcão, em frente de George. Porém, não tinha os olhos fixos em George, mas no espelho que se estendia a todo o comprimento

atrás do balcão. A casa de Henry fora transformada de bar em restaurante.

– Então, vivaço – disse Max, não tirando os olhos do espelho. – Porque não dizes qualquer coisa?

– Para que é isto tudo?

– Ei, Al! – chamou Max. – Estás a ouvir? O vivaço quer saber para que é isto tudo.

– Porque não lho dizes? – A voz de Al veio de dentro da cozinha.

– Porque razão julgas tu que é isto tudo?

– Sei lá!

– Que ideia fazes? – Max não deixava de olhar para o espelho enquanto falava.

– Não sei dizer.

– Ei, Al, o vivaço diz que não faz ideia nenhuma para que raio é isto tudo.

– Bem te ouço – disse Al, da cozinha.

Com um frasco de molho de cogumelos, conservava aberto o postigo por onde passavam os pratos para a cozinha.

– Olha lá, vivaço – disse ele, da cozinha, para George. – Chega-te mais para o lado. E tu, Max, desloca-te um bocadinho para a esquerda. – Parecia um fotógrafo a dispor um grupo para uma pose.

– Diz-me uma coisa, vivaço. Que julgas tu que está para acontecer?

George não disse nada.

– Bom, eu vou-te contar – tornou Max. – Vamos matar um sueco. Conheces um sueco alto, chamado Ole Andreson?

– Conheço.

– Ele vem cá jantar todas as noites, não vem?

— Às vezes vem cá.

— Costuma vir cá às seis horas, não é verdade?

— Quando vem.

— Nós sabemos tudo isso, vivaço — declarou Max. — Bem, vamos falar doutra coisa. Nunca vais ao cinema?

— De vez em quando.

— Olha que devias ir mais vezes ao cinema. O cinema é uma boa coisa para um vivaço como tu.

— Porque é que vocês vão matar Ole Andreson? Que é que ele lhes fez?

— Nunca teve oportunidade de nos fazer nada. Nem nunca nos viu, sequer.

— E só vai ver-nos uma única vez — disse Al, da cozinha.

— Então porque é que vocês vão matá-lo? — inquiriu George.

— Vamos matá-lo por conta de um amigo. Só para obsequiar um amigo, vivaço.

— Cala-te — cortou Al, da cozinha. — 'Tás a falar como o raio!

— Bom, tenho de entreter o vivaço. Não tenho, vivaço?

— 'Tás a falar como o raio! — repetiu Al. — O preto e o vivaço que estão aqui entretêm-se a eles mesmos. Amarrei-os um ao outro. Como um par de meninas internas do convento!

— E tu pensas que estás num convento?

— Nunca se sabe.

— Bom, está bem! 'Tás num convento, é mesmo num convento onde estás.

George olhou para o relógio.

— Se alguém vier, vivaço, dizes que o cozinheiro saiu. Se teimarem em ficar, dizes então que vais tu cozinhar. Percebeste, vivaço?

– Está bem – concordou George. – Mas, depois disso tudo, o que é que vocês nos vão fazer?

– Depende – respondeu Max. – Ora aí está uma das tais coisas que a gente nunca pode prever.

George olhou para o relógio. Eram seis e um quarto. A porta da rua abriu-se. Entrou um motorista de praça.

– Olá, George – saudou. – Pode-se jantar?

– O Sam saiu – respondeu George – deve estar de volta dentro de meia hora.

– Então, vou dar um giro – disse o motorista.

George olhou para o relógio. Eram seis e vinte.

– Portáste-te bem, vivaço – comentou Max. – Como um cavalheirozinho.

– Ele sabia que eu lhe estoirava os miolos – disse Al, da cozinha.

– Não – emendou Max. – Não é nada disso. O vivaço é bom rapaz. É um rapaz às direitas. Gosto dele.

Às seis e vinte e cinco, George disse:

– Já não vem.

Duas outras pessoas haviam entrado no restaurante. George dirigira-se, então, à cozinha e fizera uma sanduíche de ovos e presunto que uma delas queria levar. Na cozinha viu Al, de chapéu atirado para trás, sentado num banco, atrás do postigo, com o cano duma pistola-metralhadora apoiado no rebordo. Nick e o cozinheiro estavam costas com costas, a um canto, cada um com uma toalha amarrada na boca. George preparara a sanduíche, embrulhara-a em papel vegetal, metera-a num saquinho e trouxera-a à pessoa que a pedira, a qual pagou e saiu.

– Não há nada que o vivaço não saiba fazer – comentou Max. – Sabe cozinhar e tudo. Farias de qualquer rapariga uma boa dona de casa, vivaço.

– Sim? – inquiriu George. – Parece que o seu amigo Ole Andreson já não vem.

– Vamos dar-lhe mais dez minutos – declarou Max.

Max não tirava os olhos do espelho e do relógio. Os ponteiros do relógio marcaram sete horas, e, depois, sete e cinco.

– Vamos, Al – disse Max. – É melhor irmos embora. Ele já não vem.

– O melhor é dar-lhe mais cinco minutos – disse Al da cozinha.

Nesses cinco minutos entrou um homem, e George explicou que o cozinheiro estava doente.

– Porque raio não tratam de arranjar outro? – perguntou o homem. – É assim que se dirige um restaurante? – E saiu.

– Vamos embora, Al – insistiu Max.

– Que vamos fazer aos dois vivaços e ao negro?

– Acho que da parte deles não nos virá novidade.

– Achas que sim?

– Claro. Fizemos já o que tínhamos a fazer.

– Mas eu não gostei – comentou Al. – Foi uma vergonha. Acho que falaste demais.

– Com seiscentos diabos! – praguejou Max. – Tínhamos ou não tínhamos de os entreter?

– É o mesmo: dás à língua demais – repetiu Al.

Saiu da cozinha. O tambor da pistola-metralhadora fazia um ligeiro chumaço sob a cintura do apertadíssimo sobretudo. Ele abotoara-o de luvas calçadas.

– Até qualquer dia, vivaço – disse ele para o George. – Andaste cheio de sorte.

– Lá isso é verdade – concordou Max. – Acho que devias apostar nas corridas, vivaço.

Os dois saíram. George viu-os pela janela, passarem sob o candeeiro e atravessarem a rua. De sobretudo muito justo e chapéu de coco pareciam uma parelha de revista. George abriu a porta de vaivém, entrou na cozinha e desamarrou Nick e o cozinheiro.

— Nunca mais me quero ver nestas andanças — disse Sam, o cozinheiro. — Nunca mais me quero ver nestes sarilhos.

Nick levantou-se. Nunca tivera uma toalha na boca.

— Digam lá!? — exclamou, em tom de fanfarronada.

— Que raio queriam estes gajos?

— Vinham matar Ole Andreson — respondeu George.

— Vieram para lhe dar um tiro quando ele viesse para jantar.

— Ole Andreson?

— Pois.

O cozinheiro apalpava os cantos da boca com o polegar.

— Já saíram ambos? — Acabam de sair.

— Não gosto disto — declarou o cozinheiro. — Não gosto mesmo nada disto.

— Ouve — disse George a Nick. — É melhor ires ter com Ole Andreson.

— Está bem.

— Acho que seria preferível vocês não se meterem no assunto — aconselhou Sam, o cozinheiro. — O melhor será ficarmos de fora.

— Se não queres ir, não vás — disse George.

— Metermo-nos nisto não pode dar bom resultado — aconselhou de novo o cozinheiro. — Ponham-se de fora.

— Vou ter com ele — disse Nick a George. — Onde é que ele mora?

O cozinheiro retirou-se.

— Os rapazinhos fazem sempre o que lhes dá na real gana — comentou.

— Vive na Pensão Hirsch — informou George.

— Vou até lá.

Fora, o candeeiro brilhava por entre os ramos nus duma árvore. Nick subiu a rua, ao lado da linha dos eléctricos, e, junto do candeeiro seguinte, enveredou por uma rua transversal. A Pensão Hirsch ficava três casas mais acima. Nick subiu os dois degraus e tocou a campainha. Uma mulher veio à porta.

— Ole Andreson está?

— Quer vê-lo?

— Sim, se ele estiver.

Nick subiu um andar com a mulher, e foi até ao fim de um corredor. A mulher bateu à porta.

— Quem é?

— Está aqui alguém que o quer ver, sr. Andreson — disse a mulher. — É Nick Adams.

— Entre.

Nick abriu a porta e entrou no quarto. Ole Andreson estava deitado em cima da cama, completamente vestido. Fora um peso-pesado de categoria e era demasiado comprido para a cama. Tinha a cabeça apoiada em duas travesseiras. Não olhou para Nick.

— Que é que se passa? — perguntou.

— Eu estava no restaurante — disse Nick — e entraram dois tipos. Amarraram-me a mim e ao cozinheiro, dizendo que estavam ali para o matar.

A história, contada assim, parecia uma coisa estúpida. Ole Andreson não disse nada.

– Fecharam-nos na cozinha – continuou Nick. – Iam matá-lo quando o senhor entrasse para jantar.

Ole Andreson, com o rosto voltado para a parede, nada dizia.

– George pensou que o melhor que tínhamos a fazer era vir avisá-lo.

– Não posso fazer nada – declarou Ole Andreson.

– Vou dizer-lhe como eles eram.

– Não quero saber como eles eram – interrompeu Ole Andreson. Continuava virado para a parede: – Obrigado por me ter vindo avisar.

– Não tem que agradecer.

Nick olhou para aquele homem corpulento deitado na cama.

– Não quer que eu vá fazer queixa à polícia?

– Não – retorquiu Ole Andreson. – Não dava bom resultado.

– Não há nada em que lhe possa ser útil?

– Não. Não há nada a fazer.

– Talvez aquilo fosse apenas conversa dos tipos.

– Não. Não era mesmo conversa.

Ole Andreson tornou a virar-se para a parede.

– O pior é que – disse, falando voltado para a parede – não sou capaz de me decidir a sair. Fiquei aqui durante todo o dia.

– Não poderia abandonar a cidade?

– Não – declarou Ole Andreson. – Estou farto de andar por aí a fugir. – Continuava a olhar para a parede. – Agora, já não há nada a fazer.

– Mas não poderia resolver isso de qualquer forma?

– Não. A questão é que eu não procedi bem. – Falava num tom monocórdico. – Não há mesmo nada

a fazer. Daqui a bocadinho, levanto-me e vou para o meio da rua.

– Bom, acho que me vou embora ter com George – disse Nick.

– Até logo – despediu-se Ole Andreson, sem olhar para Nick. – Obrigado por teres vindo.

Nick saiu. Quando fechou a porta, viu Ole Andreson deitado em cima da cama, completamente vestido, com a cara virada para a parede.

– Tem estado todo o dia no quarto – disse a hospedeira, ao fundo das escadas. – Tenho a impressão de que ele se não sente bem. Eu disse-lhe: «Sr. Andreson, o senhor devia sair e ir dar um passeio num tão lindo dia de Outono como este», mas a ele não lhe apetece.

– Não quer sair.

– Lamento que ele se não sinta bem – disse a mulher. – É um senhor muito simpático. Não sei se sabe que ele foi *boxer*?

– Sei, sei.

– Não daríamos por isso, se não fosse a cara que tem – disse a mulher.

Ficaram a conversar à porta da rua.

– É um senhor tão delicado!

– Bom, boa noite, sr.^a Hirsch – disse Nick.

– Não sou a sr.^a Hirsch – disse a mulher. – Ela é a proprietária. Eu olho por isto em vez dela. Sou a sr.^a Bell.

– Bem, boa noite, sr.^a Bell.

– Boa noite! – respondeu a mulher.

Nick subiu a rua tristonha até à esquina, e depois dirigiu-se pela linha dos eléctricos até ao restaurante de Henry. George estava lá dentro, por detrás do balcão.

– Viste Ole?

– Vi – respondeu Nick. – Está no quarto e não quer sair.

O cozinheiro abriu a porta da cozinha quando ouviu a voz de Nick.

– Eu nem sequer quero ouvir! – exclamou. E tornou a fechar a porta.

– Contaste-lhe o caso? – perguntou George.

– contei. Mas ele sabia perfeitamente do que se tratava.

– Que é que ele vai fazer?

– Nada.

– Eles vão matá-lo.

– Também julgo que sim.

– Ele deve ter-se metido em algum sarilho, lá em Chicago.

– Também acho.

– Que diabo de coisa.

– É uma coisa terrível – disse Nick.

Calaram-se. George baixou-se para apanhar um pano e limpou o balcão.

– Gostava de saber o que é que ele fez – disse Nick.

– Certamente atraçouu alguém. É por uma coisa dessas que se mata um fulano.

– Vou sair desta cidade – disse Nick.

– Sim – concordou George. – Acho que não será a pior ideia.

– Não há maneira de se me meter na cabeça que ele está naquele quarto, à espera, sabendo que vai ser apanhado. É uma coisa diabólica.

– Bem – aconselhou George. – O melhor que tens a fazer é não te pões a magicar no caso.

F. Scott Fitzgerald

Babilónia revisitada

Tradução de José Lima

Francis Scott Fitzgerald (1896-1940) Nasceu em St Paul, no estado americano do Minnesota, tendo começado a escrever desde muito novo e a publicar em jornais e revistas. O sucesso do seu primeiro romance, *This Side of Paradise* (1919), levou-o a abandonar o emprego na publicidade e a dedicar-se à carreira de escritor, sobretudo colaborando em revistas de grande circulação, como *The Saturday Evening Post*, com contos que virão mais tarde a ser reunidos em quatro livros: *Flappers and Philosophers* (1920), *Tales of the Jazz Age* (1922), *All the Sad Young Men* (1926), *Taps and Reveille* (1935). Em 1924, Fitzgerald muda-se com a mulher, Zelda, para França, onde escreve *The Great Gatsby* (1925), o romance que ele considera a sua obra-prima. Passa depois vários períodos entre a Europa e a América, acabando quase arruinado, doente e alcoolizado. Deixou uma obra com grandes romances como *This Side of Paradise* (1920), *Tender is the Night* (1934), e *The Last Tycoon* (1941), que são o retrato da época por ele baptizada como a «época do jazz». Depois da sua morte, o *New York Times* escrevia: «Era melhor do que ele pensava, pois inventou, no sentido real e no sentido literário, uma 'geração'...». O conto incluído neste número de *Ficções* foi publicado pela primeira vez em 1931, em *The Saturday Evening Post*, com o título *Babylon Revisited*, tendo servido de base ao argumento do filme *A Última Vez que Vi Paris* (1954), realizado por Richard Brooks, com Elisabeth Taylor e Van Johnson.

– E o senhor Campbell por onde anda? – perguntou Charlie.

– Foi para a Suíça. O senhor Campbell é um homem bastante doente, senhor Wales.

– Coitado. E George Hardt? – quis saber Charlie.

– Na América, a trabalhar.

– E onde anda o Snow Bird?

– Esteve cá a semana passada. De qualquer modo, o amigo dele, o senhor Schaeffer, está em Paris.

Dois nomes familiares da longa lista de há ano e meio. Charlie rabiscou um endereço no caderno de notas e arrancou a página.

– Se vir o senhor Schaeffer, dê-lhe isto – disse ele. – É a morada do meu cunhado. Ainda não arranjei hotel.

No fundo, não estava desapontado por encontrar Paris tão vazia. Mas a calma do bar do Ritz era estranha e agoirenta. Já não era um bar americano – sentia-se como visita, e não dono daquilo. Tinha regressado a

França. Sentiu o sossego desde o momento em que saiu do táxi e viu o porteiro, a esta hora normalmente num frenesim de actividade, à conversa com um *chasseur* junto à entrada de serviço.

Ao passar no corredor, ouviu uma única voz entediada, na sala das senhoras, em tempos uma algazarra. Quando voltou ao bar percorreu os seis metros de tapete verde com o olhar fixo em frente, um velho hábito; e depois, com o pé bem firme na barra metálica, virou-se e observou a sala, encontrando um único par de olhos que a um canto pestanejavam acima do jornal. Charlie perguntou pelo chefe do bar, Paul, que nos últimos dias das vacas gordas vinha para o trabalho num carro feito para ele de encomenda – apeando-se, porém, com a delicadeza que se impõe, na esquina mais próxima. Mas Paul hoje estava na sua casa de campo e era Alix que o ia pondo ao corrente.

– Não, mais não – disse Charlie. – Agora fico-me pela minha conta.

Alix felicitou-o: «Costumava dar-lhe forte aqui há uns anos».

– Tenho-me aguentado bem – assegurou-lhe Charlie. – Há ano e meio que me aguento.

– Como vão as coisas na América?

– Há meses que não vou à América. Estou a trabalhar em Praga, represento uns negócios lá. Não sabem nada de mim por aqueles lados.

Alix sorriu.

– Lembra-se do jantar de despedida de solteiro do George Hardt aqui? – disse Charlie. – A propósito, que é feito do Claude Fessenden?

Alix baixou a voz confidencialmente: «Está em Paris, mas já não vem cá. O Paul não autoriza. Acumulou

uma dívida de trinta mil francos, com a conta de todas as bebidas e almoços, e normalmente o jantar, durante mais de um ano. E quando o Paul finalmente lhe disse que tinha de pagar, ele deu-lhe um cheque careca».

Alix abanou a cabeça desolado.

– Não compreendo, um sujeito todo cavalheiro... Agora está inchado... – Fez com as mãos uma maçã redonda.

Charlie observou um grupo de maricas estridentes que se instalavam a um canto.

«Nada os afecta – pensou. – As acções sobem e descem, as pessoas preguiçam ou trabalham, mas eles ficam sempre na mesma». O sítio oprimia-o. Mandou vir os dados e apostou a bebida com Alix.

– Demora-se por cá, Mister Wales?

– Fico cá quatro ou cinco dias para ver a minha filhinha.

– Oh! Tem uma filha?

Lá fora, os anúncios vermelho-fogo, azul-gás, verde-fantasma, brilhavam fumacentos na chuva tranquila. Era o fim da tarde e as ruas mexiam; os *bistrôs* luziam. Apanhou um táxi à esquina do Boulevard des Capucines. A Place de la Concorde desfilou em rósea majestade; atravessaram o lógico Sena, e Charlie sentiu a súbita índole provinciana da margem esquerda.

Charlie mandou seguir o táxi para a Avenue de l'Opéra, que lhe ficava fora do caminho. Mas queria ver a hora azul espalhar-se pela fachada magnífica, e imaginar que as buzinas dos táxis, tocando incessantemente os primeiros acordes de *Le Plus Que Lent*, eram as trombetas do Segundo Império. Estavam a fechar a grade de ferro da livraria Brentano, e havia já pessoas a

jantar atrás da pequena sebe burguesa bem aparada do Duval. Charlie nunca tinha jantado num restaurante mesmo barato em Paris. Jantar de cinco pratos, quatro francos e cinquenta, dezoito cêntimos americanos, vinho incluído.

Enquanto seguiam para a Margem Esquerda e ele sentia o seu inesperado provincianismo, pensou: «Estraguei esta cidade para mim. Não me apercebi, mas os dias seguiram-se uns atrás dos outros, e depois tinham passado dois anos, e tudo tinha passado, e eu tinha passado».

Charlie estava agora com trinta e cinco anos, e bom aspecto. A mobilidade irlandesa da cara era atenuada por um vinco fundo entre os olhos. Assim que tocou a campainha do cunhado na Rue Palatine, a ruga cavou-se até ficar de sobrolho carregado; sentiu um aperto na barriga. De trás da criada que abriu a porta irrompeu uma menina adorável de nove anos que guinchou. “Papá!” e voou, contorcendo-se como um peixe, para os braços dele. Virou-lhe a cabeça por uma orelha e encostou a cara à dele.

– A minha docinha – disse ele.

– Oh, papá, papá, papá, papá, p’pá, p’pá, p’pá!

Puxou-o para a sala, onde a família estava à espera, um rapaz e uma menina da idade da filha dele, a cunhada e o marido. Cumprimentou Marion com a voz cuidadosamente afinada para evitar tanto o entusiasmo fingido como a antipatia, mas a resposta dela foi mais francamente morna, embora atenuasse a expressão de inalterável desconfiança dirigindo o olhar para a filha dele. Os dois homens apertaram as mãos amigavelmente e Lincoln Peters poisou por instantes a mão no ombro de Charlie.

A sala era acolhedora e confortavelmente americana. As três crianças andavam à vontade pela sala, seguindo na brincadeira os losangos amarelos que davam para as outras divisões da casa; a animação das seis horas falava no vivo estralejar da lareira e nos sons de azáfama francesa na cozinha. Mas Charlie não relaxava; sentia no corpo o coração rígido e ia buscar confiança à filha, que de vez em quando vinha para junto dele, abraçada à boneca que ele lhe trouxera.

– Realmente muitíssimo bem – declarou em resposta a uma pergunta de Lincoln. – Há lá uma data de negócios que estão completamente parados, mas mesmo assim está-nos a correr melhor do que nunca. De facto, bestialmente bem. Vou mandar vir da América a minha irmã no próximo mês para me tomar conta da casa. Os meus rendimentos no ano passado foram mais do que quando eu tinha dinheiro. Estás a ver, os checos...

Gabava-se com um propósito bem definido; mas passados uns instantes, apercebendo-se de uma ligeira impaciência no olhar de Lincoln, mudou de assunto:

– Têm aqui umas lindas crianças, bem educadas, boas maneiras.

– Também achamos a Honoria uma menina maravilhosa.

Marion Peters voltou da cozinha. Era uma mulher alta com uns olhos preocupados, que em tempos tivera um fresco encanto americano. Charlie nunca fora sensível a tal encanto e ficava sempre surpreendido quando as pessoas diziam que ela tinha sido muito bonita. Houvera entre eles uma antipatia instintiva desde o início.

– Então, que tal achas a Honoria? – perguntou ela.

– Uma maravilha. Estou admirado com o que ela cresceu em dez meses. As crianças estão todas muito bem.

– Há um ano que não vamos ao médico. Que tal é voltar a Paris?

– Parece esquisito ver tão poucos americanos por cá.

– Eu adoro – disse Marion com veemência. – Agora pelo menos podemos entrar numa loja sem que nos considerem logo milionários. Sofremos como toda a gente, mas no conjunto é bastante mais agradável.

– Mas foi bom enquanto durou – disse Charlie. – Éramos uma espécie de reis, quase infalíveis, rodeados de uma espécie de magia. No bar, hoje à tarde – vacilou, apercebendo-se do seu erro – não havia ninguém conhecido.

Ela fitou-o, inquisitiva. «Já devias ter a tua conta de bares».

– Só lá fiquei um bocadinho. Tomo uma bebida todas as tardes, e não mais.

– Não queres um *cocktail* antes do jantar? – perguntou Lincoln.

– Tomo só uma bebida todas as tardes, e hoje já a tomei.

– Espero que te aguentes – disse Marion.

A antipatia dela era evidente na frieza com que falava, mas Charlie limitou-se a sorrir; tinha planos mais ambiciosos. A própria agressividade dela era uma vantagem, e ele sabia que era melhor esperar. Charlie queria que comesçassem a discutir o assunto que todos sabiam o tinha trazido a Paris.

Durante o jantar não conseguia decidir se Honoria se

parecia mais com ele ou com a mãe. Oxalá não combinasse os traços de ambos que os levara ao desastre. Percorreu-o como uma onda enorme o desejo de protecção. Pensou que sabia o que devia fazer por ela. Charlie acreditava no carácter; queria saltar por cima de toda uma geração e voltar a confiar no carácter como o elemento que é eternamente valioso. Tudo o mais se desgastava.

Saiu cedo a seguir ao jantar, mas não para voltar para casa. Estava com curiosidade de ver Paris à noite com olhos mais claros e lúcidos do que os de outros tempos. Comprou um *strapontin* para o Casino e foi ver Josephine Baker nos seus arabescos de chocolate.

Ao fim de uma hora saiu e foi dar uma volta por Montmartre, subindo a Rue Pigalle até à Place Blanche. A chuva tinha parado e viam-se umas pessoas em trajos de noite desembarcando de táxis à porta dos cabarés, e *cocottes* a deambular sozinhas ou aos pares, e muitos negros. Passou por uma porta iluminada de onde saía música, e deteve-se com uma sensação de familiaridade; era o Bricktop's, onde gastara tantas horas e tanto dinheiro. Um pouco mais adiante deparou com outro antigo ponto de encontro e imprevidentemente enfiou a cabeça lá dentro. De imediato uma orquestra em alerta explodiu em som, um par de dançarinos profissionais levantou-se de um salto e um *maître d'hôtel* investiu para ele, gritando «Vem já aí toda a gente, *sir!*» Mas ele bateu em retirada rapidamente.

«Só estando bestialmente bêbedo», pensou ele.

O Zelli estava fechado, desolados e sinistros, os hotéis em volta estavam às escuras; ao cimo da Rue Blanche havia mais luz e um ajuntamento coloquial, francês. A Cave do Poeta tinha desaparecido, mas as

duas bocarras do Café do Paraíso e do Café do Inferno ainda bocejavam – devoravam até, quando ele as viu, o magro conteúdo de um autocarro de turistas: um alemão, um japonês e um casal de americanos que lhe deitaram um olhar assustado.

E era isto o esforço e a inventiva de Montmartre. Todo o serviço do vício e do desperdício reduzido a uma escala profundamente infantil, e Charlie apercebeu-se subitamente do significado da palavra «dissipar» – dissipar-se no ar; fazer de alguma coisa coisa nenhuma. Altas horas da noite cada movimento de um sítio para outro era um enorme salto humano, um aumento do preço do privilégio do movimento cada vez mais lento.

Lembrou-se das notas de mil francos dadas aos músicos para tocarem um único tema, notas de cem francos atiradas ao porteiro para chamar um táxi.

Mas não tinha sido dado em vão.

Tinha sido dado, mesmo a soma mais delirantemente esbanjada, como uma oferenda ao destino para que não se lembrassem das coisas mais dignas de serem lembradas, as coisas de que ele agora haveria de se lembrar sempre – a filha retirada à sua guarda, a mulher fugida para uma campá no Vermont.

No clarão de uma *brasserie* uma mulher falou-lhe. Mandou vir ovos e café para ela, e depois, esquivando-se ao seu olhar convidativo, deu-lhe uma nota de vinte francos e apanhou um táxi para o hotel.

II

Acordou com um belo dia de Outono – um tempo de futebol americano. A depressão do dia anterior

desaparecera e ele estava a gostar das pessoas na rua. Ao meio-dia estava sentado em frente de Honoria no Grand Vatel, o único restaurante que lhe ocorreu como livre de reminiscências de jantares com champanhe e longos almoços que começavam às duas e acabavam num enevoadado e vago crepúsculo.

– Então, e legumes? Não devias pedir legumes?

– Está bem.

– Aqui tem *épinards* e *chou-fleur* e cenouras e *haricots*.

– Quero *chou-fleur*.

– Não gostavas de outros legumes?

– Normalmente só como um ao almoço.

O empregado afectava uma imoderada simpatia por crianças.

– *Qu'elle est mignonne la petite! Elle parle exactement comme une Française.*

– E quanto a sobremesa? Decidimos mais logo?

O empregado desapareceu. Honoria olhou para o pai, expectante.

– Que vamos fazer?

– Primeiro, vamos àquela loja de brinquedos na Rue Saint-Honoré e compramos alguma coisa de que tu gostes. E depois vamos ao *vaudeville* no Empire.

Ela hesitou. «O *vaudeville* parece-me bem, mas a loja de brinquedos não».

– Porque não?

– Bem, deste-me esta boneca – Trouxera-a consigo.

– E eu tenho muitas coisas. E agora já não somos ricos, pois não?

– Nunca fomos. Mas hoje tens de ter uma coisa que queiras.

– Está bem – concordou ela, resignada.

Quando havia a mãe dela e uma *nurse* francesa, ele

tinha tendência para ser mais austero; agora alargava-se, tentava chegar a uma nova tolerância; tinha de lhe servir de pai e mãe e de não perder a comunicação com ela em coisa nenhuma.

— Quero conhecer-te bem — disse ele gravemente. — Antes de mais, permita que me apresente. Sou Charles J. Wales, de Praga.

— Oh, papá! — a voz dela desfez-se em riso.

— E você quem é, por favor? — persistiu, e ela aceitou o papel de imediato:

— Honoria Wales, Rue Palatine, Paris.

— Casada ou solteira?

— Não, não casada. Solteira.

Ele apontou para a boneca. «Mas vejo que tem uma filha, *madame*».

Não querendo renegá-la, apertou-a contra o peito e pensou rapidamente: «Sim, fui casada, mas agora não sou. O meu marido morreu».

Ele prosseguiu rapidamente: «E como se chama a criança?».

— Simone. É o nome da minha melhor amiga na escola.

— Fiquei muito contente por seres tão boa na escola.

— Este mês fui a terceira — gabou-se ela. — A Elsie — a prima dela — está só para aí em décimo oitavo, e o Richard vem quase lá no fim.

— Gostas da Elsie e do Richard, não gostas?

— Oh, gosto. Gosto muito do Richard e dela também gosto.

Num tom cauteloso e desprendido, Charlie perguntou: «E da tia Marion e do tio Lincoln... de quem gostas mais?».

– Oh, do tio Lincoln, acho eu.

Ele estava cada vez mais consciente da presença dela. Quando entraram, foram seguidos por um murmúrio de «...adorável», e agora as pessoas da mesa ao lado inclinavam todos os seus silêncios para ela, com os olhos pregados nela como se ela não fosse coisa mais consciente do que uma flor.

– Porque é que não vivo contigo? – perguntou ela de repente. – Por a mamã ter morrido?

– Tens de ficar cá e aprender mais francês. Teria sido difícil para o papá tomar conta de ti tão bem.

– Eu já não preciso assim tanto que tomem conta de mim. Faço tudo sozinha.

À saída do restaurante, um homem e uma mulher chamaram por ele inesperadamente.

– Olha, o velho Wales!

– Olá, Lorraine... Dunc.

Súbitos fantasmas surgidos do passado: Duncan Schaeffer, um amigo da universidade. Lorraine Quarrles, uma loira bonita, pálida, nos trinta; uma entre muitas que os ajudara a fazer dos meses dias nos tempos fastos de há três anos.

– O meu marido não podia vir este ano – disse ela, em resposta à pergunta de Charlie. – Estamos pobres como o raio. E então ele deu-me duzentos por mês e disse-me para pintar a manta... É a tua menina?

– Não queres voltar a entrar e sentar-te um bocado? – perguntou Duncan.

– Não posso. – Ainda bem que tinha uma desculpa. Como sempre, sentia a atracção apaixonada, provocadora, de Lorraine, mas o ritmo dele agora era diferente.

– Bem, e que tal jantar? – perguntou ela.

– Tenho um compromisso. Dá-me o teu endereço, que eu ligo.

– Charlie, quer-me cá parecer que estás sóbrio – disse ela judiciosa. – A sério que me parece que ele está sóbrio, Duncan. Dá-lhe um beliscão e vê se ele está sóbrio.

Charlie fez um sinal com a cabeça a indicar Honoria. Eles riram-se.

– Onde estás? – disse Duncan, céptico.

Ele hesitou, não querendo dar o nome do hotel.

– Ainda não estou instalado. É melhor ser eu a ligar. Vamos ver o *vaudeville* ao Empire.

– É isso! É isso que me apetece – disse Lorraine. – Apetece-me ver palhaços e acrobatas e malabaristas. É isso mesmo que vamos fazer, Dunc.

– Temos de ir comprar uma coisa antes disso – disse Charlie. – Vemo-nos lá, talvez.

– Muito bem, meu snob... Adeus, minha linda.

– Adeus.

Honoria fez uma vénia educada.

De certo modo, um encontro indesejável. Gostavam dele porque ele funcionava, porque era sério; queriam vê-lo por ele ser mais forte do que eles eram agora, por quererem retirar algum apoio da força dele.

No Empire, Honoria recusou orgulhosamente sentar-se em cima do casaco dobrado do pai. Era já uma pessoa com o seu próprio código, e Charlie estava cada vez mais tomado pelo desejo de pôr nela um pouco de si mesmo antes que ela cristalizasse completamente. Era impossível tentar conhecê-la em tão pouco tempo.

No intervalo cruzaram-se com Duncan e Lorraine no átrio onde os músicos estavam a tocar.

– Uma bebida?

– Está bem, mas não no bar. Vamos para uma mesa.

– Um pai modelo.

Ouvindo distraidamente Lorraine, Charlie viu os olhos de Honoria deixarem a mesa deles, e seguiu-os absorto pela sala, perguntando-se o que veriam eles. Os olhares cruzaram-se e ela sorriu: «Gostei da limonada», disse ela.

Que dissera ela? Que esperara ele? Mais tarde, no táxi de regresso a casa, puxou-a para si até a cabeça dela repousar no seu peito.

– Querida, às vezes pensas na tua mãe?

– Penso, às vezes – respondeu ela vagamente.

– Não quero que te esqueças dela. Tens uma fotografia dela?

– Acho que tenho. De qualquer modo, a tia Marion tem. Porque não queres que eu a esqueça?

– Ela gostava muito de ti.

– Eu também gostava.

Ficaram calados por uns instantes.

– Papá, eu quero ir viver contigo – disse ela subitamente.

O coração dele deu um salto; era assim que desejara que isto acontecesse.

– Não te sentes completamente feliz?

– Sinto, mas gosto mais de ti do que de toda a gente. E tu gostas mais de mim do que de toda a gente, agora que a mamã morreu, não gostas?

– Claro que sim. Mas nem sempre vai ser de mim que tu gostas mais, docinha. Vais crescer e conhecer

alguém da tua idade e vais casar com ele e esquecer que alguma vez tiveste um pai.

— Isso é verdade — concordou ela tranquilamente.

Charlie não entrou. Voltava às nove horas e queria manter-se fresco e preparado para aquilo que nessa altura teria de dizer.

— Quando tiveres chegado a casa sã e salva, mostra-te àquela janela.

— Está bem. Adeus p'pá, p'pá, p'pá, p'pá.

Ficou à espera na escuridão da rua até ela aparecer, calorosa e resplandecente, na janela em cima e atirar-lhe com os dedos um beijo para a noite.

III

Esperavam-no. Marion estava sentada atrás do serviço de café num austero vestido comprido que fazia vagamente lembrar o luto. Lincoln andava de um lado para o outro com a animação de quem estivera já a falar. Estavam tão ansiosos como ele para entrar no assunto. Charlie começou quase de imediato:

— Suponho que sabem porque é que queria falar com vocês... porque é que realmente vim a Paris.

Marion brincava com as estrelas pretas do colar e franziu as sobrancelhas.

— Estou extremamente ansioso por ter um lar — prosseguiu ele. — E estou extremamente ansioso por ter a Honoria comigo. Estou-vos grato por terem acolhido a Honoria por causa da mãe dela, mas as coisas agora mudaram — hesitou e depois continuou num tom mais forçado — mudaram radicalmente no que me diz

respeito, e queria pedir-lhes que reconsiderassem o assunto. Seria estúpido da minha parte negar que há uns três anos me andava a portar mal....

Marion levantou para ele um olhar carregado.

– ...mas isso já passou. Como lhes disse, há mais de um ano que não bebo mais do que um copo por dia, e bebo esse copo de propósito, para que a ideia do álcool não comece a ganhar demasiada importância na minha imaginação. Estão a ver a ideia?

– Não – disse Marion, cortante.

– É uma espécie de desafio que faço a mim próprio. Para manter a rédea curta.

– Percebo o que queres dizer – disse Lincoln. – Não queres admitir que o álcool te atrai de alguma maneira.

– Mais ou menos isso. Às vezes esqueço-me e não bebo. Mas tento beber um copo. Seja como for, não me posso dar ao luxo de beber na minha posição. As pessoas que eu represento estão mais do que satisfeitas com o meu trabalho, e vou mandar vir a minha irmã de Burlington para me olhar pela casa, e queria muitíssimo ter comigo a Honória também. Vocês sabem que mesmo quando a mãe dela e eu não andávamos muito bem não permitimos que nada do que aconteceu afectasse a Honória. Sei que ela gosta de mim e eu sei que sou capaz de tomar conta dela e... bem, aqui têm. Que é que vocês acham?

Sabia que agora ia ter de passar ao ataque. Devia durar uma hora ou duas, e ia ser difícil, mas se convertesse o seu inevitável ressentimento na atitude contrita de um pecador arrependido, podia acabar por levar a sua avante.

Não te enerves, disse ele a si próprio. O que tu queres não é justificar-te. Queres a Honória.

Lincoln foi o primeiro a falar: «Temos falado disso desde que recebemos a tua carta no mês passado. Gostamos de ter a Honoria connosco. Ela é amorosa, e estamos felizes por a podermos ajudar, mas claro que a questão não é essa...»

Marion interrompeu-o subitamente. «Quanto tempo te vais manter sóbrio, Charlie?» – perguntou ela.

– Para sempre, espero.

– Como é que alguém se pode fiar nisso?

– Bem sabes que nunca bebi demais até largar o emprego e ter vindo para aqui sem nada que fazer. Depois eu e a Helen começámos a relacionar-nos com...

– Faz favor de não meter nisto a Helen. Não aguento ouvir-te falar assim dela.

Ele fitou-a sombrio; nunca soubera ao certo até que ponto as duas irmãs gostavam uma da outra em vida.

– As minhas bebedeiras duraram só ano e meio, desde que chegámos até eu... me ter ido abaixo.

– Foi tempo que baste.

– Foi tempo que baste – concordou ele.

– A minha obrigação é só para com a Helen – disse ela. – Estou a tentar ver o que ela gostaria que eu fizesse. Para ser franca, desde a noite em que fizeste aquela coisa horrível, para mim deixaste de existir realmente. É superior às minhas forças. Era minha irmã.

– Eu sei.

– Quando estava a morrer pediu-me que olhasse pela Honoria. Se não tivesses estado num sanatório depois, podia ser que tivesse ajudado.

Charlie não tinha resposta.

– Nunca na minha vida poderei esquecer a manhã em que Helen me bateu à porta, encharcada até aos

ossos e a tremer, e disse que tu lhe tinhas fechado a porta.

Charlie aferrou as mãos aos lados da cadeira. Era mais difícil do que esperara; quis lançar-se numa longa argumentação e explicação, mas mal ele disse: «Na noite em que lhe fechei a porta...» ela interrompeu-o: «Não consigo voltar a isso outra vez».

Depois de uns instantes de silêncio, Lincoln disse: «Estamos a afastar-nos do assunto. Tu queres que a Marion desista da tutela legal e te entregue a Honoria. A meu ver, a questão principal para ela é saber se confia em ti ou não».

— Não censuro a Marion — disse Charlie devagar — mas acho que ela pode confiar inteiramente em mim. Portei-me sempre à altura até há três anos. Claro que há sempre a possibilidade humana de eu fazer alguma asneira um dia. Mas se esperamos muito mais tempo vou perder a infância de Honoria e a minha hipótese de ter uma família. — Abanou a cabeça: — Vou pura e simplesmente perdê-la, não estão a ver?

— Estou a ver, sim — disse Lincoln.

— Porque não pensaste nisso antes? — disse Marion.

— Acho que pensei, de vez em quando, mas eu e a Helen estávamos a dar-nos mal. Quando eu cedi a tutela, estava estendido na cama de um sanatório e o mercado das acções tinha-me deixado completamente teso. Bem sei que agi mal, e pensei que se isso podia dar alguma paz a Helen, eu concordava com tudo. Mas agora é diferente. Estou a funcionar, tenho-me aguentado bestialmente bem...

— Por favor, não digas palavras — disse Marion.

Ele olhou-a, espantado. A cada observação, a força da

antipatia dela tornava-se mais evidente. Marion construía com o seu medo da vida um muro que agora virava contra ele. Esta repreensão trivial era possivelmente o resultado de algum problema com a cozinheira umas horas antes. Charlie começou a sentir uma preocupação crescente em deixar Honoria nesta atmosfera de hostilidade contra ele; mais cedo ou mais tarde acabaria por se manifestar numa palavra aqui, um abanar da cabeça ali, e parte dessa desconfiança ficaria irrevogavelmente implantada em Honoria. Mas empurrou fundo a irritação para que não se revelasse na expressão da cara e fechou-a dentro de si; tinha ganho um ponto, pois Lincoln apercebeu-se do absurdo da observação de Marion e perguntou-lhe num tom ligeiro desde quando se sentia incomodada com a palavra «bestialmente».

— Outra coisa — disse Charlie: — Agora posso dar-lhe mais condições. Vou levar uma governanta francesa comigo para Praga. Arrendei um novo apartamento...

Parou, percebendo que estava a meter água. Não podia estar à espera de que aceitassem de boa mente o facto de ele ter novamente um rendimento que era o dobro do deles.

— Imagino que lhe possas dar maiores luxos do que nós — disse Marion. — Quando andavas a deitar fora o dinheiro nós vivíamos a fazer contas, e todos os dez francos contavam... Deves ter voltado ao mesmo.

— Oh, não — disse ele. — Aprendi a lição. Trabalhei muito durante dez anos, sabes... até que tive sorte na Bolsa, como tantos outros. Uma sorte incrível. Não volta a acontecer.

Houve um longo silêncio. Todos eles sentiram os nervos tensos, e pela primeira vez num ano Charlie quis

uma bebida. Agora estava convencido de que Lincoln Peters queria que ele ficasse com a filha.

Subitamente, Marion estremeceu; parte dela viu que os pés de Charlie estavam agora bem assentes na terra e o seu próprio sentido maternal reconheceu como natural o desejo dele; mas vivera durante muito tempo com um preconceito – um preconceito baseado numa curiosa descrença na felicidade da irmã, e que, no choque de uma única noite terrível, se transformara em ódio por ele. Tudo acontecera numa altura da sua vida em que o desânimo de uma saúde abalada e de circunstâncias adversas fizeram com que sentisse a necessidade de acreditar num mal tangível e num mau tangível.

– Não posso deixar de pensar o que penso! – gritou ela de repente. – Até que ponto foste responsável pela morte da Helen não sei. Isso terás de ser tu a ajustar contas com a tua própria consciência.

Percorreu-o uma corrente eléctrica de agonia; por instantes esteve quase a levantar-se, ficando a ecoar-lhe na garganta um som que não exprimiu. Dominou-se por um momento, mais um momento.

– Calma aí – disse Lincoln num tom embaraçado. – Eu nunca achei que fosses responsável por isso.

– Helen morreu com uma coisa de coração – disse Charlie numa voz apagada.

– Pois, uma coisa de coração – disse Marion como se a frase tivesse para ela outro sentido.

Depois, no vazio que se seguiu à explosão, Marion viu-o claramente e percebeu que ele tinha conseguido de algum modo o controlo da situação. Deitando um olhar ao marido, não encontrou nele nenhuma ajuda, e

tão abruptamente como se fosse um assunto sem importância, bateu em retirada.

— Faz o que quiseses! — gritou, levantando-se de um salto. — É tua filha. Não sou eu quem te vai pôr obstáculos. Acho que se ela fosse minha filha preferia vê-la... — Conseguiu conter-se. — Decidam vocês os dois. Eu não aguento isto, não me sinto bem. Vou-me deitar.

Saiu precipitadamente da sala, passado um pouco Lincoln disse:

— Hoje foi um dia difícil para ela. Sabes como ela sente a fundo as... — a voz dele quase pedia desculpa: — Quando uma mulher mete uma ideia na cabeça.

— Pois é.

— Vai correr tudo bem. Acho que ela agora viu que tu... podes tomar conta da menina, e por isso não está muito certo metermos-nos entre ti e a Honoria.

— Obrigado, Lincoln.

— É melhor eu ir lá ver como ela está.

— Vou andando.

Tremia ainda quando chegou à rua, mas recompôs-se com um passeio pela Rue Bonaparte abaixo até aos *quais*, e ao atravessar o Sena, fresco e renovado pelos candeeiros do *quai*, sentia-se exultante. Mas de volta ao quarto não conseguia adormecer. A imagem de Helen perseguia-o. Helen que ele amara tanto até começarem, insensatos, a desprezar o amor um do outro, despedaçando-o. Naquela terrível noite de Fevereiro de que Marion se lembrava tão vividamente, arrastara-se durante horas uma querela entre eles. Houve uma cena no Florida, depois ele tentara levá-la para casa, e depois ela beijou o Webb mais novo sentado a uma mesa; depois disso houve tudo o que ela disse em histeria. Quando chegou a casa

sozinho deu a volta à chave na fechadura, numa fúria descontrolada. Como havia de saber que ela ia chegar uma hora depois sozinha, que ia cair um nevão e que ela ia andar lá fora em chinelinhas, demasiado confusa para apanhar um táxi? Depois o que se seguiu, ela a escapar por milagre a uma pneumonia e o concomitante horror. Mais tarde «reconciliaram-se», mas isso marcou o princípio do fim, e Marion, que vira com os seus próprios olhos e que imaginou que fosse uma das muitas cenas do martírio da irmã, nunca mais o esqueceu.

Reviver isso de novo trouxe Helen até si, e na luz branca e suave que se insinua por entre o meio sono da quase manhã Charlie achou-se a falar com ela de novo. Dizia-lhe que ele tinha toda a razão quanto a Honoria e que queria que Honoria ficasse com ele. Disse que estava contente por ele estar bem e a vida a correr-lhe melhor. Disse mais uma data de coisas – muito agradáveis – mas estava num baloiço com um vestido branco, e baloiçava cada vez mais rapidamente, de modo que para o fim ele não conseguia ouvir claramente tudo o que ela dizia.

IV

Acordou sentindo-se feliz. A porta do mundo estava de novo aberta. Fez planos, projectos, futuros, para Honoria e para si próprio, mas de repente ficou triste, lembrando-se dos planos que ele e Helen tinham feito. Ela não planeara morrer. Só o presente contava – trabalho a fazer e alguém para amar. Mas não amar demais, pois sabia o mal que um pai podia fazer a uma filha ou uma mãe a um filho com uma ligação demasiado

próxima: mais tarde, na sua vida, os filhos iriam procurar no par com quem casavam a mesma ternura cega e, não conseguindo provavelmente encontrá-la, iriam virar-se contra o amor e a vida.

Estava outra vez um dia luminoso e revigorante. Telefonou a Lincoln Peters para o banco onde ele trabalhava e perguntou-lhe se podia contar levar Honoria quando regressasse a Praga. Lincoln reconheceu que não havia motivos para adiar. Só uma coisa – a custódia legal. Marion queria mantê-la durante mais algum tempo. Estava preocupada com aquilo tudo e era capaz de ajudar ela sentir que continuava a controlar a situação. Charlie concordou, interessando-lhe apenas a filha tangível, visível.

Seguiu-se a questão da governanta. Sentou-se numa agência sombria a falar com uma bearnesa irritável e com uma alentada camponesa bretã, não lhe parecendo suportáveis nem uma nem outra. Havia outras que ele veria no dia seguinte.

Almoçou com Lincoln Peters no Griffons, esforçando-se por não se mostrar exultante.

– Não há nada como os nossos próprios filhos – disse Lincoln. – Mas tu também sabes como a Marion se sente.

– Ela esquece-se de que eu trabalhei no duro estes sete anos – disse Charlie. – Só se lembra de uma única noite.

– Há mais uma coisa – hesitou Lincoln. – Enquanto tu e a Helen andavam a correr a Europa e a atirar fora o dinheiro, a nós mal chegava para nos irmos aguentando. Não tive essa prosperidade toda, porque nunca me deu para mais do que pagar o seguro. Acho que a Marion via nisso uma injustiça qualquer... contigo

no fim a nem sequer ter de trabalhar, e a ficares cada vez mais rico.

– Foi-se tal como veio – disse Charlie.

– Pois, uma grande parte dele ficou nas mãos de *chasseurs*, de saxofonistas e de *maîtres d'hôtel*... Bem, agora acabou a grande festa. Só falei nisto para explicar o que a Marion sente por esses anos loucos. Se apareceres por volta das seis da tarde antes de a Marion estar demasiado cansada, assentamos ali mesmo os pormenores.

De volta ao hotel, Charlie encontrou um *pneumatique* que lhe tinha sido reenviado do bar do Ritz onde deixara o seu endereço com a ideia de localizar uma pessoa.

Querido Charlie:

Parecias tão estranho quando te vimos no outro dia que fiquei a pensar se terei feito alguma coisa que te ofendesse. Se assim é, foi sem querer. De facto, tenho pensado em ti até de mais durante o último ano, e nunca me saiu da ideia que tinha de te ver se cá viesse. Passámos uns belos tempos juntos naquela Primavera de loucos, como na noite em que tu e eu roubámos o triciclo do homem do talho, e aquela vez em que tentámos telefonar ao Presidente e tu estavas de chapéu de coco e bengalinha. Estão todos com um ar tão velho nestes últimos tempos, mas eu não me sinto nada velha. Não nos podemos ver hoje para lembrar os velhos tempos? Agora estou com uma ressaca horrível, mas à tarde já devo estar melhor e procuro-te por volta das cinco na chafarica do Ritz.

Sempre dedicada,

LORRAINE

O primeiro sentimento foi de espanto por alguma vez, na idade madura, ter roubado um triciclo e pedalado com Lorraine pela Étoile fora desde altas horas da noite até ao amanhecer. Em retrospectiva, era um pesadelo. Fechar a porta a Helen não se coadunava com nenhum outro acto da sua vida, mas a história do triciclo sim — era uma entre muitas. Quantas semanas ou meses de dissipação para atingir tal condição de total irresponsabilidade?

Tentou imaginar como é que Lorraine lhe parecia nesse tempo — muito atraente; Helen sentia-se infeliz com isso, mas não dizia nada. No dia anterior, no restaurante, Lorraine parecera-lhe banal, apagada, gasta. Não queria vê-la de maneira nenhuma, e estava contente por Alix não ter revelado o nome do hotel. Pelo contrário, era um prazer pensar em Honoria, nos domingos com ela e em dizer-lhe bom dia pela manhã e saber que ela estava em casa dele à noite, respirando no escuro.

Às cinco apanhou um táxi, levando presentes para todos os Peters — uma boneca de trapos deliciosa, uma caixa de soldados romanos, flores para Marion, grandes lenços de linho para Lincoln.

Percebeu, ao chegar ao apartamento, que Marion aceitara o inevitável. Cumprimentou-o desta vez como a um membro recalcitrante da família, mais do que um intruso ameaçador. Tinham dito a Honoria que o pai a ia levar; Charlie ficou contente ao ver o tacto dela em disfarçar a sua felicidade transbordante. Só no colo dele é que sussurrou a sua satisfação e a pergunta: «Quando?» antes de desaparecer com as outras crianças.

Charlie e Marion ficaram um minuto sós na sala e ele falou, desassombrado:

— As querelas de família são coisa amarga. Não seguem regras nenhuma. Não são como uma dor ou uma ferida; são mais como um golpe na pele que não sara porque não há tecido suficiente. Gostava que eu e tu nos déssemos melhor.

— Há coisas que custam a esquecer — respondeu ela. — É uma questão de confiança. — Não havia nada a responder a isto e então ela perguntou: — Quando estás a pensar levá-la?

— Logo que arranje uma governanta. Espero que depois de amanhã.

— É impossível. Tenho de pôr em ordem as coisas dela. Antes de sábado não.

Ele cedeu. Ao voltar para a sala, Lincoln ofereceu-lhe uma bebida.

— Tomo o meu *whisky* do dia — disse ele.

Estava quente, era um lar, pessoas reunidas à volta de uma lareira. As crianças sentiam-se protegidas e importantes; a mãe e o pai estavam sérios, atentos. Tinham coisas a fazer pelos filhos, mais importantes do que a visita dele aqui. Uma colher de remédio tinha, bem vistas as coisas, mais importância do que as relações tensas entre ele e Marion. Não seriam pessoas desinteressantes, mas estavam muito presas nas malhas da vida e das circunstâncias. Pôs-se a pensar se não poderia fazer alguma coisa para arrancar Lincoln à rotina do banco.

Um longo toque de campainha; a *bonne à tout faire* passou pela sala e avançou pelo corredor. A porta abriu-se a meio de outro toque insistente, e depois vozes, e os três na sala levantaram os olhos e ficaram expectantes; Richard deslocou-se para ter o corredor no seu ângulo de visão, e Marion levantou-se. Depois a criada voltou pelo corredor,

seguida de perto pelas vozes, que à luz se revelaram como sendo de Duncan Schaeffer e Lorraine Quarrles.

Estavam alegres, estavam hilariantes, riam à gargalhada. Por uns momentos Charlie ficou atordoado; incapaz de compreender como é que eles tinham desencantado o endereço dos Peters.

«Ah-h-h!», Duncan a abanar um dedo na direcção de Charlie, com ar de rufia. «Ah-h-h!»

Desceram ambos outra cascata de risos. Aflito e perplexo, Charlie cumprimentou-os a despachar e apresentou-os a Lincoln e Marion. Marion fez um aceno de cabeça, quase sem falar. Recuara um passo para junto da lareira; tinha a filha a seu lado e passou-lhe o braço pelo ombro.

Com crescente impaciência pela intrusão, Charlie ficou à espera que eles se explicassem. Depois de alguma concentração, Duncan disse:

— Viemos convidar-te para jantar. Lorraine e eu estamos decididos a acabar com isso de andar aos segredinhos e a fazer caixinha com a tua morada.

Charlie aproximou-se deles, como que a forçá-los a recuar para o corredor.

— Desculpem, mas não posso. Digam-me para onde vão e eu telefono-vos daqui a meia hora.

Isto não os demoveu. Lorraine sentou-se inesperadamente na beira de uma cadeira, e focando Richard, gritou: «Oh, que lindo rapazinho! Anda cá, meu menino». Richard olhou a mãe de relance, mas não se mexeu. Com um perceptível encolher de ombros, Lorraine virou-se novamente para Charlie:

— Anda daí jantar. Os teus primos de certeza que não se importam. Vejo-te tão pouco. Ou tão parco.

– Não posso – disse Charlie, cortante. – Vão vocês os dois jantar, que eu depois telefono.

A voz dela tornou-se subitamente desagradável. «Está bem, nós vamos. Mas ainda me lembro que uma vez me foste bater à porta às quatro da madrugada e eu fui suficientemente simpática para te dar uma bebida. Vamos, Dunc».

Ainda em câmara lenta, empastelados, com um ar zangado e passos incertos, retiraram pelo corredor.

– Boa noite – disse Charlie.

– Boa noite! – respondeu Lorraine, com ênfase.

Quando ele voltou para a sala Marion não se tinha mexido, só que agora tinha o filho no círculo do outro braço. Lincoln ainda balançava Honoria como um pêndulo de um lado para outro.

– Que desprante! – explodiu Charlie. – O grandessíssimo desprante!

Nenhum deles respondeu. Charlie deixou-se cair numa poltrona, pegou no copo, voltou a poisá-lo e disse:

– Pessoas que não via há dois anos terem o descaramento colossal...

Não continuou. Marion fizera o som «Oh!» num sopro breve, furioso, virou-lhe as costas num movimento brusco e saiu da sala.

Lincoln largou Honoria com cuidado.

– Meninos, vão para dentro e comecem a comer a sopa – disse ele, e assim que eles obedeceram, disse para Charlie: – A Marion não está bem e não aguenta choques. Este tipo de gente deixa-a mesmo fisicamente doente.

– Eu não lhes disse para cá virem. Sacaram o teu nome a alguém. Fizeram de propósito...

— É pena. Isto não ajuda nada. Desculpa só um minuto.

Ficando só, Charlie sentou-se tenso. Ouvia, na sala ao lado, as crianças a comer, falando por monossílabos, já esquecidas da cena entre os mais velhos. Ouviu o murmúrio de uma conversa num quarto mais afastado e depois o tinir de um auscultador de telefone a ser levantado, e em pânico afastou-se para a outra ponta da sala onde não podia ouvi-los.

Daí a instantes, Lincoln voltou. «Ouve, Charlie. Acho que é melhor deixar o jantar para outro dia. A Marion não se sente bem».

— Está zangada comigo?

— É capaz disso — disse ele, num tom quase brusco.

— Não é muito forte e...

— Quer dizer que mudou de ideias quanto à Honoria?

— Neste momento está muito ressentida. Não sei. Telefona-me para o banco amanhã.

— Gostava que lhe explicasses que nunca me passou pela cabeça que aquelas pessoas viriam cá. Estou tão furioso como tu.

— Agora não é possível explicar-lhe nada.

Charlie levantou-se. Pegou no casaco e no chapéu e encaminhou-se para o corredor. Depois abriu a porta da sala de jantar e disse numa voz estranha: «Boa noite, meninos».

Honoria levantou-se e contornou a correr a mesa para o abraçar.

— Boa noite, amorzinho — disse ele confusamente, e depois tentando tornar a voz mais doce, tentando conciliar alguma coisa: — Boa noite, meus queridos.

V

Charlie foi directamente para o bar do Ritz na intenção furiosa de encontrar Lorraine e Duncan, mas eles não estavam, e ele compreendeu que de qualquer maneira não havia nada a fazer. Não tocara na sua bebida em casa dos Peters, e por isso mandou vir um *whisky-and-soda*. Paul veio cumprimentá-lo.

— Isto mudou muito — disse ele desanimado. — Temos para aí metade do movimento que tínhamos. Tântos tipos que ouço dizer que voltaram para os *States* e perderam tudo, talvez não no primeiro *crash*, mas depois no segundo. O seu amigo George Hardt perdeu tudo até ao último centavo, ouvi dizer. Você voltou para os *States*?

— Não, estou a trabalhar em Praga.

— Ouvi dizer que perdeu muito no *crash*.

-- Perdi — e acrescentou, sombrio: — Mas perdi tudo o que queria no *boom*.

— Vendendo em baixa.

— Coisa assim.

Percorreu-o mais uma vez a memória daqueles dias como um pesadelo — as pessoas que tinha conhecido em viagem; depois as pessoas que não conseguiam fazer uma conta de somar ou dizer uma frase coerente. O homenzinho com quem Helen aceitara dançar numa festa num barco, que a tinha insultado a três metros da mesa; as mulheres e as raparigas bêbedas ou drogadas levadas aos gritos de lugares públicos...

...Os homens que fechavam a porta às mulheres deixando-as na neve, porque a neve de Vinte e Nove não era neve verdadeira. Se não se queria que fosse neve, era só pagar algum dinheiro.

Foi ao telefone e ligou para o apartamento dos Peters; Lincoln atendeu.

— Liguei porque isto não me sai da cabeça. A Marion disse alguma coisa de concreto?

— A Marion está doente — respondeu Lincoln, breve. — Eu sei que isto não é bem por tua culpa, mas não posso deixar que ela fique desfeita por causa disto. Acho que é melhor deixar correr as coisas durante uns seis meses; não posso arriscar-me a vê-la ficar neste estado novamente.

— Compreendo.

— Lamento, Charlie.

Voltou para a mesa. O copo de *whisky* estava vazio, mas disse que não com a cabeça quando Alix o olhou, interrogativo. Não havia muito a fazer agora, a não ser mandar umas coisas a Honoria; ia mandar-lhe muitas coisas amanhã. Pensou bastante furioso que isso era só dinheiro — e dera dinheiro a tanta gente...

— Não, mais nada — disse ele a outro empregado. — Quanto devo?

Havia de voltar um dia; não podiam fazê-lo pagar eternamente. Mas queria a sua filha, e nada lhe interessava agora, para além disso. Já não era novo, e tinha bons pensamentos e sonhos para sonhar sozinho. Tinha a certeza absoluta de que Helen não havia de querer que ele estivesse tão sozinho.

Jorge Luis Borges

Tema do traidor e do herói

Tradução de José Colaço Barreiros

Jorge Luis Borges (1899-1986) Poeta, contista e ensaísta argentino nasceu em Buenos Aires e morreu em Genebra. A avó era de ascendência inglesa e Borges foi bilingue desde a infância. Borges passou uma temporada com os pais na Europa antes de 1914. Surpreendida pela guerra, a família passou o período de 1914-18 na Suíça. Viveu em Espanha entre 1919 e 1921 e dois anos depois regressou à Argentina. Borges começou por publicar poesia (*Fervor de Buenos Aires*, 1923) e dedicou-se a escrever contos nos anos seguintes sobre temas ditos argentinos. Na revista *Sur*, fundada por Victoria Ocampo, publicará recensões, ensaios, poemas e contos. Conhece Adolfo Bioy Casares com quem escreverá vários livros e desenvolverá diversas actividades literárias. Durante os anos 30 foi perdendo a visão, até ficar cego. Trabalhou a partir de 1937 na Biblioteca Municipal Miguel Cané, mas a ascensão de Perón ao poder obrigou-o a abandonar. Será nomeado director da Biblioteca Nacional em 1955, depois da queda de Péron. Em 1944 surge *Ficciones*, que reúne os contos de *O jardim dos caminhos que se bifurcam* (1941) e outros que coligiu sob o título de *Artifícios*. Em 1949 publica *O Aleph*, outra colecção de contos. Nos anos sessenta viaja pela Europa, fazendo conferências pela Escócia, Inglaterra, França, Suíça e Espanha. Em 1967 casa-se com Elsa Millán que o acompanha aos Estados Unidos e de quem se divorciará pouco tempo depois. Durante os anos setenta publica poesia (*O ouro dos tigres*, *A rosa profunda*, *História da noite*, entre outros volumes) e vários livros em colaboração. Viaja muito, acompanhado por Maria Kodama, com quem casará pouco antes de morrer. Em 1985 surge o seu último livro de poemas, *Os Conjurados*. *Temas do traidor e do herói*, incluído na colecção de contos *Artifícios* (in *Ficciones*, 1944) foi retraduzido por José Colaço Barreiros para a Editorial Teorema, em 1998. Foi esta a inspiração para o filme de Bernardo Bertolucci, *A estratégia da aranha*, de 1970, com Giulio Brogi e Alida Valli.

*So the Platonic Year
Whirls out new right and wrong
Whirls in the old instead;
All men are dancers and their thread
Goes to the barbarous clangour of a gong.*
W. B. YEATS, *The Tower*.

Sob a notória influência de Chesterton (imaginador e adornador de elegantes mistérios) e do conselheiro áulico Leibniz (que inventou a harmonia preestabelecida), imaginei este argumento, que escreverei talvez e que já de certo modo me justifica, nas tardes inúteis. Faltam pormenores, rectificações, ajustamentos; há zonas da história que ainda não me foram reveladas; hoje, 3 de janeiro de 1944, vislumbro-a assim.

A acção decorre num país oprimido e tenaz: Polónia, Irlanda, a república de Veneza, qualquer estado sul-americano ou balcânico... É melhor dizer decorreu, porque embora o narrador seja contemporâneo, a história referida por ele passou-se em meados ou nos princípios do século XIX. Digamos (para comodidade narrativa) Irlanda; e digamos 1824. O narrador chama-se Ryan; é bisneto do jovem, do heróico, do belo, do assassinado Fergus Kilpatrick, cuja sepultura foi misteriosamente violada, cujo nome ilustra os versos

de Browning e de Hugo, cuja estátua preside a um cerro pardo no meio de pantanais vermelhos.

Kilpatrick foi um conspirador, um secreto e glorioso capitão de conspiradores; à semelhança de Moisés que, da terra de Moab, divisou e não pôde pisar a terra prometida, Kilpatrick pereceu na véspera da rebelião vitoriosa que tinha premeditado e sonhado. Aproximasse a data do primeiro centenário da sua morte; as circunstâncias do crime são enigmáticas; Ryan, dedicado à redacção de uma biografia do herói, descobre que o enigma ultrapassa o puramente policial. Kilpatrick foi assassinado num teatro; a polícia britânica nunca deu com o matador; os historiadores declaram que esse fracasso não deslustra o seu bom crédito, visto que talvez tenha sido a própria polícia a mandar matá-lo. Outras facetas do enigma inquietam Ryan. São de carácter cíclico: parecem repetir ou combinar factos de remotas regiões, de remotas idades. Assim, ninguém ignora que os esbirros que examinaram o cadáver do herói encontraram uma carta fechada que o advertia do perigo de comparecer no teatro, nessa noite; também Júlio César, ao encaminhar-se para o lugar onde o aguardavam os punhais dos seus amigos, recebeu um memorial que não chegou a ler, em que estava declarada a traição, com os nomes dos traidores. A mulher de César, Calpúrnia, viu em sonhos derrubada uma torre que lhe havia consagrado por decreto o Senado; falsos e anónimos boatos, na véspera da morte de Kilpatrick, tornaram público em todo o país o incêndio da torre circular de Kilgarvan, facto que pode parecer um presságio, porque ele tinha nascido em Kilgarvan. Estes paralelismos (e outros) da história de César e da história

de um conspirador irlandês induzem Ryan a supor uma secreta forma do tempo, um desenho de linhas que se repetem. Pensa na história decimal que ideou Condorcet; nas morfologias que propuseram Hegel, Spencer e Vico; nos homens de Hesíodo, que degene-raram desde o ouro até ao ferro. Pensa na transmigração das almas, doutrina que faz o horror das letras célticas e que o próprio César atribuiu aos druidas britânicos; pensa que antes de ser Fergus Kilpatrick, Fergus Kilpatrick foi Júlio César. Destes labirintos circulares salva-o uma curiosa verificação, uma verificação que logo o faz cair noutros labirintos mais inextricáveis e heterogêneos: certas palavras de um mendigo que conversou com Fergus Kilpatrick no dia da sua morte, foram prefiguradas por Shakespeare, na tragédia de *Macbeth*. Que a história tivesse copiado a história já era prodigioso de sobra; agora que a história copie a literatura é inconcebível... Ryan investiga que em 1814, James Alexander Nolan, o mais antigo dos companheiros do herói, traduzira para gaélico os principais dramas de Shakespeare; entre os quais, *Júlio César*. Também descobre nos arquivos um artigo manuscrito de Nolan sobre os *Festspiele* da Suíça: vastas e errantes representações teatrais, que requerem milhares de actores e que reiteram episódios históricos nas mesmas cidades e montanhas onde ocorreram. Outro documento inédito revela-lhe que, poucos dias antes do fim, Kilpatrick, presidindo ao último conclave, havia assinado a sentença de morte de um traidor, cujo nome fora apagado. Esta sentença não condiz com os piedosos hábitos de Kilpatrick. Ryan investiga o assunto (esta investigação é um dos hiatos do argumento) e consegue decifrar o enigma.

Kilpatrick foi abatido num teatro, mas de teatro serviu também toda a cidade, e os actores foram legião, e o drama coroado pela sua morte abrangeu muitos dias e muitas noites. Eis aqui o que sucedeu:

A 2 de agosto reuniram-se os conspiradores. O país estava amadurecido para a rebelião; no entanto, qualquer coisa falhava sempre: algum traidor havia no conclave. Fergus Kilpatrick havia encarregado James Nolan da descoberta deste traidor. Nolan executou a sua tarefa: anunciou em pleno conclave que o traidor era o próprio Kilpatrick. Demonstrou com provas irrefutáveis a verdade da acusação; os conjurados condenaram à morte o seu presidente. Este assinou a sua própria sentença, mas implorou que o seu castigo não prejudicasse a pátria.

Então Nolan concebeu um estranho projecto. A Irlanda idolatrava Kilpatrick; a mais ténue suspeita da sua vileza comprometeria a rebelião; Nolan propôs um plano que fez da execução do traidor o instrumento para a emancipação da pátria. Sugeriu que o condenado morresse às mãos de um assassino desconhecido, em circunstâncias deliberadamente dramáticas, que se gravassem na imaginação popular e que apressassem a rebelião. Kilpatrick jurou colaborar nesse projecto, que lhe dava a ocasião de se redimir e que a sua morte rubricaria.

Nolan, apertado pelo tempo, não conseguiu integralmente inventar as circunstâncias da múltipla execução; teve de plagiar outro dramaturgo, o inimigo inglês William Shakespeare. Repetiu cenas do *Macbeth* do *Júlio César*. A pública e secreta representação compreendeu vários dias.

O condenado entrou em Dublin, discutiu, agiu, rezou, reprovou, pronunciou palavras patéticas e cada um desses actos que reflectiria a glória, tinha sido preestabelecido por Nolan. Centenas de actores colaboraram com o protagonista; o papel de alguns foi complexo; o de outros, momentâneo. As coisas que disseram e fizeram perduram nos livros históricos, na memória apaixonada da Irlanda. Kilpatrick, arrebatado por esse minucioso destino que o redimia e que o perdia, mais de uma vez enriqueceu com actos e palavras improvisadas o texto do seu juiz. Assim se foi desenvolvendo no tempo o populoso drama, até que a 6 de agosto de 1824, num palco de funerárias cortinas que prefigurava o de Lincoln, uma bala ansiada entrou no peito do traidor e do herói, que mal conseguiu articular, entre duas efusões de brusco sangue, algumas palavras previstas.

Na obra de Nolan, as passagens imitadas de Shakespeare são as *menos* dramáticas; Ryan suspeita que o autor as intercalou para que alguma pessoa, no futuro, descobrisse a verdade. Compreende que ele próprio também faz parte da trama de Nolan... Ao cabo de tenazes elucubrações, resolve silenciar a descoberta. Publica um livro dedicado à glória do herói; talvez até isso estivesse já previsto.

Ingmar Bergman

A paixão

Tradução do original sueco de Inga Gullander
Revisão de Luísa Costa Gomes

Ingmar Bergman (1918-) Nasceu em 14 de Julho Ernst Ingmar Bergman, em Uppsala, um pouco a norte de Estocolmo. Começou a encenar na Universidade. Em 1939 entrou para o Teatro Real (Ópera de Estocolmo) como assistente de produção e em 1943 começava a trabalhar como argumentista na *Svensk Filmindustri*. Inicia, no final dos anos quarenta, a sua carreira de cineasta, nunca abandonando a encenação de teatro e ópera. *O Sétimo Selo* (1956), *Morangos Silvestres* (1957), *A Fonte da Virgem* (1960), *A Hora do Lobo* (1968), *O silêncio* (1963), *Persona* (1966), *Lágrimas e Suspiros* (1973), *Cenas de um casamento* (1973), *Da vida das marionetas* (1980), *Fanny e Alexandre* (1982) são alguns dos seus «clássicos». Em 2005 saiu o seu mais recente filme, *Saraband*.

A paixão, a narrativa que incluímos nesta *Ficções*, é o texto que serve de base ao filme de 1969 com Liv Ullman, Max Von Sidow, Erland Josephson e Bibi Anderson. Texto inédito em sueco e aqui traduzido do original, há uma edição americana em livro, mais elaborada e revista por Bergman, traduzida por Alan Blair em 1976, para a Doubleday (in *Four Stories by Ingmar Bergman*). São razoáveis as diferenças entre o original sueco e o texto em inglês. O original, dividido em actos e não em partes, está muito mais cru, muito próximo de uma sequência de actos, falas, descrição de imagens e ambientes para um guião. O próprio Bergman escreve: «Um guião nunca consegue exprimir o que o filme pretende transmitir. Se quisesse reproduzir em palavras o que acontece nos filmes que concebi, seria obrigado a escrever um grosso volume pouco legível, que seria apenas um obstáculo. Um processo desses mataria toda a alegria criativa, tanto para mim, como para os artistas». Em vez disso, Bergman escreve uma narrativa curta que distribui aos actores, trabalhando depois com eles e recorrendo a alguma improvisação.

PRIMEIRO ACTO

1

(O meu nome é Andreas Winkelmann.
Tenho quarenta e oito anos.)

Lembro-me de que era um dia abafado de Outubro. Eu estava sentado no telhado da minha casa decrepita, a tentar arranjá-lo o melhor que podia. Depois da última chuvada, começara a meter água a sério. Quando levantei a cabeça do trabalho, havia três sóis sobre o mar. Havia uma tranquilidade sem vento, o silêncio era total. Acendi o cachimbo e fiquei um bom bocado a observar o fenómeno. Então, do oeste apareceu uma nuvem escura, tapando os sóis. Finalmente começou a fazer vento. Anoitecia. Um cão ladrou. Os carneiros atravessavam solenemente a charneca. Na estrada, Daniel transportava na carroça fardos de palha, o velho cavalo avançava lentamente. Desci do meu poleiro e fui à cozinha fazer café. O noticiário da rádio falava de várias espécies de desgraças. Mas não mencionou os meus três sóis.

Aí uma hora depois vi-os pela primeira vez. Iam pela estrada ao longo do mar. Um homem e duas

mulheres. Avançavam bastante devagar, uma das mulheres andava com dificuldade, coxeava e apoiava-se numa bengala. O homem tinha um ar vagamente judeu. Parecia ter a minha idade. As duas mulheres pareciam ter a mesma idade e eram notavelmente elegantes. Não ouvi nenhuma conversa, cada um ia mergulhado nos seus próprios pensamentos. Depois de passar por eles, desci da bicicleta e observei-os com mais atenção. A mulher coxa parou, como que para descansar. Os outros abrandaram o passo, o homem perguntou qualquer coisa e a mulher abanou a cabeça. O sol acabava de se pôr, deixando sobre a floresta uma faixa flamejante.

2

Estava a pensar que devia preparar a minha casa para o Inverno. Por isso, fui para a escada exterior, depois de reparar o telhado. Não tenho jeito nenhum para tais trabalhos, mas a actividade só por si, dá-me uma sensação de satisfação. E assim, no martelar e serrar que se seguiu, não reparei logo que alguém me observava.

Ela apresentou-se: Anna Fromm. Perguntou se podia usar o meu telefone para fazer uma chamada importante. O telefone deles está avariado há uns dias. Mostrei-lhe onde estava o telefone, saí e sentei-me na escada. Ouvi a voz dela. A princípio, era calma, depois cada vez mais agitada, e depois houve silêncio. Passados uns minutos, a bengala bateu no chão e ela abriu a porta. Perguntei o custo da chamada; disse-mo. Deu-me uma nota. Dei-lhe o troco.

Tinha uma expressão fechada, mas estivera a chorar. Agradeceu-me e foi-se embora em direcção à floresta.

Tinha a perna direita rígida e mexia-se com dificuldade. Fiquei sentado a olhar para as mãos até descobrir que estava a tremer de frio nesse dia cinzento de Outono. Não pude deixar de rir de mim próprio.

Então apareceu o Verner com o velho camião. Tinha prometido trazer-me umas pranchas de madeira e mais umas coisas. Enquanto descarregávamos, falámos de passagem nos três forasteiros: o arquitecto Vergéus e a mulher tinham comprado uma casa em Ottar, que tinham restaurado. Anna Fromm estava de visita. Era ela a tal mulher que tivera um acidente de automóvel muito grave há pouco mais de um ano. Recordámos: tinha sido um acidente horrível. O marido e o filho tinham morrido. Ela ficara muito ferida. Tinha sido uma tragédia.

3

Mais para a tarde descobri que Anna Fromm deixara ficar a carteira na mesa ao pé do telefone. Na carteira havia uma carta dobrada e muito lida. A data era de dezoito meses antes. Li a carta:

«Minha querida Anna.

Não posso mais viver contigo. É uma verdade que há muito tempo reprimo, porque te amo. Mas não posso nem quero mais viver contigo. Não acredito em novas tentativas, já que nem tu nem eu temos uma vontade séria de mudar. Devem ser os nossos defeitos morais que provocam o pior de nós. Mais vale não nos vermos mais. Eu só iria ceder, porque apesar de tudo estou apaixonado por ti. Mas *não quero* ceder, porque sei que só vamos entrar em novas complicações, que só nos hão-de trazer perturbações mentais horríveis e violências

físicas e psíquicas. Penso que seria bom os nossos advogados começarem a conversar sobre os problemas práticos. Pensas que sou cobarde por escrever em vez de falar contigo. O motivo é somente que ao pé de ti enfraqueço e quero ser agradável. Por isso, peço-te para não entrares em contacto comigo. Andreas.»

Desci até casa deles – uma grande casa rebocada de branco e cuidadosamente restaurada. Eva Vergérus veio abrir a porta. Agradeceu-me muito em nome da amiga e lamentou que Eva já se tivesse deitado, porque estava um pouco constipada. O arquitecto Vergérus apareceu e perguntou-me amavelmente se eu não queria entrar e tomar um conhaque. Não aceitei a bebida, alegando que o farol da bicicleta estava estragado. Vergérus disse então que me podia levar a casa. Mesmo assim, eu disse que não. Então Eva sorriu e disse que esperava que nos pudéssemos ver em melhor ocasião. Dei-lhes as boas noites. No regresso a casa, bati numa pedra com a bicicleta, caiu ao chão e arranhei a palma da mão direita.

4

Poucos dias mais tarde. Ia a caminho de Djupklippan para pescar. No cruzamento estava o automóvel de Vergérus. Parecia vazio. Quando cheguei mais perto, vi que Eva estava deitada no assento da frente, com os olhos fechados. Primeiro pensei afastar-me, mas depois fiquei preocupado, ela talvez estivesse doente, inconsciente, morta. Abri a porta do carro com cuidado e olhei-a: estava a dormir com a boca entreaberta e tinha uma expressão aflita, infantil, abandonada. Toquei-lhe no ombro e ela acordou imediatamente, mas continuou deitada.

– Desculpe se a acordei. Fiquei preocupado. Pensei que estivesse doente ou inconsciente ou coisa assim.

– Não faz mal. É que quase não consigo dormir de noite. E por isso simplesmente às vezes adormeço de dia.

Despedi-me depressa e o automóvel arrancou.

5

O dia seguinte. Eu andava a apanhar pinhas no mato para defumar as solhas que acabava de pescar. Estava a choviscar. Então ouvi um som estranho. A princípio não dei importância ao facto, porque pensava que viria dum pássaro ou dos carneiros, que pastavam na ladeira. Mas o som tornou-se cada vez mais estranho e por fim comecei a procurar. Finalmente encontrei a causa. Alguém tinha enforcado um cachorro numa árvore. Estava ainda vivo. Quando me aproximei, tentou morder-me as mãos. Consegui cortar a corda e tirar-lhe o laço do pescoço. O animal estava meio-morto e tinha espasmos. Pareceu-me ouvir alguém afastar-se a correr, mas posso ter-me enganado. Trouxe o cachorro para casa. Aos poucos, recuperou.

6

Cedo de manhã. Estou a forrar de papel o meu quarto, que se encontra num estado miserável há muito tempo. O cão está aninhado na minha cama, que eu puxei para o meio do quarto. (Dei-lhe o nome de Oscar).

Chovia a cântaros. De repente, Oscar começou a ladrar. Elis Vergélius galopava pelo pátio e veio bater à porta. Abri. Ele pediu desculpa, a chuva tinha-o surpreendido; sem pensar tinha saído sem roupa própria

para a chuva. É que de manhã não havia nuvens. Convidei-o a entrar na cozinha, que estava aquecida. Ele tirou o casaco e pendurou-o numa cadeira perto do fogão. Tomámos café e conversámos. Ele mencionou de passagem que o seu passatempo era a fotografia. Perguntei-lhe se lhe interessava algum género especial de fotografia. Ele respondeu que gostava muito de registar todas as formas de vida humana mas que era naturalmente um amador bastante medíocre e que as suas colecções eram limitadas. Perguntei-lhe se tinha tirado alguma fotografia aos três sóis. Ele abanou a cabeça e ficou de repente distraído e inquieto. Sugerii-lhe que levasse a minha gabardina. Aceitou, levantou-se depressa, estendeu-me uma mão macia e seca e agradeceu o convívio. Vestiu a minha gabardina e foi-se embora por entre as poças de água.

7

Eles estiveram ausentes da casa em Novembro e Dezembro, mas voltaram um pouco antes do Natal. Encontrava-os aqui e acolá, na mercearia, nos meus passeios de bicicleta e quando pescava no ribeiro. Começámos a cumprimentar-nos como velhos conhecidos. Um dia, Eva ficou com o automóvel preso num monte de neve. Ajudei-a, o que deu azo a um convite para jantar. Sem saber bem porquê aceitei e fui para casa fazer a barba, apesar de só ser sexta-feira. Pus o fato escuro, camisa branca e uma gravata elegante, e eu próprio achei que estava bastante apresentável.

A casa deles era realmente muito bonita, com tecidos e tons suaves, uma mistura natural de rude e sofisticado, velho e novo. Eles próprios, eram pessoas

calorosas, amáveis e sinceras. A comida e a bebida animaram-me. A beleza de Anna e de Eva, a amabilidade e as atenções de Elis tornaram-me mais espontâneo. Senti súbita afeição por estas pessoas. Tarde, nessa mesma noite, convidaram-me a ficar no quarto de hóspedes, onde adormeci numa grande cama fofa.

Acordei numa vaga ansiedade. Era o raiar do dia e o silêncio era total em contraste com o estrondoso temporal da noite anterior. Tinha sede e sentia suores frios. De repente, ouvi gemidos e choro. Era uma voz de mulher. Talvez de Anna. Mas também podia ser de outra pessoa, a voz era-me estranha. Depois ouvi também uma voz de homem, grave, consoladora, mas também dominadora, determinada. Um grito de dor: «Andreas, Andreas!». Compreendi então que era Anna quem gritava. Depois, houve silêncio de novo. Sons de passos rápidos. Uma porta que se abriu e se fechou.

8

Nessa manhã, Vergérus convidou-me para o seu estúdio. O estúdio estava instalado num anexo nas traseiras da casa e consistia de uma única sala com clarabóia e paredes nuas de madeira tosca. Havia uma segunda janela virada a Norte. Numa das paredes compridas havia prateleiras com grandes caixas de cartão numeradas. Noutras estantes havia equipamento fotográfico e lâmpadas. Umas poucas cadeiras desirmanadas, um biombo de linho, uma cama simples e alguns objectos indefiníveis. Numa das paredes de topo havia uma pequena figura de proa, velha e desbotada. Elis aproximou-se das caixas e tirou algumas para fora. Nas caixas havia fotografias e ainda uma

quantidade de recortes de jornais e revistas, tudo arrumado e catalogado.

— A princípio, coleccionei toda a espécie de fotografias. Fotos tiradas por mim e outras que encontrei em jornais, revistas, velhos álbuns e nos alfarrabistas. A colecção de fotografias tornou-se, pura e simplesmente, uma paixão. Eram sempre figuras humanas. Em todas as situações. Nesta caixa, por exemplo, tens pessoas que comem de todos os géneros. São quase mil fotos. Aqui tens pessoas que dormem. Aqui há pessoas em estado de emoção violenta. É toda esta secção de caixas com subsecções. Houve uma época em que só coleccionava imagens de violência e actos de violência. Aqui tens pessoas a dormir, com a subsecção pessoas mortas. Como podes ver, cataloguei baseando-me em comportamentos. É uma classificação totalmente irracional, que me parece tão absurda como o próprio acto de coleccionar. Se te apetecer podemos ver as minhas fotografias pornográficas um dia destes. Tenho entre vinte e trinta mil, não as contei e a maior parte não presta. Deve haver só umas dez ou doze fotos que valem a pena.

Enquanto falava, ia tirando caixas para fora e voltando a pô-las, mexendo nas fotos com a mesma indiferença um pouco irritante. Tornou-se num movimento estranho e compacto de vida humana. Ele riu-se e encolheu os ombros.

— Aí são só retratos, planos apertados. Olha. Eu próprio tirei estas fotos e algumas são interessantes. Queria perguntar-te se me deixas tirar uma série de retratos teus. Importas-te?

Disse-lhe que seria antes uma honra e que eu tinha todo o tempo do mundo. Ele assentiu com a cabeça, e

pareceu ter esquecido logo o assunto. Procurou um maço de fotografias, que me deu com um sorriso.

— Aqui há algo que talvez te interesse: Anna Fromm, aos vinte e três anos. Casada e feliz. Sete anos antes da catástrofe.

Vi uma cara sincera e infantil, feições grandes, lisas, sem marcas, uma boca sensível que sorria. Anna Fromm, vinte e três anos. (Quem era a pessoa com este mesmo nome que agora se arrastava pela vida?) Elis sorriu e senti que me observava. Defendi-me em seguida, perguntando se tinha fotografias também do marido. Ele disse que sim e tirou outra caixa. Aqui tens o teu homónimo, toma. As fotografias são de dois dias antes de ele morrer: um homem alto e moreno de cara larga, olhos alegres, boca generosa e nariz muito arrebitado. Perguntei a Elis como era esse Andreas.

— Francamente não sei muito bem. Era geralmente considerado um génio científico. Era uma mistura de bonomia cordial e crueldade gelada. Quando lhe convinha, era totalmente franco e quando não lhe convinha, inventava uma mentira qualquer. Era completamente fechado mas nunca parecia nem egocêntrico nem distante. Segundo compreendo era absolutamente ligado aos sentidos, adorava comida, bebidas e mulheres com o mesmo entusiasmo sincero. Sim, éramos amigos desde a escola. Mas não posso dizer que o conhecia. Para Anna ele foi, por razões óbvias, uma catástrofe. Ela amava-o loucamente. Nunca vi nada assim, talvez só o tenha lido na literatura. Suponho que ele também a amava à sua estranha maneira. Realmente não sei. É impossível evitar a quem quer que seja um único sofrimento, e é isso que cansa tanto.

Atirou as fotografias para a caixa e fechou-a com um gesto impaciente.

— Aliás, eu sou parcial. A minha mulher foi amante dele durante um ano. Não vou queixar-me. Tudo acontecia às claras. Ela não me escondeu nada e eu aceitei. Um dia ela abandonou-o. Ainda hoje não sei porquê. Nem me atrevo a perguntar. (Riso) O que é que eu ia dizer? Pois, quero dizer-te que — gostava de dizer que Eva — Eva tem uma enorme força mental apesar de, ao olhar para ela, não dar ar disso. Eva e Anna são amigas íntimas há muitos anos. Depois do acidente quando Anna ficou sozinha (ela só tem a mãe-velha e insuportável), Eva toma conta dela. Portanto, é assim. Agora já sabes.

9

Um dia ia a andar com dificuldade pela neve. Tinha havido uma tempestade forte e começava o degelo — um estado cinzento com um gotejar silencioso. Eu avançava lentamente pela charneca como num sonho pesado e sentia-me suado debaixo da camisa. Um nevoeiro denso cobria o mar. Ao longe, ouviam-se as vozes roucas das sirenes de nevoeiro. Tudo estava imóvel, húmido: as árvores pretas e brilhantes com os ramos a rastejar sobre a neve ou cortando o céu incolor. O coração batia, latejava e batia. Parei, fiquei imóvel, à escuta. Não, nada. Ninguém. Então dei um grito, alto e mal articulado. Depois pus-me a gritar o meu nome: *Andreas! Andreas!* Por fim comecei a tossir e pigarrear. Depois roguei todas as pragas e disse quantos palavrões me lembraram. Finalmente fiquei rouco. Então a tensão cedeu, e ri sozinho. Ninguém me tinha ouvido, nem sequer o eco.

10

INTERLÚDIO (ANDREAS)

O mundo desaba sobre mim. Não tenho refúgio. Não tenho ninguém contra quem protestar, ninguém a quem acusar. Estou exposto, sem forças. Não posso esconjurar ou transformar o que vejo e ouço. Continua hora após hora, sangra, ressuma, grita, rasteja e fede. Observo desanimado, assustado, paralisado.

SEGUNDO ACTO

11

Era Inverno, mas um Inverno sem neve e horrivelmente frio, apesar de fazer sol todos os dias. Eu tinha vivido praticamente isolado umas cinco semanas. Um dia Eva Vergérus veio visitar-me. Parecia pouco à vontade mas trazia um fim qualquer em vista, e o seu riso era forçado.

— Estou sozinha há três dias e aborreço-me terrivelmente. Quando me levantei hoje de manhã pensei: vou visitar o Andreas Winkelman. O pior que ele pode fazer é pôr-me na rua. E agora não me queres mostrar a tua casa?

Mostrei-lhe a casa toda.

— Admiro-te, porque és capaz de viver sozinho. Eu sinto sempre um desejo insuportável de companhia. Só estes poucos dias têm sido horrivelmente monótonos. Anna prometeu vir, mas à última hora teve de cancelar a viagem. Vai fazer mais uma operação à perna. É a quarta. Coitada da Anna. Foi um acidente de automóvel. Morreram o marido e o filho pequeno. Anna passou meses no hospital.

Estávamos na sala que fora o *atelier* de cerâmica da minha mulher. Desde que se tinha ido embora, eu não tocara em nada.

— São divorciados? Desculpa, foi uma pergunta indiscreta. Pensas que voltará? Nunca tens saudades dela? Desculpa a indelicadeza.

Abraçou-me e beijou-me na cara. Depois riu-se e abanou a cabeça. Mas os olhos dela estavam tristes.

Comemos bem e bebemos bastante vinho. Ela inspecionou os meus discos e pôs uma música de dança, antiga.

— Elis detesta ver-me dançar. Diz que fica com vergonha.

Dançava sozinha, introspectiva e séria como uma criança. O sol estava agora baixo e entrava pelas janelas pequenas, tingindo tudo de um amarelo flamejante. De repente ela sentou-se, parecia triste.

— Elis está horrivelmente farto de mim. Não sei explicar. Sou uma pequena parte do seu grande cansaço geral. Só com a diferença de que... O mundo é bastante indiferente ao sarcasmo de Elis. Mas eu não sou. Não. Queria pagar-lhe na mesma moeda. Mas não consigo pensar em nada. Não sei o que fazer, sabes. Elis é um homem maravilhoso e eu — O pior de tudo é que o amo. Quero dizer realmente *amo*. Não há outra palavra. Nem posso mostrar-lhe o meu amor. O que será de nós, Andreas? Porque ficámos assim? O que é que nos destrói, pouco a pouco? Que veneno mortal é este que corrói o melhor em nós, deixando só a casca?

Bocejou e pestanejou, suspirando. Depois deixou-se cair no meu velho sofá.

— Meu Deus, o vinho deu-me cá um sono. Posso ficar aqui a dormir um bocado? Seria tão bom. Ou in-

comodo-te? Não dormi a noite passada, andei às voltas.

Fui ao quarto buscar um cobertor e uma almofada, tapei-a e pus-lhe a almofada debaixo da cabeça.

O cachorro que desde o início tinha mostrado afeição por esta desconhecida, saltou para o sofá e meteu-se debaixo do cobertor. Eva falou-lhe como a um bebé e esteve assim, palrando. Adormeceram de repente. Desliguei o gira-discos e fui à cozinha lavar a louça. O sol brilhava, o amarelo estava a passar para vermelho. Sentia-me ligeiramente eufórico.

De vez em quando ia ver a minha hóspede. Ela dormia profundamente, imóvel, com as palmas das mãos viradas para cima, junto à cara. Começou a escurecer. Acendi o candeeiro e sentei-me à mesa com um livro. Passada uma hora ou mais, ela acordou.

– Devia telefonar ao Elis. Ele vai amanhã para o estrangeiro. Posso usar o teu telefone? Onde achas que estará a minha carteira? Anotei o número de telefone. Ele foi jantar a casa dum amigo.

Com um ar preocupado procurou numa mala muito grande e caótica, encontrou finalmente o que procurava, e fez a chamada.

Querido, desculpa-me se já é tarde para te estar a ligar. Já estavam à mesa? Queres que te ligue mais tarde? Então está bem. É que adormeci e dormi várias horas. Está tudo bem. Encontrei o Andreas quando andava a passear. Não, estou sozinha. Nem pensar, querido. Está tudo bem. Só não te zangues comigo. Diverte-te! Sim. Sim. Sim. Prometo. Não, não é necessário. Prometo. Escreve-me. Só umas linhas. Não, estou sozinha, já te disse. Tem cuidado contigo. Vens com

certeza na quinta? Então vou-te buscar. Com certeza. Adeus, querido. Não te esqueças da tua menina.

As últimas palavras ditas com voz magoada. Desligou e ficou sentada, curvada, uns momentos com o cachorro no colo. Depois olhou para mim, confusa e envergonhada.

– Deves estar a pensar que fiz mal em dizer que estava sozinha. Mas ele ficava furioso se soubesse que estou aqui. Não é por ter ciúmes, penso. Ou talvez tenha mesmo ciúmes. Arranjou um trabalho fabuloso: vai desenhar um centro cultural em Milão. Ele tem sucesso!

As últimas palavras ditas num tom indescritível de orgulho e desespero. Aproximou-se e beijou-me na boca. A cara dela estava completamente nua. Fez-me festas na cara, muitas vezes. Estávamos na sala silenciosa cada vez mais escura, deixando passar o tempo.

– Andreas! Andreas! É difícil uma pessoa acordar um dia e compreender que é inútil. Que vive para nada. Que nem sequer vive para si própria. Que ninguém precisa de nós, apesar de estarmos aqui, à espera de dar qualquer coisa de nós próprios. Provavelmente a culpa é minha, mas é paralisante. Há tanta coisa que quero fazer, e faço planos. Depois falo com Elis e ele diz que não, deves fazer assim e assado, não deves fazer assim. Fica tudo em nada... mas não, também não posso culpar o Elis, não está certo. Tudo me corre mal. Mas Elis é tão... Não, não devo culpar Elis. Não deveria...

12

Durante a noite, ela não conseguia dormir, andava às voltas na cozinha, acendeu o aquecedor a petróleo e

embrulhou-se no casaco de peles. A cara estava agora tensa e severa e os olhos escuros de sofrimento contido. Virou-se para mim e fez um sinal de aviso.

— Vai para o quarto dormir. Eu não demoro. Isto não tem importância. Só vou caminhar um pouco. É o que faço todas as noites.

13

Uma hora mais tarde, voltou para o quarto, tirou o casaco de peles, meteu-se na cama e aninhou-se em mim.

— Tomei dois comprimidos fortes, devo estar a dormir daqui a uns minutos. Às vezes vem-me uma vontade desesperada de os tomar todos. Uma vez estive grávida. Não dormia absolutamente nada. Fui internada num hospital, para dormir. Disseram que me iam anestesiarem durante uns dias. Por engano deram-me uma dose forte demais. Não adormeci, mas a criança morreu. Elis estava comigo. Chorámos juntos. Foi uma coisa que nunca tinha acontecido e que nunca mais voltou a acontecer. Depois nunca mais fiquei grávida. Não importa. É melhor assim.

O telefone tocou. Não sei quanto tempo tinha dormido. Eva estava a meu lado, imóvel. O telefone tocava e tocava. Por fim, atendi. Era Elis. A sua voz estava cinzenta.

— Desculpa telefonar a esta hora. É o Elis Vergéus. Fiz várias chamadas para minha casa, mas ninguém atende. Ela costuma estar acordada noites inteiras, e por isso acho estranho que não responda. Desculpa incomodar, mas importas-te de lá ir ver se está tudo em ordem? Se estiver tudo bem, diz à Eva que fiquei preo-

cupado. Ela não precisa de telefonar. Dá-me notícias assim que puderes.

14

Ela estava ao pé da janela com o sol a bater-lhe directamente na cara. Os olhos velados de cansaço. Dava a impressão de que se queria revelar, entregar-se à luz e a mim. O relógio grande tiquetaqueava e bateu uma só badalada. A imobilidade do dia de Inverno.

— Agora podes ver como sou feia. Olha para mim, Andreas. Já dormiste com uma parceira mais feia? Diz-me que estou enganada.

— Estás enganada.

— Foste bom para mim. Vou sentir horrivelmente a tua falta. Quero ficar aqui contigo.

Ela escondeu a cara na mão. Inclinou a cabeça num movimento humilde que não consigo descrever. Senti uma ternura dolorosa. Disse-lhe que nos veríamos em breve, que não se devia preocupar, que não devia ter medo. Ela escutava com um meio sorriso, defensiva, desconfiada. De repente beijou-me ao de leve e despediu-se.

— Telefonas-me? — perguntei-lhe, inesperadamente tomado de um sentimento de abandono.

— Telefone.

— Ou talvez seja melhor escreveres. Se preferires.

— Não, telefone.

— Quando é que achas que voltas?

— Da próxima vez devo vir com o Elis e a Anna. Umas semanas na Páscoa.

— Não podes vir sozinha antes disso? Só uns dias.

Assim falando e com perguntas ansiosas, acompanhei-a pelo pátio.

– Veremos, não sei, veremos.

Olhava-me com surpresa, num meio sorriso.

– Agora tenho que me despachar, senão vou perder o *ferry-boat*.

Olhou para o relógio. Depois abraçou-me e beijámo-nos. Quando ela se foi embora no pequeno automóvel vermelho (que brilhava por entre as árvores do caminho florestal), senti a sua falta como uma dor física. A minha solidão conquistada e bem defendida pareceu-me de repente mesquinha. O cachorro estava sentado na escada atrás de mim, chorando abertamente. Entrámos, porque estava imenso frio.

15

Torna-se claro que anda um louco à solta na ilha. Uma manhã, Olsson encontrou oito carneiros mortos e horrorosamente dilacerados. A polícia está a investigar e a interrogar as pessoas. Descobriu-se que houvera outros casos de selvática crueldade para com os animais durante os últimos meses. Andreas acha que deve contar como encontrou o seu cachorro. Há muita ira e muita suspeita que se espalha em várias direcções na ilha. O mar está cinzento e calmo.

16

Um dia (poucas semanas antes da Páscoa) deixo Elis Vergérus tirar-me fotografias. Chego ao estúdio de manhã muito cedo e começamos. Ele parece-me absolutamente desinteressado. Vai andando pelo estúdio e de vez em quando tira uma fotografia. A máquina fotográfica está sempre no mesmo sítio num tripé à minha frente. Estou sentado numa cadeira, sentindo-me

ridículo (e de uma maneira para mim incompreensível, humilhado). Falamos de assuntos do dia a dia, ou melhor, fala o Elis.

Ontem encontrei um dos polícias no *ferry-boat*. Diz que não tem pistas, mas que o povo da ilha suspeita de Johan Andersson em Skir. Ele passou um tempo num hospital psiquiátrico, e já isso é suspeito. E depois vive só, completamente isolado, não fala, não tem amigos, nem animais. Há uns poucos anos tirei-lhe fotografias, quando ele era mais sociável, mas depois envolveu-se num processo em tribunal, que perdeu. Isso deu cabo dele, e isolou-se.

Elis procura nas suas caixas e tira um maço de fotografias que me dá: uma cara hipersensível e triste, com olhos de criança, profundos e pálidos e uma boca estranhamente virada para baixo, como um rígido ataque de choro. Um grande nariz aquilino, que ali ficou pendurado. Faces cavadas, com a barba por fazer. Noto que Elis tira uma série de fotografias enquanto eu observo a cara do velho.

— Tenho estado a pensar nas tuas finanças, Andreas, e penso que te posso ajudar. Em primeiro lugar precisas de um bom empréstimo de base, para poderes pagar as tuas dívidas e reuni-las num único empréstimo. Serei teu fiador. E o meu advogado pode fazer um plano de amortização.

Expresso a minha gratidão e Elis tira umas quantas fotografias de passagem. Está amigavelmente, quase calorosamente, em todo caso francamente, cordial.

— Não tenhas medo, tudo se vai solucionar da melhor maneira. Só há um pequeno problema: tens forçosamente de ganhar algum dinheiro para o teu sus-

tento e para poder pagar as amortizações. Alguma ideia?

Respondo que não faço ideia. Que tenho medo de entrar em qualquer forma de vida organizada. Elis ouve com atenção, tira umas fotografias, recarrega a máquina fotográfica, altera um pouco a iluminação.

— Bem, por enquanto não há problema. Sabes escrever à máquina, não sabes? Enquanto vais pensando, talvez queiras passar à máquina as minhas anotações. Fiz uma investigação gigantesca para o tal centro cultural de Milão.

Respondo-lhe que acho boa ideia. Ao mesmo tempo sinto-me assustado e mal disposto. Elis tira uma série de fotografias. Só agora descubro que ele tem estado a beber o tempo todo.

— Não imagino que vou penetrar a alma humana com estas fotografias, não, não penses isso. Só posso registar a reacção e a interacção de milhares de grandes e pequenas forças. Depois tu vês a fotografia e dás largas à imaginação. Esta mulher mente por prazer, aquele é um futuro cadáver, este rapaz vai acabar mal. São tolices, brincadeiras, ficção. Uma pessoa não pode ler outra pessoa com qualquer pretensão de exactidão. Nem uma dor física brutal se revela sempre.

Mostra-me uma fotografia de Eva. Ela está de facto a sorrir com os olhos bem abertos e a cara descontraída.

Ela não sabia que lhe estava a tirar esta fotografia. Eu estava ao fundo duma sala escura, e tirei a fotografia pela janela para o terraço. Ela estava com uma das suas enxaquecas. Olho a cara bem conhecida e fico inexplicavelmente furioso. Ouço a minha voz dizer que é interessantíssimo. Batem levemente à porta. Eva entra depressa. Traz o cor-

reio e os jornais, que põe numa mesa pequena. Ainda traz postos o casaco e o chapéu. Cumprimentamo-nos de modo afável mas impessoal. Ela vira-se para o marido e diz que Falkman está lá fora e que quer saber quais são os termóstatos que não funcionam.

— Andreas, querido. Só quero que saibas que não estou zangada contigo nem tenho ciúmes nem nada disso. Anna contou-me de vocês os dois. Penso que ela está muito apaixonada. Penso que sim, apesar de ser sempre muito difícil dizer o que quer que seja dos sentimentos de Anna. Gosto tanto de vocês os dois. Gosto muito de ti, Andreas. Penso muitas vezes em ti. Penso em ti o tempo todo.

Levanta-se e vem tocar com a mão húmida de chuva os meus olhos, a minha boca, a minha testa.

— A tua cara está quase apagada. Quanto tempo ainda terás de fugir? Seja como for, não podes escapar.

Ela cheira a lágrimas e a insónia. Olhamo-nos sorrindo, como dois conspiradores numa situação perigosa.

— Tens de ter cuidado com Anna. Não posso explicar melhor o que quero dizer. Mas tens de ter cuidado. Não me interpretes mal.

Ela afasta-me com um gesto rápido. Elis está no vão da porta. A cara dele está molhada da chuva. Parecem gotinhas de suor frio sobre a palidez da cara. Os olhos parecem maiores. Ele está a lutar contra a fúria, que dificilmente domina. De repente ri.

— São sempre as coisas pequeninas que me põem furioso. Vamos continuar a sessão, Andreas, ou estás cansado? Quando é que almoçamos?

Eva responde que o almoço é daí a uma hora, sai do estúdio e fecha a porta. Elis acende um charuto e vai à janela. Fica ali vários minutos, sem falar.

– Tu estiveste preso, não é?

Respondo que estive preso por evasão fiscal.

– Como pudeste ser tão estúpido?

– Entrei em pânico e tive maus conselheiros. Se queres absolutamente saber, fui ao mesmo tempo condenado por passar cheques sem cobertura. Depois, conduzi bêbedo. E dei uma bofetada a um polícia.

– Tens má consciência?

– Devia ter?

Elis vem com a garrafa de *whisky* e enche os copos. Está muito perto de mim. Olho-o a direito nos olhos.

– E agora escondes-te como um cão que levou porrada.

– Eu sou um cão que levou porrada.

– Mordes?

– Acho que não.

Anna aparece à porta. Traz um vestido de um verde vivo, e apanhou o cabelo no alto da cabeça. Está sorridente e alegre. Elis levanta-se e cumprimenta-a com um piropo. De repente, parece totalmente sóbrio. Anna pergunta se a sessão de fotografia correu bem. Assevero a rir que foi horrível. Elis afirma brincando que eu devia ser actor e que tenho uma cara muito interessante. Anna pergunta porque não digo nada sobre o vestido. Respondo-lhe que fiquei quase sem palavras mas que é muito bonito e que lhe fica maravilhosamente bem. Elis recomeçou a tirar fotografias. Anna deambula pelo estúdio, sempre a sorrir. Pergunto-lhe se não se quer sentar ao pé da máquina fotográfica para me dar uma bela vista enquanto Elis está a fotografar. Ela fá-lo com prazer. Senta-se num banco alto (parecido com um banquinho de bar) e acende um cigarro. Está mui-

to bonita, sentada com uma mão na anca e as pernas cruzadas. Olha para mim, a rir.

— Não ponhas essa cara triste! Olha para mim e sorri um pouco. Assim está bem. Agora goza este momento. Pensa que eu estou bonita e que o Elis é simpático. Sei que vamos ter um almoço muito bom, fui espiar à cozinha. Eva tratou de tudo sozinha. Não podes tirar umas fotografias a mim e ao Andreas juntos? Oh, vá lá, Elis, por favor!

Salta do banquinho e vem sentar-se a meu lado, pega-me na mão e vira-me a cara para ela.

— E agora faz um esforço para parecer apaixonado por mim, querido Andreas. Assim. Tira a fotografia agora. Despacha-te.

17

Sexta-feira, 5 de Abril. Martin Luther King assassinado. Crepúsculo infinito sobre o mar. A lua branca e pesada da Páscoa. Aparecem estrelas no ar que está transparente como gelo. Passeio com Anna na charneca. Da beira-mar chega a algazarra interminável das aves em migração. O olho do farol pisca. Na obscuridade protectora da charneca, as ovelhas descansam com os cordeiros recém-nascidos, animais dos tempos primitivos, imóveis, de olhos amarelos. Anna caminha a meu lado, com a mão no meu braço.

— Anseio por Deus, por ajoelhar e rezar. Às vezes, rezo só porque é insuportável não rezar. É tão difícil viver sem Deus. Eu não sou crente. Não consigo acreditar. Mas sei que quando digo que Deus não existe, estou a dizer só meia verdade. E renego uma coisa importante, que não compreendo nem quero compreen-

der. Para mim é uma questão sem solução. Não há Cristo que me possa consolar. Compreendes-me, Andreas?

Mesmo antes de irmos dormir, ligo o velho televisor. Os tumultos aparecem em imagens com flocos de neve e zumbido. Estamos parados em frente do televisor, olhando para a tempestade de fogo e ouvindo os comentários secos e competentes. De repente o ecrã cede. Sucumbe à escuridão, à interferência, à alta pressão e à distância. Desligo o aparelho e vou à cozinha buscar uma cerveja. Anna faz uma sanduíche. Então ouve-se um barulho surdo no vidro, como se alguém tivesse atirado uma bola fofa com muita força contra a janela. É um pássaro, diz Anna. É melhor ir ver se morreu. Saímos para a fria noite de Primavera, iluminando o caminho com uma lanterna de bolso. No lajedo debaixo da janela está um passarinho com uma das asas aberta. Ainda vive, mas está num estado lastimoso. Temos que o matar, diz Anna. Pego com cuidado no pássaro que mal se mexe, deito-o na escada e bato-lhe com uma pedra na cabeça pequena. Anna escava com a mão uma covinha no canteiro e enterra o corpo. Tenho uns salpicos de sangue na mão, que lavo debaixo da torneira.

— Ele não podia sobreviver, pois não? — diz Anna.

— Não, estava muito ferido.

— Porque andaria a voar ao meio da noite? — pergunta Anna.

— Não sei. Talvez estivesse assustado com alguma coisa.

18

— Anna está inquieta e pensativa. Não quer dormir. Estamos sentados na cama, com um jogo de xadrez entre

os dois. Depois de um silêncio, ela começa um interrogatório calmo mas insistente. Defendo-me como posso. O candeeiro de petróleo silva, sonolento.

– Eva está completamente indefesa e não se sabe proteger. Qualquer pessoa pode fazer o que quiser dela.

– Contra mim não precisa de se defender.

– Confessa que tiveram um caso quando ela esteve aqui sozinha no Outono.

– Por acaso, não tivemos.

– Então o que tiveram?

Sorrisos. Ela suspira, bate com a mão no cobertor, fazendo cair as peças de xadrez em desordem.

– Que horas são afinal?

– Espera, deixa ver. Uma e meia. Não estás cansada?

– Estou com imensa espertina. Queres que vá buscar um *whisky*? Ou queres o teu cachimbo?

Anda às voltas no quarto, descalça no chão gelado e com um xaile enorme por cima da camisa de dormir. Vai buscar a garrafa ao armário e o cachimbo à secretária. Bebe. Dá-me o cachimbo e o copo. Ao mesmo tempo vai apanhando as peças de xadrez, que põe em fila.

– Amor? Não. Afinidade? Não. Verdade? Assim assim. Afeição? Mais ou menos. Lealdade? Talvez. Fidelidade? Não.

– Ternura? Sim.

– Eu hei-de acabar por descobrir quem tu és.

– Eu não sou ninguém, Anna. Eu realmente fiz um esforço para apagar (como lhes hei-de chamar?) as minhas características mentais. Tem sido o meu passatempo durante vários anos. Sim, é verdade, tive uma outra vida, se compreendes o que quero dizer. Vivíamos nesta casa. A minha mulher trabalhava na sua cerâmica e

eu estava ocupado com uma investigação sobre a história geológica da ilha. A nossa filha pequena brincava e frequentava uma escola aqui perto de casa.

– O que aconteceu?

– Nada, Anna! Absolutamente nada. Tudo corria bem. A minha mulher fez uma exposição que foi um êxito. Depois quis sair da ilha. Consideraram que a minha investigação tinha bastante valor o que resultou numa investigação de maior envergadura que me prendeu à ilha durante mais uns anos. Mas foi o fim.

– Onde está a tua família agora?

– Nem sei bem. A minha investigação grande não teve o mesmo sucesso que a pequena. Deixei de investigar. Se queres saber o que faço, posso dizer que existo por mera formalidade. Se tentas agarrar-me, hei-de escoar-me pelos teus dedos como água morna.

A cara de Anna na sombra. A voz de Anna vem de longe.

– Acho que estás a mentir. Contaste a mesma história à coitada da Eva?

– Ela nunca perguntou.

– Então afinal vocês tiveram um caso?

No mesmo instante o candeeiro a petróleo apaga-se com um suspiro triste. Tocamo-nos, agarramo-nos um ao outro. Sinto a mão dela no meu pescoço, impiedosa. Sou de repente tomado de um terror de morte e solto-me com brutalidade. Ela beija-me, ri baixinho. Vamos indo para baixo, para dentro, em direcção à escuridão.

19

INTERLÚDIO (EVA)

Não aguentei. Estar consciente. Ver de olhos abertos. Saber o que se estava a passar. Por isso engoli o

resto dos comprimidos e mergulhei num coma profundo. Quis acordar, mas não consegui. Ao terceiro dia acordaram-me. Nessa altura já a minha existência mudara, pareceu-me que a minha vida anterior era uma irmã mais nova, que morrera há muito tempo e que eu chorava com tristeza, mas sem saudade. Agora estou a aprender a língua dos surdos-mudos. É uma libertação, gostaria de dizer, uma amnistia. Abandonei o passado e existo só no presente.

TERCEIRO ACTO

20

Passei em revista o que escrevi, e acho-o superficial e sumário; sinto-me desgostado pela forma de escrever, e mesmo assim continuo. É como se houvesse algo que me impele, talvez a fantasia de um objectivo. Aqui todos os caminhos convergem. Aqui está a raiz do mal. Assim, posso repartir culpa e castigo. Será isso a libertação? Não penso que seja. Talvez seja impelido por uma esperança mais modesta: uma ânsia de afinidade, o secreto sonho de ser compreendido. Olhem, eis um estilhaço, um fragmento indecifrável. Toma-o e faz com ele o que quiseses. Sobretudo: procede com cuidado. Vai revirando o estilhaço nas mãos, deixa-o transformar-se numa mensagem, num apelo. Por isso continuo, sempre na dúvida, sem um sistema. À toa.

21

O caminho estreita e faz uma curva. De um lado está a charneca e o mar, do outro lado a floresta. É um lugar ermo. Muros de pedra e uma vala bastante pro-

funda. Por toda a parte corre a água do degelo. A luz do sol vem e vai. Parámos o carro para caminhar devagar em direcção à curva. Anna pára, olha à sua volta, dá uns passos, volta a parar. Atravessa a vala, apoia-se no muro de pedra. Agora vejo que o muro foi reconstruído. Do outro lado do muro, tinham abatido umas duas ou três árvores. Foi aqui?, pergunto estupidamente. Ela diz que sim com a cabeça.

22

Depois, na mesma tarde.

Tenho um velho barco a remos todo gretado, e com bom tempo podemos atrever-nos a sair para o mar com ele. Vamos lançar as redes de pesca. O tempo está calmo, mas bastante fresco. Por toda a parte, ouvimos aves marinhas. O sol escondeu-se no nevoeiro espesso do horizonte. Ana fala do seu casamento.

— Ele era quinze anos mais velho do que eu. Quando casámos, não nos conhecíamos há muito tempo. Eu já tinha vivido com alguns homens, até fiquei noiva dum deles.

Vou remando em direcção ao desembarcadouro. O disco denso e vermelho do sol está atrás dela.

— Apaixonei-me. Foi numa viagem à Hungria. Eu ainda estava a estudar línguas eslavas na universidade e éramos um grupo que viajava junto. Ele não era para vir, mas encomendaram-lhe um trabalho qualquer ou deram-lhe uma bolsa de estudo ou lá o que foi. E então ele aproveitou a companhia e viajou connosco. Tinha acabado de defender tese de doutoramento, com um êxito incrível. Todos diziam que era um génio.

Olha para mim e sorri como a desculpar-se.

— Passados seis meses, estávamos casados. Eu já estava grávida. Tudo era completamente mágico. Só que nessa altura não o compreendia. Ele era tão...

Chegámos ao cais, desembarcamos, e juntámos forças para puxar o barco da água para a margem pedregosa.

— Vivíamos em completa harmonia. Pensávamos os mesmos pensamentos e fazíamos tudo juntos. Parece tão ridículo e exagerado quando to conto. Mas é difícil descrever como dois seres podem passar realmente a fazer parte um do outro. Só há palavras banais, que de modo algum cobrem a experiência. Não será?

Vamos a caminho da velha casa. Parecia mais degradada que nunca. Anna caminha a meu lado, confiante. Confidente? Passo-lhe o braço sobre os ombros.

— O que aconteceu? — Continuei com o braço à volta dos ombros dela.

— A criança foi para nós uma experiência profunda e complexa, tudo o que tinha a ver com a criança. Comprendes o que quero dizer? Fiz o meu exame e consegui um emprego como professora. Andreas conseguiu um lugar de professor catedrático agregado. Duas vezes por semana ele ia a Uppsala dar aulas. Comprámos uma pequena vivenda fora da cidade, que arranjámos e mobilámos à medida que fomos tendo meios para isso. Lentamente, construímos uma coisa juntos. Não sei que nome dar a essa coisa. Uma segurança verdadeira. Uma segurança?

Ela não quer entrar. Ficamos na escada. Acendo o meu cachimbo e olho à volta. A casa precisa de muitas obras imediatamente. Digo-lhe que lhe estou grato por ela me querer contar. Assobie para chamar o cão e con-

tinuamos o passeio sobre a terra sem neve. A terra ran-ge debaixo dos pés. O sol já se pôs. Está a arrefecer.

— Pelo que contei deveres estar a pensar que eu e Andreas vivíamos num casamento sem discórdias. Mas não era assim. Às vezes, havia tempestades. É que éramos muito diferentes, sabes? Ele era caloroso e alegre e sempre bem disposto, e horrorosamente desleixado.

Ela põe a mão nua e fria na minha mão.

— Não, tivemos cenas violentas mas nunca nos infectávamos com a crueldade ou a desconfiança. E fomos sempre totalmente honestos. Não houve nem sombra de simulação na nossa relação. Andreas enganou-me uma vez. Não tinhas imaginado isso, pois não? Foi, ele enganou-me de facto. Mas veio confessar-mo. Fiquei triste e indignada, mas senti que ele me amava apesar de tudo, e passou-me e ficámos a ter ainda mais cuidado e carinho um pelo outro. O pior foi uma vez quando ele se foi embora. Mas fui procurá-lo e ele mudou de ideias e voltou. Depois disso vivemos ainda mais chegados. Tínhamos feito planos para viver no estrangeiro durante meio ano. Íamos viajar e ver o mundo juntos, sabes. Achávamos que precisávamos de fugir uns tempos da rotina de todos os dias. Durante todo o Outono planeámos e organizámos. Um dia, Andreas e eu estávamos aqui na ilha com o nosso filho pequeno, um fim de semana. Elis e Eva tinham-nos emprestado a sua casa. Foi num domingo. Acabávamos de almoçar. Ao Andreas apetecia-lhe dormir uma sesta, mas eu queria fazer um passeio de carro até àquela igreja em ruínas que tu conheces. Consegui o que queria e lá fomos. Andreas tinha bebido um pouco, e deixou-me guiar. Estávamos muito bem dispostos. Eu não ia depressa. A estrada estava escorrega-

dia, e o carro começou a deslizar de um lado para o outro. Andreas quis agarrar o volante, mas saímos da estrada para a vala e atravessámos o muro de pedra e embatemos nas árvores. Não sei o que aconteceu. Quando acordei, andava às voltas, olhando para os destroços de um automóvel com um homem que tinha um grande corte na garganta e metade do corpo fora do pára-brisas. Mais adiante estava um rapazinho. Tinha sido projectado pela porta e a cabeça estava numa posição estranha. Lembro-me de pensar: que acidente horrível, porque será que não há ninguém que possa ajudar estas pobres pessoas. Subi até à estrada. Comecei a sentir uma dor de um lado do corpo e na perna. Depois vi que estava cheia de sangue. Estava a sangrar por toda a parte, arrastava um pé com a tibia à vista. Só nos encontraram várias horas mais tarde. Nunca pensei que a vida pudesse ser aquilo. Nunca pensei que a vida pudesse ser um sofrimento diário.

23

Na minha velha casa reinava o cuidado, o asseio e uma felicidade tímida. É verdade, os sinais estavam lá. Vislumbravam-se logo abaixo da superfície escura da água, como animais marinhos estranhos e informes que despertam o nosso medo duma maneira primitiva e inefável.

Uma tarde encontramos o velho Johan em Skir. Mexe-se como uma sombra que avança às apalpadelas recortada num fundo de mar branco cintilante. Anda a apanhar aquelas algas que cheiram mal, no carrinho de mão – uma carga pesada para um velho. Anna pergunta-lhe como está, e se o podemos ajudar em alguma coisa. A sua voz amável faz com que os olhos embaciados do velho fiquem húmidos. Ele abana a cabeça e diz

somente que as pessoas estão realmente diabólicas com ele. Ameaçaram matá-lo por causa da crueldade para com os animais. Um dia hão-de fazê-lo. Tem a certeza. Vão matá-lo apesar de ele estar inocente. Ajudamo-lo a empurrar o carrinho até casa. Mostra-me um papel. Voara pela janela juntamente com uma pedra. No papel está escrito: maldito velho, assassino de animais e malfeitor. Vamos fazer-te o que fizeste aos animais.

— Eu , cruel para os animais! — diz o velho e faz uma careta patética, uma tentativa de riso. Procura chávenas, quer oferecer-nos café. Prometo telefonar à polícia. Olha desconfiado para mim e pergunta, para quê. A polícia já cá veio.

— Não se pode ir embora daqui?— pergunto sem saber o que fazer.

— Para onde?— responde o velho.

24

Os sinais submersos manifestam-se inesperadamente. Anna conta um sonho — um sonho grande e coerente, que ela teve por alturas da Páscoa relacionado com o assassinato de Martin Luther King. Pedi-lhe para escrever o sonho ou contá-lo para o gravador, o que ela fez. Agora, um ano mais tarde, quando estou a reunir todo este material, acho apropriado inserir o seu sonho na sequência dos acontecimentos. (Foi uma experiência estranha ouvir a sua voz lenta e hesitante).

25

O SONHO DE ANNA

Eu estava sobre uma água escura e quase imóvel. No barco havia mais mulheres e crianças, pálidas pela

falta de sono, bem agasalhadas por causa do frio. O barco raspou um cais decrepito e desembarcámos com dificuldade. Um pouco mais acima na encosta havia uma casa solitária; brilhava numa janela uma luz fraca. O solo diante da casa era pedregoso e rodeado de anexos derrocados. Pairava sobre a cena uma meia luz cor de cinza e a floresta parecia negra e impenetrável. Reconheci o local e a casa (familiares e no entanto estranhos). Uma mulher estava de pé junto à bomba de água ferrugenta. Carregava dois baldes pesados. Para lá da floresta, havia a luz de um fogo que ficava mais e mais brilhante.

26

Eu ia por uma estrada solitária. O vento vinha do mar, era um vento gelado. À minha frente movia-se uma pequena figura magra, curvada contra o vento.

— Porque estás com tanta pressa?

— Tive medo.

— Medo de quê?

— Tenho que chegar a casa antes das duas. Ninguém pode andar na rua depois das duas.

— Já são duas horas?

— Não, penso que é só uma e um quarto. Mas já está quase escuro. Não fica mais claro que isto.

— O que é aquela luz além sobre a floresta?

— Não sei, penso que a floresta está a arder.

— Quantos anos tens?

— Dezoito anos.

— Posso ir contigo a tua casa?

— Nem pensar. Já não podemos receber estranhos. É proibido. Mudámos as fechaduras às portas todas.

- Porquê?
- Não sei. É assim.
- Podes ficar um pouco?
- Não, tenho de me despachar.

27

Estava sozinha na estrada. Senti uma grande necessidade de companhia. De alguém que me abraçasse. De descanso. E ao mesmo tempo sabia que essas coisas estavam perdidas para sempre, provavelmente desperdiçadas por um desleixo qualquer incompreensível. De repente vi muita gente. Tinham feito uma fogueira atrás de uma casa em ruínas. Quinze, vinte mulheres e crianças tinham vindo para se aquecerem. Estavam paradas ou sentadas com as caras viradas para o fogo. Virada a três quartos e quase isolada, sentava-se uma mulher grande, magra, de uns sessenta anos. Não consegui ver-lhe a cara, que estava na sombra. Tinha os ombros largos e ossudos, e estava de cabeça descoberta. O cabelo era forte, grisalho e despenteado. Consegui ver-lhe as mãos. Eram fortes e largas, marcadas pelo trabalho duro, e uma aliança larga brilhava à luz do fogo. Estava sentada com os cotovelos apoiados nos joelhos. À sua volta as pessoas falavam baixo, mas ninguém se virava para ela, tratavam-na antes com uma espécie de respeito compassivo. Perguntei baixinho quem era essa mulher. Fez-se silêncio, e olharam-me com desconfiança. Repeti a pergunta: Quem é aquela mulher?

– Estamos à espera de um autocarro que devia ter chegado hoje de manhã. Soubemos que deve vir antes da meia-noite, mas ninguém pode dizer com certeza quando chegará.

- Mas quem é a mulher? – perguntei pela terceira vez.
- O filho dela vai ser executado. Ela vai ao lugar da execução. É uma execução pública. Tentámos convencê-la a não ir, mas ela diz que quer ver tudo.
- Será que realmente quer? – perguntei.
- Pois, ela quer estar com ele quando acontecer. Não há nada a fazer. Ela é assim.

Andei num largo círculo à volta do grupo, mas continuava a não poder ver a cara dela. Então disse baixinho o nome dela. Ouviu-me e mostrou a cara, olhando para mim. Durante um breve instante, ela olhou para mim!

28

Uma manhã, aparece o carro de polícia do continente. Dois polícias saem do carro e apresentam-se com cortesia. Entregam uma carta num envelope castanho e sujo de gordura e dizem que me é dirigida por Johan Andersson de Skir. Ele enforcou-se. Provavelmente há vários dias. O médico não pode dizer com exactidão antes da autópsia.

Anna está no vão da porta com a mão a tapar a boca, como se quisesse abafar um grito. Um dos polícias pede-me para ler a carta para que possam dispor da mesma para a investigação. É que não podem excluir a possibilidade de assassinato. Johan tem uma grande ferida por cima de um olho e marcas distintas de pancadas e pontapés no corpo.

«Caro Andreas! Há uma hora ou duas estiveram aqui umas pessoas a dizer que eu sou um malfeitor e que vou ser castigado por isso. Disse-lhes que estou inocente, mas eles não me quiseram ouvir. Agarraram-me pelo cabelo e arrastaram-me para o pátio. Aí, co-

meçaram a dar-me murros na cabeça e cuspiram-me em cima. Reconheci-os, mas não faço tenção de dizer quem são, para que é que serve dizer os nomes deles? Um deles, um dos mais jovens, pegou numa pedra e bateu-me com ela na cabeça. Fiquei confuso e disse que estava inocente. Eles disseram então que se eu confessasse, me deixavam em paz e não me batiam mais. Então eu disse que ia confessar e deixaram de me esmurrar a cara. Encostaram-me à parede e disseram-me que falasse. Disse-lhes tudo o que achei que eles queriam ouvir. Quando não consegui inventar mais coisas, atiraram-me ao chão. Um deles pôs-se em cima de mim e urinou na minha cara, mas eu não consegui defender-me porque já estava muito cansado. Não sei o que lhes deu, pareciam loucos, apesar de terem prometido que não me batiam mais se eu confessasse. Começaram a dar-me pontapés quando estava deitado no chão. Espezinha-ram-me e partiram-me os óculos e a dentadura caíu-me da boca e depois não a consegui encontrar. Por fim não sei que mais me fizeram, porque desmaiei. Quando acordei, já eles tinham desaparecido mais os carros e pude entrar em casa. Senti então que não queria continuar a viver, porque não conseguirei nunca mais olhar alguém a direito na cara.

Por isso, não quero viver mais. Escrevo-te esta carta, caro Andreas, porque tu foste sempre bom para mim e sempre perguntaste pela minha saúde.

Melhores cumprimentos.

Johan Andersson».

Dou a carta aos polícias. Falamos disto e daquilo, tudo o que diz respeito a Johan Andersson de Skir. Eles

despedem-se e partem no carro. Procuro Anna. Ela já não está. Vou procurá-la à outra sala. Também não está, e subo para o sótão. Vejo-a, a um canto. Está de joelhos com as mãos juntas. Pergunto-lhe o que está a fazer.

— Estou a rezar por Johan — responde sem levantar a cabeça.

Digo-lhe para acabar com aquele maldito teatro. Anna diz-me que a deixe em paz. Fico ainda mais furioso e vou-me sentar na escada:

— Estás é a rezar por ti!

— Vai-te embora! — grita Anna — vai-te embora e deixa-me em paz!

— Representas pessimamente! — digo, e vou lentamente para a cozinha.

29

Vou na minha bicicleta a Skir. Ainda não tiraram de lá o morto, os polícias andam por ali a tirar notas e fotografias. Pergunto se posso entrar. Dizem que sim. Johan está na cama suja no quarto ao fundo da cozinha. Tem um aspecto horrível. Mas as suas mãos estão intactas. Não resisto a tocar-lhe na mão direita, magra, suja, calosa e gretada do trabalho pesado e com as unhas pretas e compridas, e as frágeis veias em relevo. (É quase insuportável.) Entram duas mulheres. São as irmãs dele. Cochicham. Uma delas abre uma gaveta da cómoda e diz que só há umas porcarias, não há nada que valha a pena guardar. Desaparecem de novo, com um seco aceno de cabeça.

30

INTERLÚDIO (ANNA)

Meu Deus, dantes eu vivia perto de Ti. Estendi a mão nas trevas e toquei-Te! Castigaste-me e sabias porquê.

Envolveste-me no Teu perdão e eu descansei. Longe de Ti estou inquieta, constantemente perseguida, nunca segura. Tento fazer o bem e faço o mal. Quero ser verdadeira, mas vivo na mentira. Esforço-me por pensar com clareza, mas movo-me numa penumbra que me confunde.

Meu Deus, tem piedade de nós. Não voltes as costas aos nossos clamores. Se tens vergonha da Tua criação e queres aniquilá-la, não nos destruas devagar. Atira a terra para fora do seu curso e deixa-a cair no vazio para além do Teu conhecimento. Apaga a nossa luz, faz calar os nossos gritos e deixa-nos morrer num instante.

Meu Deus, liberta-me de mim própria, liberta-me da minha prisão, liberta-me da febre da vida.

QUARTO ACTO

31

Estou ocupado a passar a limpo o meu trabalho. Dói-me a cabeça, provavelmente uma infecção qualquer. Anna está na cozinha, a traduzir. A sua máquina de escrever anuncia muita diligência.

— Incomodo-te com a máquina?

— Não, querida. Não faz diferença, o trabalho que eu estou a fazer é puramente automático.

— A sério que não te incomoda? Esta máquina velha faz um barulho dos diabos. Agora estou quase a acabar, depois vou escrever à mão, e isso não te pode incomodar.

— Não incomodas absolutamente nada.

— Como te sentes?

— Estou com dor de cabeça, deve ser do tempo ou estou a chocar uma constipação.

– Andreas, coitadinho, vou-te fazer uma bebida quente.

– Obrigado, és um amor.

– Só vou acabar este capítulo. É mesmo muito interessante.

Depois há silêncio. Os olhos doridos estão fechados, com as pontas dos dedos nas pálpebras, e sonhei, mais ou menos isto:

Um corpo branco de ancas largas e peito grande. O cabelo ruivo, forte, o riso indiferente e os olhos escuros e calmos. De repente, ela mexeu-se dentro dos meus olhos: Katarina. Sentou-se-me no peito, apertando-se contra mim, deslizou para baixo e as unhas arranharam-me a pele. O cheiro do seu perfume; ela riu-se e levantou o braço num lento movimento em arco. Ela flutuava para a frente e para trás diante dos meus olhos, penetrando sempre mais fundo na minha branda febre. O seu pé era pequeno e duro, bem arqueado e com as unhas vermelhas. As unhas vermelhas são feias. Parecem uma doença. De repente, a dor dos seus dentes afiados.

– Está calado, Andreas, não quero ouvir a tua voz. Abraça-me as ancas com força. É tão bom.

Estava deitada na cama, as pernas levantadas, os joelhos dobrados e as mãos entre as pernas. Ela respirava com tanta veemência que pensei que estivesse doente. Eu estava finalmente livre, liberto mas logo prisioneiro de uma nova obsessão. Ela voltava sempre, rodeava-nos o cheiro do seu cabelo. Lembro-me de lhe gritar que ela tinha de voltar. Ela ia voltar, puxou a meia para cima, um gancho de cabelo caiu ao chão, sim, voltaria, mas agora ia ser difícil. Estendi a mão e deixei-a ficar

entre as suas pernas ainda húmidas. Ela deixou-se cair para trás na cama, eu volto, estás a ouvir o que te digo, ela abraçou-me, as pestanas pretas estremecendo sobre a escuridão bem aberta do olho. A sua mão larga e húmida procurou a minha mão. Eu volto. Ela costumava despir-se junto à janela, calma e desapaixonadamente, quase numa rotina.

– Julgo que estou grávida, sabes, é infernal, não quero ter um filho, pelo menos não contigo. Que achas do meu novo *soutien*? Está-me um bocado apertado, o peito inchou-me estes últimos dias. Não vês que estão muito maiores? E a menstruação está dez dias atrasada. Pensava que ia ter dificuldade em engravidar, afinal, vai-se a ver...

Descalça, nas pontas dos pés, vem até à cama. Volta para mim os olhos calmos e escuros, sempre bastante velados e vejo-lhe a boca (o lábio inferior grosso e os cantos de boca suavemente virados para cima.)

– Tu enganas muito, Andreas, é isso que é tão chato. Pareces tão real, tão normal, tão saudável e harmonioso. É quase caricato. E és tão sensato, tão ponderado. És, sim. Mas quando vou para a cama contigo, lá no fundo, sinto a tua infelicidade. Sabes o que é, tens cancro da alma. Devias fazer uma operação, fazer radioterapia e tomar os remédios. Mas não deve haver muita esperança, tens tumores por toda a parte. Vais ter uma morte horrorosa, acho que por asfixia. É inevitável, pode é ser adiada.

Os seios dela olham-me, muito sérios. Ela penteia-se. Vai ao espelho, põe *baton*, põe perfume, contempla o seu corpo. Dá um passo, e tudo se altera, o quarto, a luz, o tédio. Katarina levanta voo, há reflexos solares

de água cintilante na sua pele. Ela flutua, volveia e é diluída; os reflexos cortam-na aos bocados e o cabelo ruivo ondeia como algas.

32

— Que estás a fazer? — pergunta Anna.

— Estou a ver uma fotografia.

— Espero que não seja de alguma antiga namorada.

— Não, porque foste pensar isso? — respondo.

— Em que estás a pensar? —, pergunta Anna, da mesa da cozinha e do trabalho que avançava a passo largo.

— Estou a pensar no cancro e é uma coisa que me assusta —, respondo dizendo a verdade, enquanto pressiono as pálpebras com as pontas dos dedos. Faz-se um estranho silêncio na outra sala.

— E tu, em que pensas? — pergunto, por mera cortesia.

— Não estou a pensar em nada, estou a pensar nas mentiras — responde Anna secamente.

— Que mentiras? — pergunto. Ela não responde, só suspira.

Agora levanta-se da mesa da cozinha e arruma os papéis. Depois abre a porta da despensa. Tira uma grande tigela cheia de leite. Quer dar-me um copo de leite. Fico a ver a falta de jeito dela. Volta-se para o interior da sala e tenta fechar a porta da despensa com o cotovelo, o leite entorna-se, ela olha para mim como a pedir ajuda, mas eu finjo que não vejo. Dá um passo, coxeando. Derrama mais leite. Tenta compensar o movimento inclinando a tigela para a frente. Outro passo e cresce a mancha branca no chão. Andreas, diz ela desesperada, deixando cair a tigela que se parte, o lei-

te esparrinha em todas as direcções. Ela estende as mãos, na cara uma expressão insuportável de súplica. Abraço-a.

Abraçarmo-nos assim tornara-se a nossa frágil protecção contra o mundo exterior, contra os nossos próprios momentos de desintegração e horror. Não havia alívio nas palavras, que há muito tempo se tinham estragado pelo mau uso. Mas abraçarmo-nos assim com força ainda era uma salvação. Nunca fez desaparecer a solidão interior, mas acalmava o coração assustado e interrompia uns instantes a sensação de uma catástrofe inevitável. Dava-nos tempo para ganhar ânimo e esquecer o que realmente acontecia à nossa volta. O que no fundo acontecia connosco.

33

Anna surpreendeu-me com um violento ataque.

Vivíamos há vários meses juntos em relativa harmonia. De vez em quando havia pequenos choques que resultavam em discussões e reconciliações. Na maior parte das vezes tratava-se de mal-entendidos ou manifestações de mau humor. Mas as palavras ditas nunca eram venenosas ou infectadas.

Não sei onde ou como começou. Anna estava mais calada do que era costume e retirou-se com o trabalho logo a seguir ao pequeno-almoço. Saí para o pátio para partir lenha. Todo o tempo tive como que um pressentimento, uma espécie de peso causado por medo e mal-estar. Ouvi-a chegar, mas não me virei e continuei a partir os toros rijos. Ela ficou calada uns momentos.

— Só quero dizer que me vou embora amanhã. Era para ir hoje, mas tenho tanta coisa para emalar.

Fiquei a olhar para ela sem compreender. Deu uns passos na minha direcção e vi que a perna lhe doía. A sua cara estava exangue, e tinha sombras negras por baixo dos olhos, que brilhavam de ódio. Respondi-lhe que me interessava naturalmente saber o que a levara a tomar essa decisão.

— Tu devias saber.

Ela estava agora muito perto de mim, senti-lhe o hálito que cheirava a ódio. Ficámos ali muito tempo a insultar-nos mutuamente. Lembro-me da cena quase como de um desenho feito por algum observador. Ao pé da pilha de lenha, atrás do anexo, estão dois seres que só podem contar um com o outro, a milhas de outras pessoas. Trocam insultos, e um deles segura um machado de que se vai tornando cada vez mais consciente. À volta dos dois está um dia de Primavera, com canto de pássaros, águas do degelo que murmuram e uma luz intensa. Ela falava numa voz estranha, um pouco mais aguda que de costume, exprimindo-se numa espécie de grotesca linguagem literária, que eu nunca lhe ouvira antes.

Eu esperava para ver o que aconteceria. Sabia a palavra exacta, a arma. Isso dava-me uma espécie de hilaridade, uma vantagem secreta, que ela deve ter sentido, porque a sua fúria aumentava. A palavra é: «A carta de despedida. Conheço a tua mentira. Conheço-te de ginjeira e não vales nada». Comecei a aliciá-la, o descontrolo dela tornava-se cada vez mais interessante. Sentia o coração bater lento e pesado, sentia o sangue a passar viscoso pela cabeça, e espalhava-se-me no corpo um sentimento puramente físico de bem-estar. A sensação de uma coisa decidida de uma vez por todas era uma espécie de segurança que me rodeava.

34

(De repente, vi a minha mão esquerda à volta do pescoço dela. O gume do machado fez-lhe um corte profundo na testa larga e branca, estilhaçou o nariz, os olhos esbugalhados rebentaram. Ouvi o baque surdo da minha segunda machadada e vi o sangue jorrar do cabelo espesso e os bocados de pele tornarem-se brancos à volta da cabeça do machado. Senti as mãos dela que ainda me arranhavam a roupa. Vi a boca que se abriu num grito, mas o sangue começou a sair aos borbotões, calando o grito. Ela tentou fugir de gatas, afundei-lhe o machado entre as omoplatas e ela caiu de bruços, com um joelho levantado até ao queixo.)

35

Atirei o machado ao chão e dei uns passos atrás. Ela virou-se de costas, levando a mão aos olhos, como se tivesse começado a chorar. Perguntei-lhe o mais calmamente que podia se não devíamos tentar conversar. Ela abanou a cabeça. O ódio ia-se escoando, a vontade de dizer a palavra fatal já lá não estava. Vi a nossa infelicidade e senti vergonha. Ela foi devagar para casa. Eu segui-a. Ela estava na cozinha, a beber água, tremendo de emoção.

Pouco a pouco, fomo-nos tornando outra vez nós próprios.

36

À noite, não conseguíamos adormecer. Estávamos ainda muito agitados, mas fizemos tudo para nos aproximarmos um do outro, para construir uma ponte sobre o abismo que se tinha aberto entre os dois.

— Devíamos viajar, Andreas! Devíamos sair daqui! Não achas que se podia pedir dinheiro emprestado a alguém? Sei que seria muito bom para os dois. Em que estás a pensar, Andreas?

— Quando falas em viajar, quero tanto dizer-te que sim. Queria dizer que vou falar ao Elis, que ele talvez nos possa emprestar dinheiro. Ao mesmo tempo ergue-se uma parede. Não consigo falar. Não consigo mostrar que estou feliz. Vejo a tua cara e sei que és tu. Mas não te alcanço. Compreendes o que quero dizer?

— Compreendo o que queres dizer. Compreendo muito bem.

— Estou do lado de fora. Fui eu que me pus de fora. Ou que fugi, como alguém já disse. Finalmente uma pessoa está tão longe que...

— Compreendo, Andreas. Compreendo como é estranho que...

— Sim, é estranho. Quero ser caloroso e meigo e vivo e quero... quero mexer-me. Sabes como é, não sabes?

— Sim, sei. Compreendo. É como se fosse um sonho. Uma pessoa quer mexer-se, sabe o que tem de fazer mas o corpo não obedece, as pernas não funcionam, os braços pesam como chumbo e tentamos falar mas não conseguimos.

— Tenho tanto medo de ser humilhado. É uma infelicidade eterna. Desde criança, tenho deixado que me humilhem. Aceitei as humilhações, deixei que se afundassem no meu corpo e e aí ficaram. Compreendes o que quero dizer? Compreendes-me?

— Sim, Andreas, compreendo o que queres dizer. Compreendo.

Tudo isto, a nossa calma reciprocidade, abalou-me e senti vontade de chorar.

– É horroroso ser um falhado. Toda a gente acha que me pode dar bons conselhos. Consideram que têm o direito de mandar em mim. O seu desprezo bem-intencionando. E depois a distância, a frieza. A vontade instantânea de pisar uma coisa viva. É... não consigo falar nisso.

– Compreendo o que queres dizer. Não precisas de...

Estou morto, Anna. Não, não estou morto, isso não é verdade, é melodramático. Não estou nada morto, mas vivo sem amor-próprio. Sei que parece ridículo e pretensioso, já que quase toda a gente tem de viver sem amor-próprio, fundamentalmente humilhados, quase sufocados e escarnecidos. Estão vivos, e mais nada. Não conhecem qualquer alternativa e mesmo que conhecessem, nunca se haviam de esforçar por coisa nenhuma. Pode-se estar doente de humilhação? É isso uma doença que atinge todos, e, com que temos de viver? Fala-se tanto de liberdade, Anna. Mas não será a liberdade um veneno terrível para o humilhado? Ou é a palavra liberdade apenas uma droga que os humilhados usam para aguentar? Eu não consigo viver com isto tudo, eu já desisti. Às vezes é quase insuportável, os dias arrastam-se e tenho a sensação de que vou sufocar com a comida que engulo e com a merda que faço e com as palavras que digo ou com a luz, a luz do dia que vem todos os dias e me grita para me levantar, ou com o sono, sempre com sonhos que me perseguem por aqui e por ali, ou somente a escuridão que restolha de fantasmas e recordações. Compreendes como é, Anna? Não peço compaixão, não é de compaixão que se trata. Não

vejo que haja motivo para ter pena de mim. Partilho a minha condenação com milhões e milhões de pessoas e sei que estão caladas e são humildes. Normalmente, finjo que assim é que deve ser e calo-me. Mas seria tão bom se tu conseguisses compreender. Só por um instante. Tu salvas-te rezando a Deus. Não, não quis ser mau. Já reparaste que quanto pior as pessoas vivem, menos se queixam? E acabam por ficar completamente caladas, seres vivos com nervos e mãos e olhos. Exércitos imensos de vítimas e carrascos e a luz que aumenta e baixa pesadamente e o frio que chega e a escuridão e o calor e o cheiro. Mas todos estão calados. Eu não fui atingido, estás a compreender o que quero dizer? Só me cuspiram e afundei-me no cuspo. Não, isso também não é verdade. Desculpa, Anna. Nós não poderemos nunca sair daqui. Onde quer que nós estejamos, para onde quer que vamos, estaremos à mesma nesta ilha. Não acredito em ir para lado nenhum. Compreendes o que quero dizer? Não te zangues comigo, Anna. Por favor, compreende o que quero dizer. Minha querida. Tenta escutar para além das palavras. Estou tão grato por tu existires. É como um indulto, um momento. Querida Anna. Querida. Não te zangues comigo. Querida, querida.

– Eu não estou zangada contigo. Eu compreendo. Eu não estou zangada.

37

Na floresta, o brilho de incêndio como no sonho de Anna. Demos subitamente conta dele. Primeiro à distância e depois mais perto, ouvimos a sirene dos bombeiros. A uns cinco quilómetros há uma grande quinta, a maior

da ilha: o fogo era aí. Quando lá chegamos, o fogo está praticamente extinto. O estábulo ardeu. Ao lusco-fusco, o carnicheiro do continente está debruçado sobre o cavalo morto. Juntaram-se umas pessoas a olhar. Na quinta paira um fedor a carne queimada e a pele chamuscada. Um pouco afastado está Verner, a fumar. O cachimbo apaga-se constantemente, e ele acende-o, com as mãos a tremer. Aproximo-me dele. O talhante arregaçara as mangas e cortava o corpo parcialmente carbonizado do animal.

— Sabes o que aconteceu? Eu conto-te. Alguém conseguiu entrar no estábulo. Trazia um bidão de gasolina. Regou o cavalo que estava preso, com vinte litros de gasolina. Depois atirou um fósforo para a manjedoura. Depois fugiu como um raio e fechou a porta à chave por fora e, nunca fiando, levou a chave. O pobre do cavalo fazia um barulho dos diabos lá dentro e as pessoas tentaram abrir a porta com um machado. Finalmente conseguiram abrir a porta, e o cavalo saiu e começou a correr às voltas, a arder. Nunca mais morria.

38

INTERLÚDIO (ELIS)

É hipocrisia chorar por causa da loucura do mundo. É ridículo horrorizar-se com a crueldade humana. É um desperdício de sentimentos clamar por justiça ou moralidade. O sofrimento do próximo não me tira o sono. Sou indiferente, aos meus próprios olhos e aos dos outros. Eu funciono.

39

Quando Anna e eu voltamos para casa de carro, a princípio vamos calados, depois ouço-me falar. (É um

fenómeno estranho: é como se eu próprio não falasse mas outra pessoa falasse pela minha boca. Eu estou longe e mudo há muito tempo).

Ouço-me portanto dizer a Anna que quero ficar livre. Quero a minha solidão de volta. Não quero continuar a viver, a sentir afecto, a sofrer, a desejar. Talvez tivesse sido possível, se eu a amasse. E talvez a tivesse amado, no princípio. Não sei. Talvez eu nunca tenha amado. Quero outra vez o meu silêncio. Talvez tivéssemos conseguido, se nos amássemos. Mas não foi o caso. E isso tornou mais fácil separarmo-nos. Também mais verdadeiro. É preciso viver com verdade. Pelo menos segundo Anna. E agora íamos finalmente ser verdadeiros. Anna não responde. Guia pela estrada florestal, estreita e esburacada. Não lhe consigo ver os olhos, só o perfil. Fico de repente furioso por causa do silêncio dela, e ponho-me a falar na carta de despedida de Andreas: «Lembras-te que deixaste ficar a tua carteira em minha casa uma das primeiras vezes que nos encontrámos? Pediste para telefonar, lembras-te?». Anna não responde. «Pois, deixaste ficar a carteira e a carta de despedida do teu marido estava na carteira e eu li-a. Tu não tens muito sucesso com os homens, Anna. Ou a culpa é tua ou então há qualquer coisa que não está bem com os teus homens. Tu, que te fargas de falar na verdade e dizes que é sempre preciso viver na verdade. Que aldrabice horrível. Lembro-me de quando falaste do teu casamento. Todo felicidade. Todo amor. Foi mentira. Mentira. Foi tudo mentira, Anna!».

Noto então que o carro acelerou. Num instante compreendo o que está a acontecer. Peço-lhe para parar para podermos sair e acalmar. Lembro-me de que

me virei e vi que o carro estava transformado numa grande chama, e vi a cara de Anna no meio das chamas, vi os olhos dela.

Lembro-me de correr pela estrada. Depois veio a dor nas mãos e na cara. Uma dor dilacerante. Lembro-me de ir parar à frente da casa de Elis. Eva veio ao meu encontro. Lembro-me de a chamar, mas eu já não tinha voz, era pouco mais que um murmúrio:

— Perdoa-me, perdoa-me, perdoa-me, perdoa-me, perdoa-me.

Lembro-me dela, debruçada para mim.

Ilha de Fårö

11.8.1968

Paul Auster

A história de Natal de Auggie Wren

Tradução de Luísa Costa Gomes

Paul Auster (1947-) Nasceu em Newark, New Jersey. Estudou na Universidade de Columbia e viveu em França quatro anos. Estabeleceu-se em Nova Iorque em 1974, onde tem escrito e publicado poemas, ensaios e sobretudo romances. Praticamente tudo o que escreveu encontra-se acessível em Português, desde a *Trilogia de Nova Iorque* ao seu último romance *A Noite do Oráculo*. A história de Natal de *Auggie Wren*, um dos seus raríssimos, se não único conto (*Porquê escrever?*, publicado na *Ficções* nº. 1 é a sua outra incursão na narrativa curta e não propriamente um conto, mas um conjunto de micro-histórias), foi-lhe encomendada, como ele próprio conta, pelo *New York Times* para ser publicado no dia de Natal do ano de 1990. *Auggie Wren's Christmas Story*, (Henry Holt, 2004). É a partir desta história que Auster escreve o guião de *Smoke*, que será realizado em 1995 por Wayne Wang, com Harvey Keitel (Auggie) e William Hurt (Paul Benjamin, sendo que Benjamin é o *middle name* real do próprio Auster). De *Smoke* «sobrou» *Blue in the Face*, filmado por Wayne Wang e Paul Auster em cinco dias, a partir de texto de Auster e improvisações e *cameos* de Lou Reed, Michael J. Fox, Roseanne, Jim Jarmusch, Lily Tomlin e Madonna, entre outros.

Ouvi a história ao Auggie Wren. Já que o Auggie não faz lá muito boa figura nela, pelo menos tão boa figura como gostaria, pediu-me que não usasse o nome dele. Fora isso, tudo aquilo da carteira perdida e da cega e do jantar de Natal é exactamente como ele me contou.

Eu e o Auggie já nos conhecemos há quase onze anos. Ele trabalha ao balcão de uma tabacaria que vende charutos em Court Street, no centro de Brooklyn, e como é a única loja que tem as cigarrilhas holandesas que eu gosto de fumar, vou lá bastante. Durante muito tempo, não dei muita atenção ao Auggie Wren. Era o homenzinho estranho que usava uma *sweatshirt* azul de capuz e me vendia charutos e revistas, o personagem malicioso e piadético que tinha sempre que dizer uma graça sobre o tempo ou os Mets ou os políticos em Washington, e não ia além disso.

Mas depois um dia, há uns anos, estava ele a folhear por acaso uma revista na loja, e deparou com uma

recensão a um livro meu. Soube que era eu porque a recensão vinha acompanhada de uma fotografia, e depois disso, as coisas mudaram entre nós. Já não era só mais um cliente para o Auggie, tornara-me numa pessoa ilustre. A maioria das pessoas não dá a menor importância a livros e a escritores, mas acontece que o Auggie se considerava um artista. Agora que desvendara o segredo de quem eu era, acolheu-me como aliado, confidente, irmão de armas. Para dizer a verdade, isto deixava-me pouco à vontade. E assim, quase inevitavelmente, lá chegou o momento em que ele me perguntou se eu gostaria de ver as fotografias dele. Dados o entusiasmo e a boa vontade dele, não estava muito bem a ver como podia recusar.

Só Deus sabe o que eu esperava. No mínimo, não o que Auggie me mostrou no dia seguinte. Num quartinho sem janela nas traseiras da loja, abriu uma caixa de cartão e tirou doze álbuns pretos iguais de fotografias. Era a obra da vida dele, disse, e não lhe tomava mais de cinco minutos por dia. Todas as manhãs dos últimos doze anos, postava-se à esquina da Atlantic Avenue com a Clinton Street exactamente às sete horas e tirava uma única fotografia a cores exactamente ao mesmo sítio. O projecto contava agora com mais de quatro mil fotografias. Cada álbum representava um ano diferente, e as fotografias estavam ordenadas em sequência, do primeiro de Janeiro a 31 de Dezembro, com as datas cuidadosamente registadas por baixo de cada uma delas.

Folheando os álbuns e começando a estudar o trabalho de Auggie, não sabia o que pensar. A minha primeira impressão foi de que era a coisa mais estranha,

mais desconcertante que eu já tinha visto. As fotografias eram todas iguais. O projecto era um ataque feroz e anestesiante da repetição, sempre a mesma rua e sempre os mesmos prédios, um delírio firme e constante de imagens redundantes. Não consegui pensar em nada que pudesse dizer a Auggie, por isso continuei a virar as folhas, assentindo com a cabeça numa admiração fingida. O Auggie, esse, parecia imperturbável, observando-me com um grande sorriso, mas depois de eu estar naquilo uns minutos, interrompeu-me de repente e disse:

— Está a ir muito depressa. Nunca vai perceber, se não for mais devagar.

E tinha razão, claro. Se não nos detivermos a olhar, nunca conseguiremos ver nada. Peguei noutro álbum e obriguei-me a percorrê-lo com maior deliberação. Dei mais atenção aos pormenores, reparei nas mudanças do tempo, procurei ver os ângulos mutáveis da luz à medida que as estações avançavam. E acabei mesmo por conseguir detectar diferenças subtis no fluir do trânsito, prever o ritmo dos vários dias (a confusão das manhãs dos dias úteis, a quietude relativa dos fins de semana, o contraste entre os sábados e os domingos). E depois, pouco a pouco, comecei a reconhecer as caras das pessoas ao fundo, os passantes a caminho do emprego, as mesmas pessoas no mesmo sítio todas as manhãs, vivendo um instante das suas vidas no campo de visão da máquina de Auggie.

Depois de os conhecer, comecei a estudar-lhes a postura, a atitude dos seus corpos de uma manhã para a seguinte, tentando descobrir-lhes o estado de espírito a partir destas indicações da superfície, como se pudesse

imaginar histórias para eles, como se pudesse penetrar os dramas invisíveis fechados nos seus corpos. Peguei noutro álbum. Já não me aborrecia, nem estava perplexo, como a princípio. O Auggie fotografava o tempo, percebi eu, tanto o tempo natural como o humano, e fazia-o postando-se numa esquina minúscula do mundo e apropriando-se dela pela vontade, montando guarda ao espaço que escolhera para si próprio. Observando-me a estudar o trabalho dele, Auggie continuava a sorrir de prazer. Depois, quase como se me lesse o pensamento, começou a recitar um verso de Shakespeare. «Amanhã e amanhã e amanhã», disse baixo, «rasteja o tempo em seu passo miúdo». Aí, compreendi que ele sabia exactamente o que estava a fazer.

Isso foi há mais de duas mil fotografias. Desde esse dia que eu e o Auggie temos discutido muitas vezes o trabalho dele, mas foi só a semana passada que soube como é que ele tinha arranjado a máquina e começado a tirar fotografias. Foi esse o tema da história que me contou, e ainda agora não sei muito bem que sentido terá.

Antes, nessa mesma semana, um homem do *New York Times* telefonou-me e perguntou-me se eu queria escrever um conto que seria publicado no jornal, na manhã de Natal. O meu primeiro impulso foi dizer que não, mas o homem foi encantador e muito persistente, e no final da conversa, disse-lhe que ia tentar. Assim que desliguei o telefone, no entanto, caí num pânico profundo. Que é que eu sabia sobre o Natal?, perguntei-me. Que é que eu sabia de escrever contos por encomenda?

Passei os dias seguintes num desespero, guerreando contra os fantasmas de Dickens, O. Henry, e outros

mestres do espírito natalício. A própria expressão «conto de Natal» tinha para mim associações desagradáveis, evocando medonhas exhibições de pieguice hipócrita e melosa. No seu melhor, os contos de Natal não passavam de sonhos que realizam desejos, contos de fadas para adultos, e eu seja cão se alguma vez me permitir escrever coisas dessas. E, no entanto, como é que alguém se pode propor escrever uma história de Natal que não seja sentimental? Era uma contradição em termos, uma impossibilidade, um quebra-cabeças do piorio. Já agora, que se imagine um cavalo de corrida sem patas, ou um pardal sem asas.

Não avançava. Quinta-feira saí para um grande passeio a pé, na esperança de que apanhar ar me desanuviasse a cabeça. Pouco passava do meio-dia quando parei na tabacaria para me reabastecer, e o Auggie estava atrás do balcão como sempre. Perguntou-me como é que eu estava. Sem ter essa intenção, acabei por desabafar com ele falando dos meus problemas. «Uma história de Natal?», disse ele, quando eu acabei. «É só isso? Se me levar a almoçar, meu amigo, conto-lhe a melhor história de Natal que já ouviu. E garanto-lhe que é toda verdadeira».

Fomos até ao fundo da rua, ao *Jack's*, uma cafetaria apinhada e barulhenta, que tinha boas sanduíches de *pastrami* e fotografias de antigas equipas dos Dodgers na parede. Arranjámos uma mesa ao fundo, pedimos o que queríamos comer e o Auggie lançou-se na história.

— Foi no Verão de setenta e dois — disse. — Entrou-me um miúdo, uma manhã, e pôs-se a roubar coisas na loja. Devia ter aí uns dezanove, vinte anos, e acho que nunca tinha visto na minha vida um ladrão com

tanta falta de jeito. Posta-se ali ao pé do expositor dos livros de bolso na parede do fundo e põe-se a encher de livros os bolsos da gabardina. Nessa altura havia imensa gente ao pé do balcão e eu não o vi logo. Mas assim que percebi o que é que ele estava a tramar, pus-me aos gritos. Ele largou a correr que nem uma lebre e quando eu consegui sair de trás do balcão, já ele ia desembestado pela Atlantic Avenue abaixo. Fui atrás dele aí até meio do quarteirão, e depois desisti. Ele tinha deixado cair qualquer coisa no caminho, e como já não me apetecia correr mais, baixei-me para ver o que seria.

Acontece que era a carteira dele. Não tinha dinheiro, mas havia a carta de condução dele e mais umas três ou quatro fotografias. Acho que podia ter chamado a polícia e tê-lo mandado prender. Tinha o nome e a morada na carta de condução, mas tive um bocado de pena dele. Era um desgraçado, todo marcado das bexigas e assim que olhei para as fotografias que trazia na carteira, já não consegui sentir-me muito zangado com ele. Robert Goodwin. Era o nome. Numa das fotografias estava de pé, com o braço por cima dos ombros da mãe, ou avó. Noutra, estava sentado, aos nove ou dez anos, equipado para o *baseball*, com um grande sorriso. Não tive coragem. Agora devia drogar-se, imaginei eu. Um miúdo pobre de Brooklyn sem grandes perspectivas e qual era a importância de dois livros de bolso merdosos?

Portanto, fiquei com a carteira. De vez em quando sentia uma certa vontade de lha mandar, mas fui sempre adiando e nunca fiz nada. E então chega o Natal e eu fico sem nada que fazer. O patrão costuma convidar-me lá para casa no Natal, para passar o dia, mas nesse ano estava com a família lá em baixo na Flórida a visitar

uns parentes. E eu estou em casa, nessa manhã, e sinto-me um bocado em baixo, com pena de mim, e vejo a carteira do Robert Goodwin numa prateleira da cozinha. E penso, olha, c'o catano, já agora porque não faço uma coisa bem feita, só desta vez, e visto o casaco e saio para ir devolver a carteira em pessoa.

A morada era ali para Boerum Hill, algures na zona da habitação social. Estava um frio de rachar, e lembro-me de que me perdi umas quantas vezes à procura do prédio. Aquilo parece tudo igual, e a gente anda para ali às voltas no mesmo sítio a pensar que se está noutro. Mas pronto, finalmente lá chego ao andar que procurava e toco à campainha. Não acontece nada. Concluo que não está ninguém em casa, mas toco outra vez, só para ter a certeza. Espero mais um bocadinho e quando estava mesmo a desistir, oiço alguém que vem a arrastar os pés em direcção à porta. Uma voz de velha pergunta quem é, e eu digo que ando à procura do Robert Goodwin.

— És tu, Robert?— diz a velha, e desaferrolha aí umas quinze fechaduras e abre a porta. Tem uns oitenta anos no mínimo, talvez mesmo noventa, e a primeira coisa em que reparo é que ela é cega. — Tinha a certeza de que virias, Robert — diz ela. — Sabia que não ias esquecer a tua avó Ethel no Natal. — E abre os braços como se me fosse abraçar.

Não tinha muito tempo para pensar, compreende. Tive de dizer logo qualquer coisa, e antes de tomar consciência do que se estava a passar, ouvi as palavras saírem-me da boca.

— É mesmo, avó Ethel. — disse — Voltei para a ver no Natal.

Não me pergunte por que o fiz. Não faço ideia nenhuma. Talvez não quisesse desiludi-la ou coisa assim, não sei. Foi assim que me saíu, e de repente a velhinha abraçava-me ali à porta e eu abraçava-a a ela.

Não lhe disse exactamente que era o neto dela. Ou pelo menos não lho disse com todas as letras, mas ficou implícito. Não estava a tentar enganá-la. Era uma espécie de jogo que tínhamos decidido jogar os dois – sem ter de discutir as regras. Ou seja, a mulher sabia que eu não era o neto dela, o Robert. Estava velha e um bocado cheché, mas não estava assim tão passada para o outro lado que não soubesse a diferença entre um estranho e a carne da sua carne. Mas estava toda contente a fingir, e já que eu não tinha nada de melhor para fazer, também achei por bem alinhar com ela.

Portanto, entrámos no apartamento e passámos o dia juntos. A casa estava uma completa lixeira, acrescento já agora, mas não se pode esperar outra coisa de uma cega a fazer a limpeza. De cada vez que me perguntava como é que eu estava, mentia-lhe. Disse-lhe que tinha arranjado um emprego numa tabacaria, disse-lhe que me ia casar, contei-lhe uma novena de histórias bonitas, e ela fazia de conta que acreditava em tudo.

– Que bom, Robert! – dizia, acenando com a cabeça e sorrindo – Sempre soube que te ias sair bem.

Daí a bocado, comecei a ficar cheio de fome. Não parecia haver muita comida em casa, fui a uma loja ali do bairro e trouxe uma data de coisas. Um frango já pronto, sopa de legumes, uma embalagem de salada de batata, um bolo de chocolate, toda a casta de coisas. A Ethel tinha umas duas garrafas de vinho escondidas no quarto e juntando tudo lá conseguimos atamancar

um jantar de Natal bastante decente. Ficámos os dois um bocadito tontos com o vinho, lembro-me eu, e quando acabámos de comer fomo-nos sentar na sala, onde as cadeiras eram mais confortáveis. Tive de ir fazer chichi, pedi licença e fui à casa de banho ao fundo da entrada. Foi aí que as coisas deram outra reviravolta. Já era um disparate pegado estar para ali com aquela cena de me fazer passar pelo neto de Ethel, mas o que eu fiz a seguir foi completamente louco, e nunca mo perdoei.

Entro na casa de banho, e empilhadas contra a parede ao lado do chuveiro, vejo umas seis ou sete máquinas fotográficas. Máquinas de trinta e cinco milímetros novinhas em folha, ainda nas caixas, mercadoria de primeira. Percebo que isto é obra do verdadeiro Robert, um lugar onde armazenou os roubos mais recentes. Nunca tinha tirado uma fotografia na vida, e nem por sombras alguma vez tinha roubado alguma coisa, mas assim que vejo as máquinas ali na casa de banho, decido que quero uma para mim. Assim, sem mais aquelas. E sem sequer parar para pensar, meto uma das caixas debaixo do braço e volto para a sala.

Não demorei senão uns minutos, mas nesse tempo a avó Ethel adormecera na cadeira. Demasiado Chianti, acho eu. Fui à cozinha lavar os pratos, e ela continuou a dormir com aquela barulheira toda, ressonando como um bebé. Não havia razão para a incomodar, e decidi ir-me embora. Nem sequer podia escrever uma notazinha a despedir-me, já que ela era cega, e portanto, saí, sem mais nada. Pus a carteira do neto dela em cima da mesa, peguei outra vez na máquina, e saí do apartamento. E é o fim da história.

– E voltou lá alguma vez, para a ver? – perguntei.

— Uma vez — disse ele — aí uns três ou quatro meses depois. Senti-me tão mal por ter roubado a máquina, que nem sequer a tinha usado ainda. Finalmente decidi-me a devolvê-la, mas a Ethel já lá não estava. Não sei o que lhe aconteceu, mas alguém se mudou para o apartamento, e não me soube dizer onde é que ela estava.

— Provavelmente, morreu.

— Sim, provavelmente.

— O que quer dizer que passou o último Natal dela consigo.

— Acho que sim. Nunca tinha pensado nisso.

— Foi uma boa acção, Auggie. Foi uma coisa bem feita que fez por ela.

— Menti-lhe e depois roubei-a. Não percebo como é que lhe pode chamar uma boa acção.

— Fê-la feliz. E, de qualquer maneira, a máquina era roubada. Não é bem como se a pessoa a quem a tirou fosse mesmo o dono.

— Tudo pela arte, não é, Paul?

— Não diria tanto. Mas ao menos deu um bom uso à máquina.

— E agora já tem a sua história de Natal, não é?

— É — disse eu. — Acho que sim.

Fiz uma pausa, a observar o Auggie, enquanto um sorriso malandro se lhe espalhava na cara. Não pude ter a certeza, mas a expressão dos olhos dele nesse momento era tão misteriosa, tão cheia do brilho de um deleite interior, que de repente me ocorreu que ele tivesse inventado aquilo tudo. E ia perguntar-lhe se ele me tinha estado a gozar, mas percebi então que nunca mo diria. Tinha sido levado a acreditar nele e era a única

coisa que tinha importância. Desde que haja uma pessoa que acredite, não há história que não possa ser verdadeira.

– É dos bons, Auggie – disse. – Obrigado pela ajuda.

– Sempre às ordens – respondeu, olhando-me ainda com aquela luz maníaca nos olhos. – Afinal, se não se pode contar os segredos aos amigos, que amigos é que nós somos?

– Fico-lhe a dever um favor.

– Não, não fica. Escreva lá tudo como eu lhe contei, e não me fica a dever nada.

– Fora o almoço.

– É isso. Fora o almoço.

Retribuí o sorriso do Auggie com um sorriso dos meus, e depois chamei o empregado e pedi a conta.

AGRADECIMENTOS

A João Bénard da Costa, pela disponibilidade e eficiência com que acolheu a ideia de um ciclo de *Ficções de Filmes* na Cinemateca Portuguesa – Museu de Cinema a decorrer durante todo o mês de Julho de 2005. E a André Fernandes Jorge, António Escudeiro, António Feijó, António Pedro Vasconcelos, António Pescada, Carlos Veiga Ferreira, Cecília Andrade, Dolores Soler, Eduardo Brum, Fernando Cabral Martins, Francisco de Pablo, Francisco Vale e Vasconcelos, Helena Conceição, Inga Gullander, Instituto Sueco, Agneta Markas, João Barrento, João Lopes, João Manuel Barreiros, João Nuno Martins, João Paulo Moreira, João Pedro Leão, Jorge Silva Melo, José Afonso Furtado, José Lima, José Maria Vieira Mendes, José Miranda Justo, Lúcia Jorge, Manuel Alberto Valente, Manuel Brito, Manuel Cintra Ferreira, Margarida Gil, Maria Pia Gama Carneiro, Maria Velho da Costa, Mário de Carvalho, Paul Auster, Paulo Branco, Pedro Borges, Pedro Moura, Ricardo Pais, Sérgio Godinho

Todos os contos publicados na revista *Ficções* têm direitos de autor, da revista, dos editores ou dos próprios autores. Estes contos apenas podem ser usados com autorização expressa dos detentores dos direitos e de acordo com a legislação geral sobre direitos de autor.

Foram feitos esforços para localizar todos os titulares de direitos ainda em vigor. Ficções agradece as informações que lhe sejam enviadas sobre eventuais omissões ou erros, que serão corrigidos num próximo número da revista.

FICÇÕES nº 1 (1º semestre de 2000)

Edgar Allan Poe | Machado de Assis | Anton Tchekov | Italo Svevo |
Paul Auster | Agustina Bessa-Luís | Jaime Rocha | Fernanda Cachão |
Pedro Mexia

FICÇÕES nº 2 (2º semestre de 2000)

Denis Diderot | Horace Walpole | Franz Kafka | Vladímir Nabókov | Maria
Velho da Costa | Teresa Veiga | Isabel Boavida | Cláudia Clemente

FICÇÕES nº 3 (1º semestre de 2001)

Guy de Maupassant | Herman Melville | S. Y. Agnon | Dino Buzatti | Mário
de Carvalho | José Eduardo Aqualusa | Mendes A. | José Luís Peixoto

FICÇÕES de férias (Julho de 2001)

Anton Tchekov | M. Teixeira Gomes | Ernest Hemingway | Vladímir
Nabókov | Flannery O'Connor | John Cheever | Julio Cortázar | Clarice
Lispector | John Updike | David Lodge

FICÇÕES nº 4 (2º semestre de 2001)

Ambrose Bierce | Henry James | Gertrude Stein | Marcel Aymé | Margaret
Atwood | Armando Silva Carvalho | Hélia Correia | Tiago Salazar

FICÇÕES nº 5 (1º semestre de 2002)

Heinrich von Kleist | Tommaso Landolfi | Jorge de Sena | Susan Sontag | Hans
Dekkers | José Mourão | Brigitte Martinez

FICÇÕES de comer (Julho de 2002)

Marcel Schwob | O. Henry | M. Teixeira Gomes | Robert Walser | Heinrich
Böll | William Maxwell | José Cardoso Pires | Dino Buzzati | Woody
Allen | Graham Greene | István Örkény | Patricia Highsmith | Andre
Dubus | Kazuo Ishiguro

FICÇÕES nº 6 (2º semestre de 2002)

Voltaire | Conde de Ficalho | Edith Wharton | Franz Kafka | Vladímir
Nabókov | Natalia Ginzburg | Kóstas Takhtzís | Giuseppe Pontiggia | Mary Lydon

FICÇÕES de humor (Abril de 2003)

Boccaccio | Marquês de Sade | Fiódor Dostoievski | O. Henry | Jerome K.
Jerome | Saki | P. G. Wodehouse | Enrique Jardiel Poncela | Ring Lar-
dner | Dezsó Kosztolányi | James Thurber | Boris Vian | Mario Bene-
detti | Woody Allen | Raymond Queneau | Alexandre O'Neill

FICÇÕES nº 7 (1º semestre de 2003)

Guy de Maupassant | Katherine Mansfield | Robert Musil | Georges Perec | Maria Ondina Braga | André Ricardo Aguiar

FICÇÕES de bichos (Julho de 2003)

Machado de Assis | Aquilino Ribeiro | Virginia Woolf | Graciliano Ramos | Carlos de Oliveira | Bernard Malamud | Jorge de Sena | Ingeborg Bachmann | Agustina Bessa-Luís | Panos Karnezis | Maria Velho da Costa

FICÇÕES nº 8 (2º semestre de 2003)

Ramalho Ortigão | Villiers de L'Isle-Adam | Elisabeth Bishop | Ray Bradbury | Doris Lessing | Augusto Abelaira | José Rodrigues Miguéis

FICÇÕES nº 9 (1º semestre de 2004)

Prosper Mérimée | Leopold von Sacher-Masoch | Júlio Dantas | Cesare Pavese | Hannes Pétursson | Fernando Sorrentino | Robert Coover | Óscar de Sá | Artur Manuel Pires

FICÇÕES de guerra (Julho de 2004)

Alexandre Herculano | Villiers de L'Isle-Adam | Rudyard Kipling | William Carlos Williams | Andrei Plátónov | Graham Greene | José Martins Garcia | Giuseppe Pontiggia

FICÇÕES nº 10 (2º semestre de 2004)

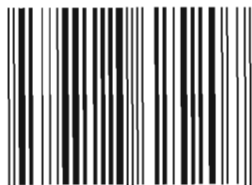
Guy de Maupassant | H. G. Wells | Zhang Tiany | Jane Bowles | E. M. Forster | John Updike | Ingo Schulze

FICÇÕES nº 11 (1º semestre de 2005)

André Gide | Witold Gombrowicz | Italo Calvino | Albert Camus | Ethan Coen | Gianni Celati

A Ficções do Verão de 2005 é constituída por uma série de contos que serviram de inspiração a, ponto de partida para ou quase guião de outras tantas longas metragens. Gérard de Nerval, o romântico hipersensível e alucinado que viveu, como disse o seu amigo de sempre Théophile Gautier, tão intensamente na fantasia que a realização dela nada lhe traria de novo, perseguiu nesta *Pandora* o mito da mulher fatal. É uma “amostra” da escrita de Nerval, de um humor a um tempo ligeiro e sombrio, mas longe, em complexidade, das alturas de *La Main Enchantée* ou de *Annelida ou le Rêve et la Vie*. A tradução é de João Nuno Martins. Dostoiévski dá-nos em *Submissa* um outro retrato, bem diferente, de mulher. Íntegra, amante, dedicada, a submissa é deliberadamente destruída pelo sadismo túbio de um marido de circunstância. O texto é talvez um dos mais complexos e finos de Dostoiévski, quase um estudo de caso, uma análise passo a passo da construção e aniquilação de uma relação amorosa. A tradução, do russo, é de António Pescada. O conto de Hemingway, traduzido por Alexandre Pinheiro Torres nos anos sessenta, descreve com extraordinária rarefacção uma tragédia em três tempos. *Os assassinos*, da colecção *Homens sem mulheres*, foi duas vezes adaptado ao cinema. De Francis Scott Fitzgerald, José Lima traduziu *Babilónia revisitada*, a saga em tom discreto e angustiado de um homem a contas com o passado. É também este o tema da narrativa de Ingmar Bergman que serviu de base a *A paixão*. Mas o contido sofrimento do homem que se debate para reaver a filha é aqui substituído por uma exacerbada dança de exibição emocional quase latina, passada numa ilha sueca. A tradução, do original inédito sueco, é de Inga Gullander. De Jorge Luis Borges, escritor várias vezes adaptado ao cinema, incluímos *Tema do traidor e do herói*, do livro *Artifícios* (in *Ficções*). Borges apresenta-o como um argumento e o conto, muito breve, é uma espécie de sinopse de filme. A tradução é de José Colaço Barreiros. Paul Auster escreveu por encomenda para ser publicado no *New York Times* do dia de Natal de 1990, *A história de Natal de Anggie Wren*, que serviria de base aos filmes *Smoke* e *Blue in the Face*. A história, em tradução de Luísa Costa Gomes, é mais uma ilustração de um dos aspectos recorrentes do universo de Auster - os paradoxos da acção moral, que a tornam, tantas vezes, a um tempo vil e sublime.

ISBN 972-8625-20-0



9 789728 625207